

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de História

**Um Gabinete, um Museu,
um Centro de Artes Tradicionais no distrito de Évora**

**Evolução histórica, análise da colecção e proposta de
divulgação da sua história e acervo através de
uma exposição temporária.**

ANEXOS

HORTENSE ISABEL VERDADES CORDEIRO DOS SANTOS

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria Cardoso de Matos

Mestrado em Museologia

Outubro de 2005

“Esta dissertação não contém as críticas e sugestões feitas pelo júri”

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de História

**Um Gabinete, um Museu,
um Centro de Artes Tradicionais no distrito de Évora**

**Evolução histórica, análise da colecção e proposta de
divulgação da sua história e acervo através de
uma exposição temporária.**

ANEXOS

HORTENSE ISABEL VERDADES CORDEIRO DOS SANTOS

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria Cardoso de Matos

Mestrado em Museologia

Outubro de 2005



156956

“Esta dissertação não contém as críticas e sugestões feitas pelo júri”

Índice

Anexo 1. Gráficos

1. Visitantes entre 1968 (ano incompleto) e 1990.
2. Visitantes nacionais e estrangeiros entre 1968 (ano incompleto) e 1990.
3. Visitantes no ano de 1989.
4. Número de peças vendidas no Antigo Museu do Artesanato.
5. Número de peças emprestadas entre os anos de 1980 e 1991.
6. Espólio proveniente do antigo Museu do Artesanato, dividido por categorias.
7. Aquisições de peças para o Centro de Artes Tradicionais, divididas por categorias.
8. Proveniência das peças para a exposição do Centro de Artes Tradicionais.

Anexo 2. Imagens

1. Fachada do Celeiro Comum de Évora, 2004.
2. Interior do Celeiro Comum, 2004.
3. Interior do Celeiro Comum, Maio de 1962.
4. Aspecto da exposição, Junho de 1962.
5. Vitrina da exposição, Junho de 1962.
6. Aspecto da exposição (recriação de uma sala de jantar), 1997.
7. Aspecto da exposição (recriação de um quarto), 1997.
8. Aspecto da exposição (traje), 1997.
9. Aspecto da exposição (peles, cestaria, metais e alfaias agrícolas em miniatura), 1997.
10. Aspecto da exposição (alfaias agrícolas), 1997.
11. Aspecto da exposição (peças em cortiça, vime, madeira, esparto e fotografias), 1997.
12. Aspecto da exposição (trabalhos em buinho, ao fundo cerâmica do Redondo e talha de São Pedro do Corval), 1997.

13. Interior de vitrina de chocalhos, esquilas e guizos, 1997.
14. Interior de vitrina com peças em madeira, 1997.
15. Interior de vitrina com olaria de São Pedro do Corval, 1997.
16. Interior de vitrina com Barrística de Estremoz, 1997.
17. Interior de vitrina com cerâmica de Estremoz, 1997.
18. Aspecto da exposição (mobiliário tradicional e peças de cerâmica de Viana do Alentejo), 1997.
19. Aspecto da exposição (mobiliário e peças de cortiça), 1997.
20. Armazenamento do espólio nos Celeiros da E.P.A.C., 1999.
21. Armazenamento do espólio nos Celeiros da E.P.A.C., 1999.

Anexo 3. Desenhos

1. Layout geral do Centro de Artes Tradicionais, 2003.
2. Desenho de vitrina da exposição temporária, 2004.

Anexo 4. Documentos

A. Exposições de artesanato

1. Exemplo de peças existentes na exposição de artesanato de Junho de 1962.
2. Exemplos de peças existentes na exposição de artesanato de Julho de 1965.
3. Catálogo da Exposição “O Azinho, esse Desconhecido”, 1967.

B. Notícias

1. Notícia *Vamos ter em Évora um Museu de Arte Popular.*
2. Notícia *Magnífica exposição etnográfica e folclórica realizada em Évora e que deixou maravilhados os estrangeiros que nos visitaram.*
3. Notícia *O artesanato é a última moda da Europa e Évora está tentando com êxito, tornar-se centro dessa moda.*
4. Entrevista concedida por Armando Perdigão.

C. Inventário de 1996.

Anexo 5. Entrevistas

1. Maria Elisa Barriga (Funcionária do Antigo Museu do Artesanato).
2. Celso Mangucci (Coordenador do Projecto de Museologia).

Anexo 6. Inquéritos

- A. Modelo
- B. Artesãos
- C. Não Artesãos

Anexo 7. Guião de exposição

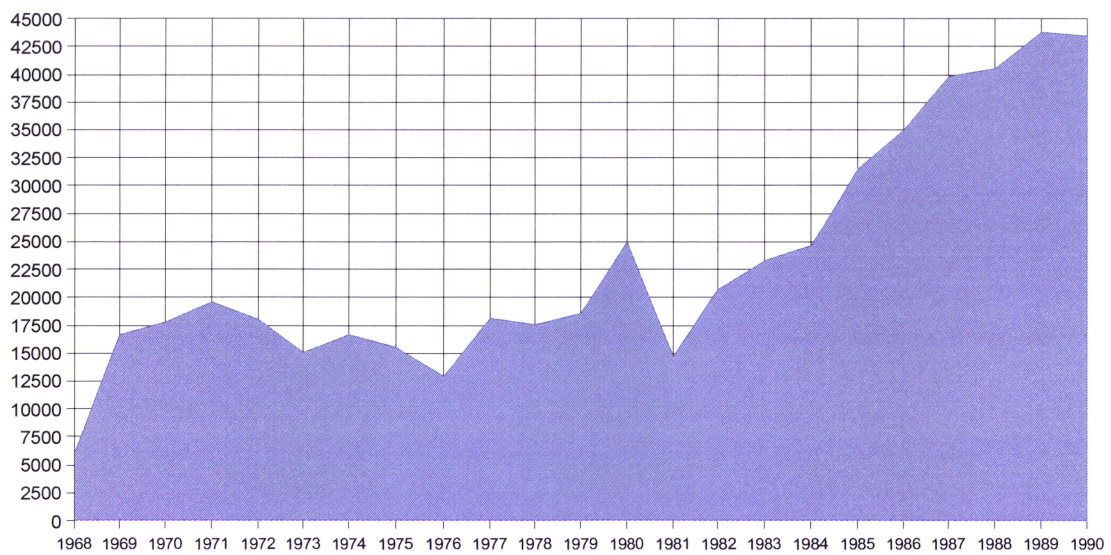
Anexo 8. Fichas de Inventário

- A. Peças do guião de exposição
- B. Peças do espólio

ANEXO 1. Gráficos

Gráfico 1

Número de visitantes do Antigo Museu do Artesanato

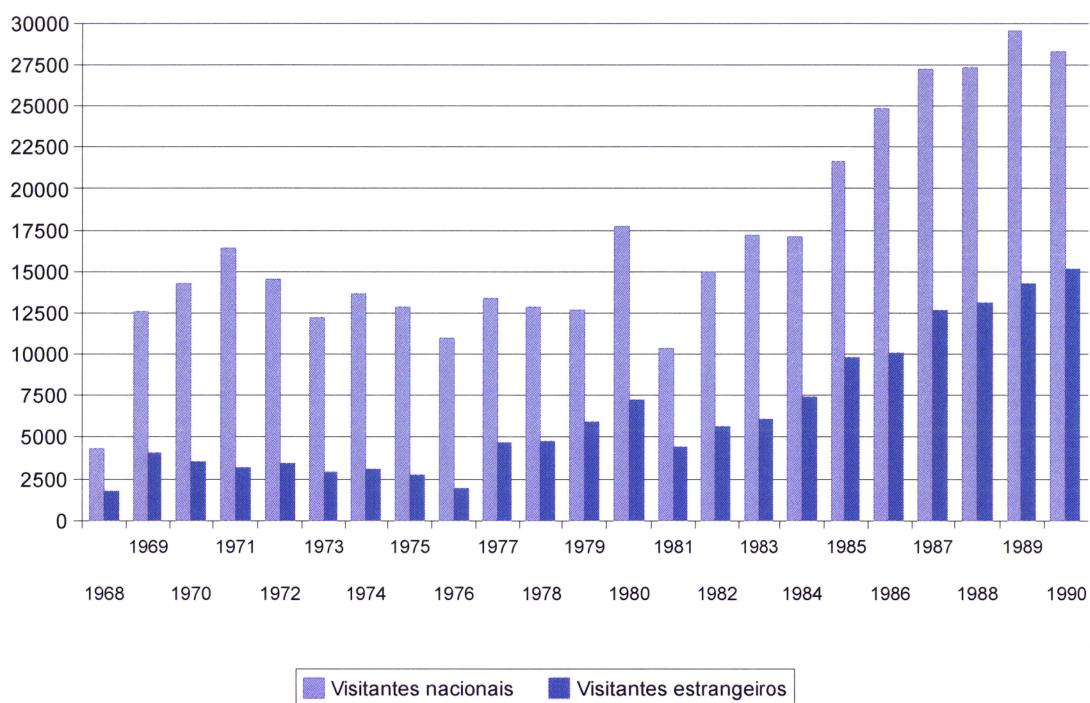


Visitantes entre 1968 (ano incompleto) e 1990.

Fonte: Arquivo do G.A.R.D.E., Pasta 27 “Registo de entrada de visitantes” (Região de Turismo de Évora).

Gráfico 2

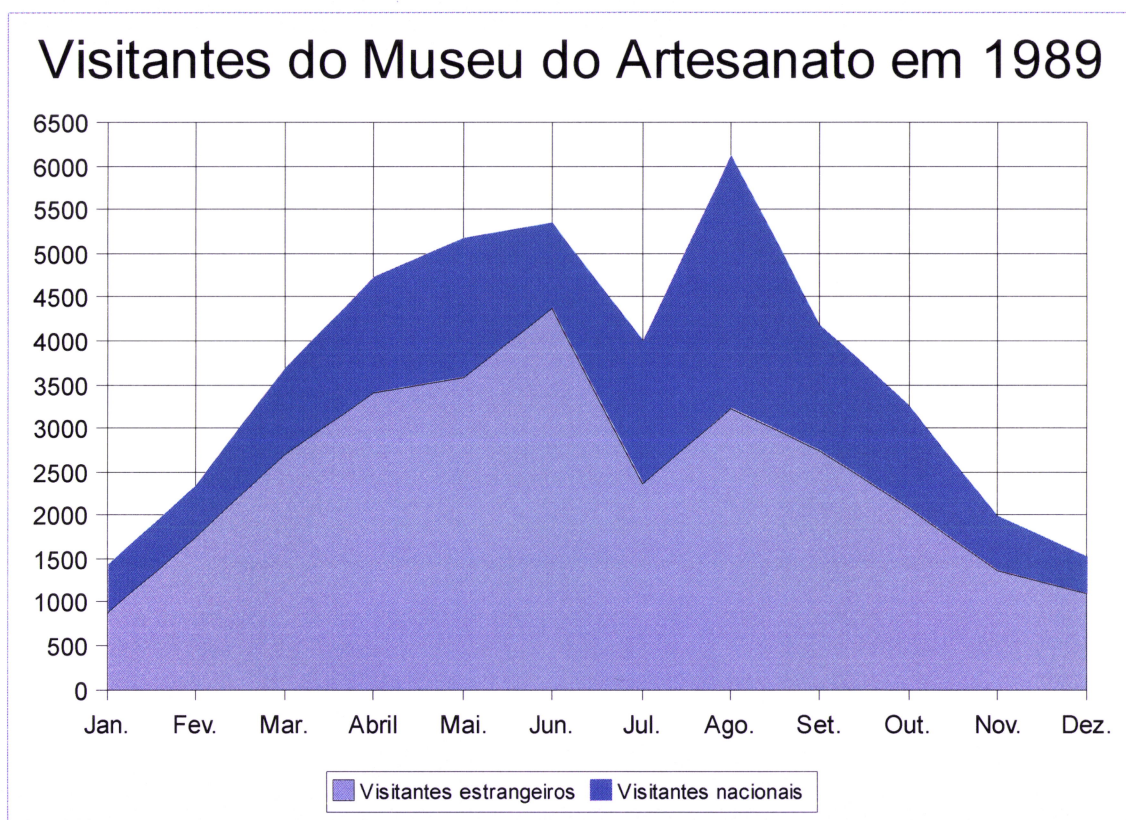
Visitantes nacionais e estrangeiros



Visitantes nacionais e estrangeiros entre 1968 (ano incompleto) e 1990.

Fonte: Arquivo do G.A.R.D.E., Pasta 27 “Registo de entrada de visitantes” (Região de Turismo de Évora).

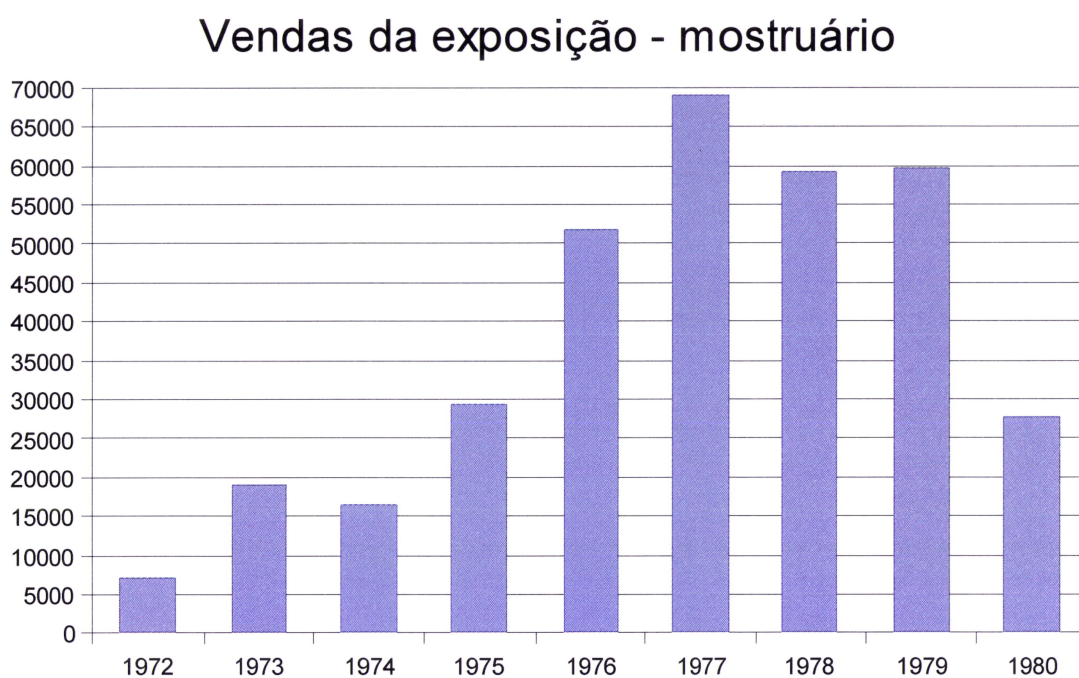
Gráfico 3



Visitantes no ano de 1989.

Fonte: Arquivo do G.A.R.D.E., Pasta 27 “Registo de entrada de visitantes” (Região de Turismo de Évora).

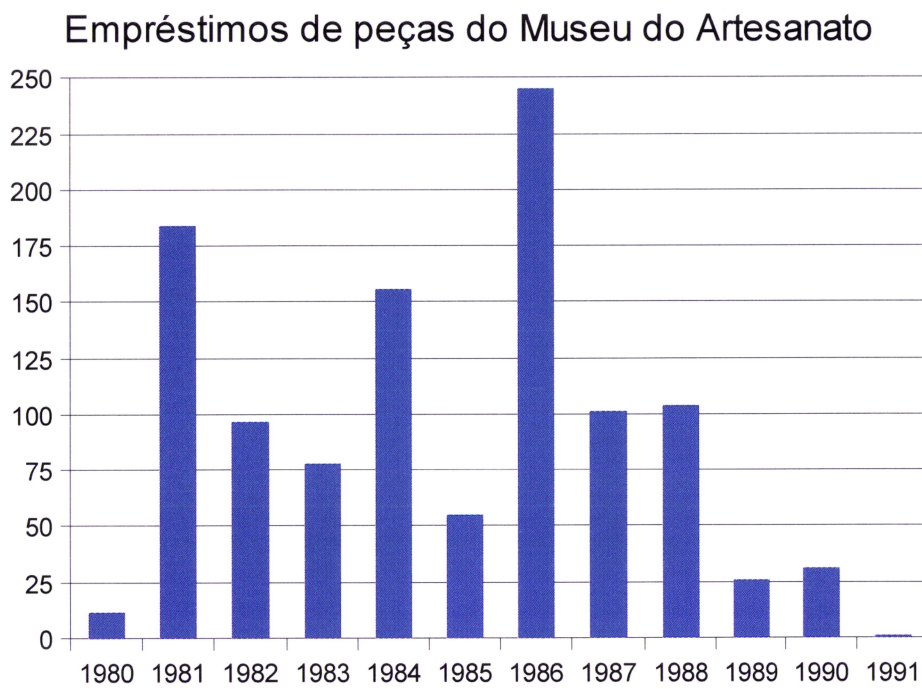
Gráfico 4



Número de peças vendidas no Antigo Museu do Artesanato.

Fonte: Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Assembleia Distrital de Évora, Secção J, Maço 4, Pasta “Vendas a dinheiro”.

Gráfico 5

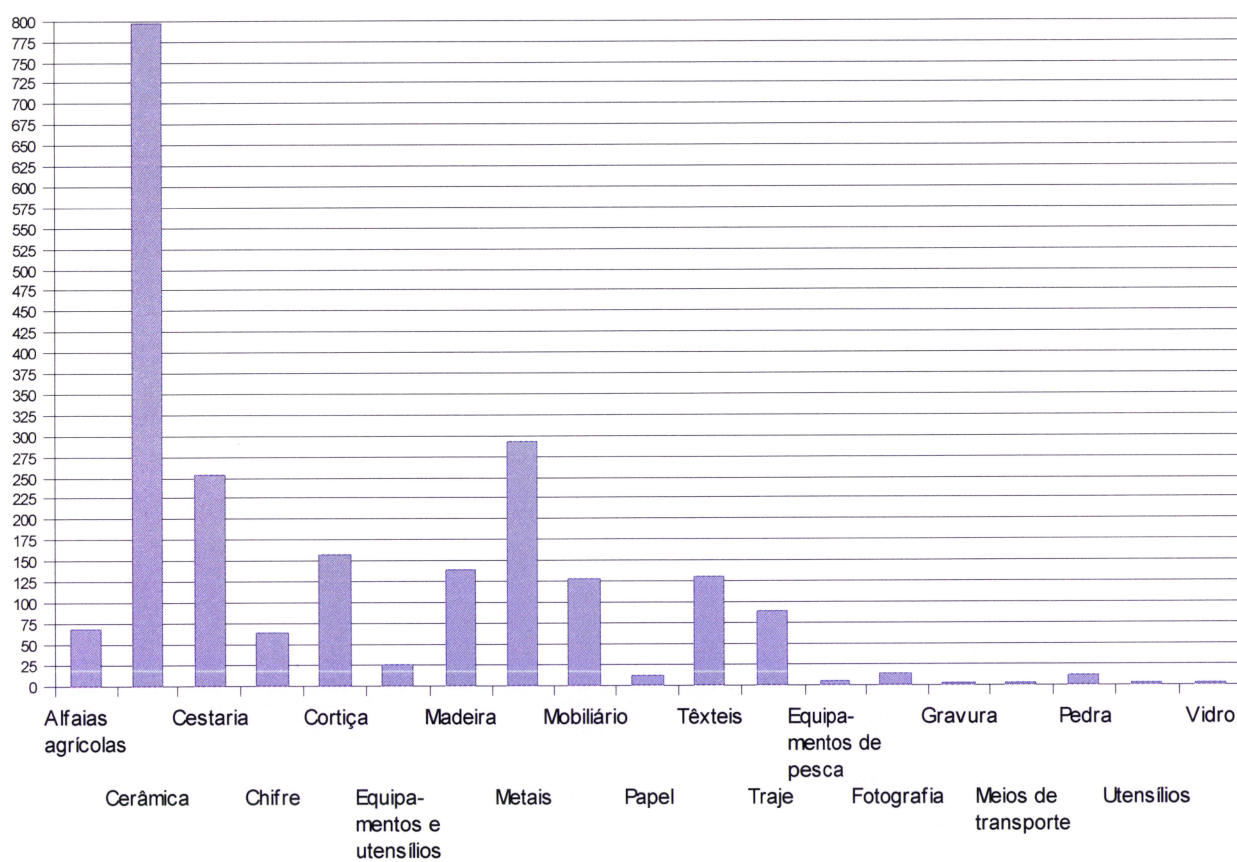


Número de peças emprestadas entre os anos de 1980 e 1991.

Fonte: Arquivo do G.A.R.D.E., Pasta 8 “Cedências e empréstimos” (Região de Turismo de Évora).

Gráfico 6

Caracterização do espólio do Museu do Artesanato

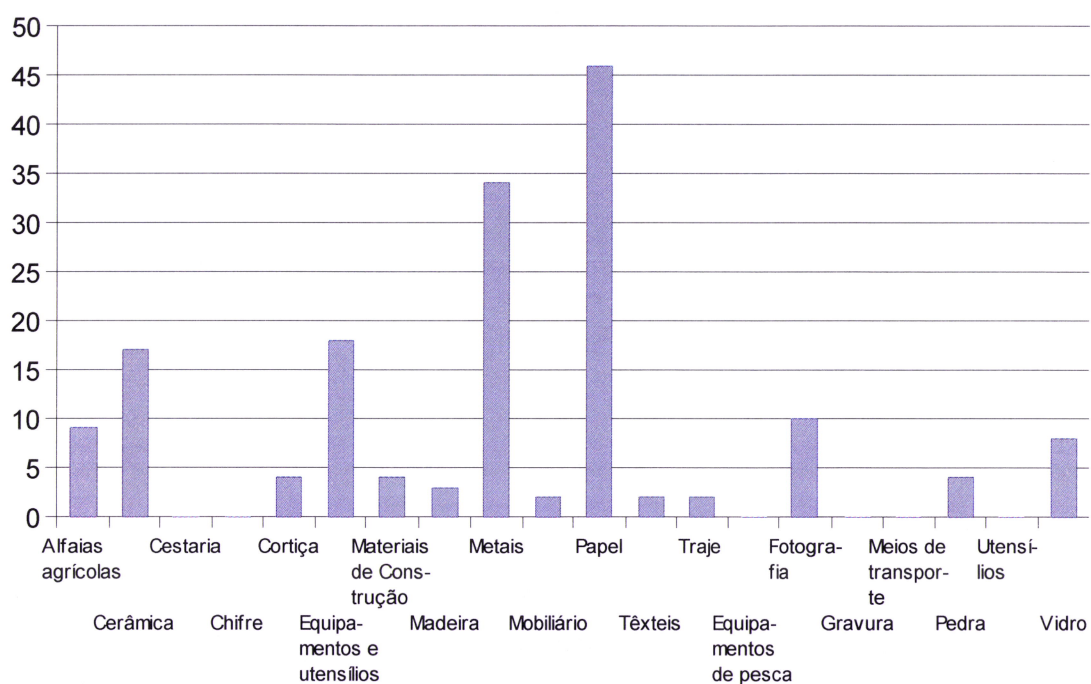


Espólio proveniente do antigo Museu do Artesanato, dividido por categorias.

Fonte: Inventário Matriz. (Região de Turismo de Évora).

Gráfico 7

Novas aquisições

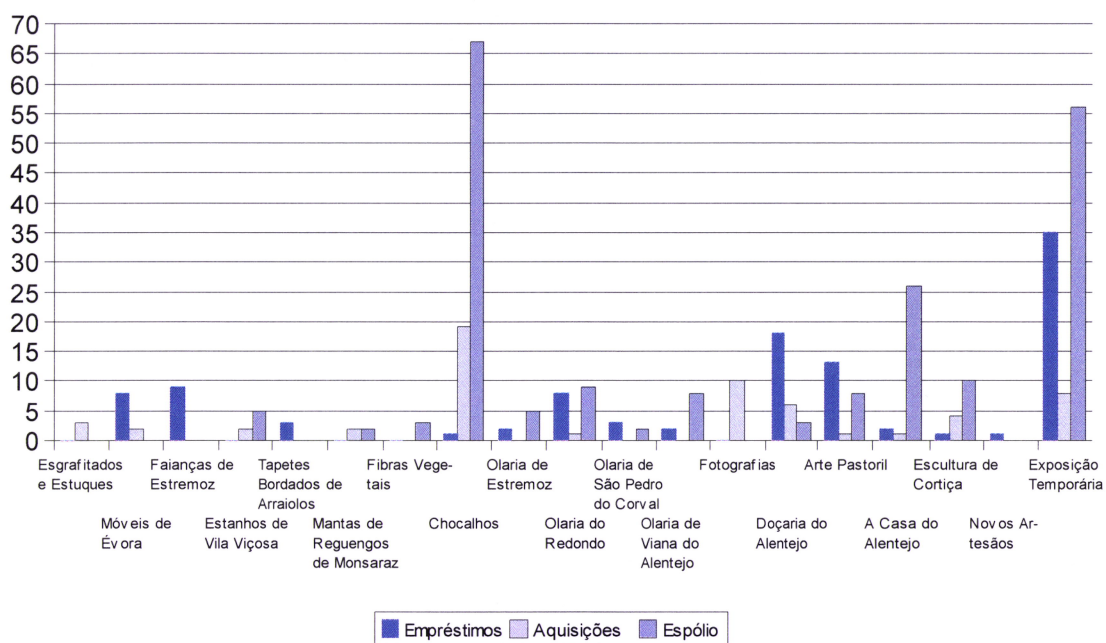


Aquisições de peças para o Centro de Artes Tradicionais, divididas por categorias.

Fonte: Inventário Matriz e Guião da Exposição (Região de Turismo de Évora).

Gráfico 8

Núcleos de exposição/ proveniência das peças



Proveniência das peças para a exposição do Centro de Artes Tradicionais.

Fonte: Inventário Matriz e Guião da Exposição (Região de Turismo de Évora).

ANEXO 2. Imagens



1.

Fachada do Celeiro Comum de Évora, 2004.

(Origem: Arquivo da Região de Turismo de Évora)



2.

Interior do Celeiro Comum de Évora, 2004.

(Origem: Arquivo da Região de Turismo de Évora)



3.

Interior do Celeiro Comum, Maio de 1962.

(Origem: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora, Autor David de Freitas)



4.

Aspecto da exposição, Junho de 1962.

(Origem: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora, Autor David de Freitas)



5.

Vitrina da exposição, Junho de 1962.

(Origem: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora, Autor David de Freitas)



6.

Aspecto da exposição (recriação de uma sala de jantar), 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



7.

Aspecto da exposição (recriação de um quarto), 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



8.

Aspecto da exposição (traje), 1997.

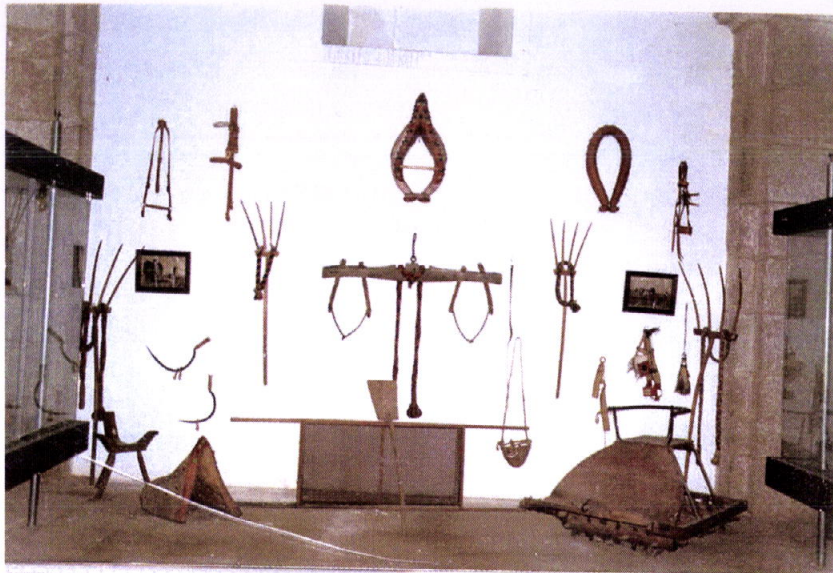
(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



9.

Aspecto da exposição (peles, cestaria, metais e alfaias agrícolas em miniatura),
1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



10.

Aspecto da exposição (alfaias agrícolas), 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



11.

Aspecto da exposição (peças em cortiça, vime, madeira, esparto e fotografias), 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



12.

Aspecto da exposição (trabalhos em buinho, ao fundo cerâmica do Redondo e talha de São Pedro do Corval), 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



13.

Interior de vitrina de chocalhos, esquilas e guizos, 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



14.

Interior de vitrina com peças em madeira, 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



15.

Interior de vitrina com olaria de São Pedro do Corval, 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



16.

Interior de vitrina com Barrística de Estremoz, 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



17.

Interior de vitrina com cerâmica de Estremoz, 1997.

(Origem: Pasta "Museu de Artesanato", Arquivo da Região de Turismo de Évora)



18.

Aspecto da exposição (mobiliário tradicional e peças de cerâmica de Viana do Alentejo), 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



19.

Aspecto da exposição (mobiliário e peças de cortiça), 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)



20.

Armazenamento do espólio nos Celeiros da E.P.A.C., 1999.

(Origem: Arquivo da Região de Turismo de Évora)

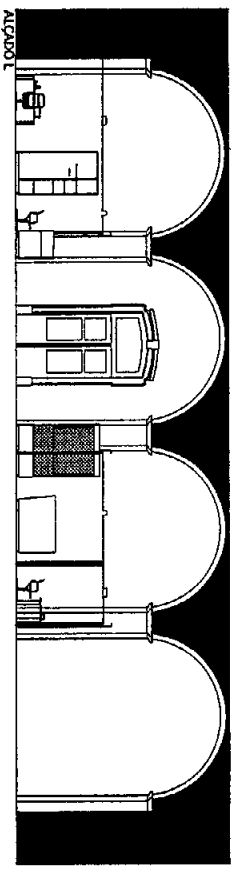
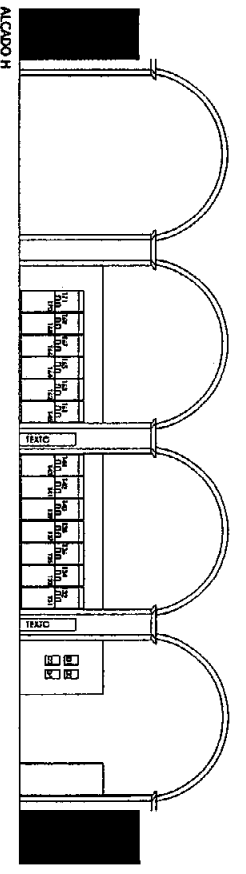
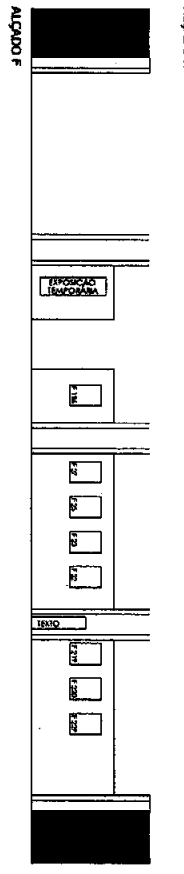
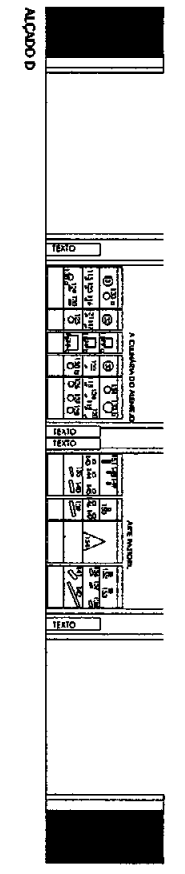
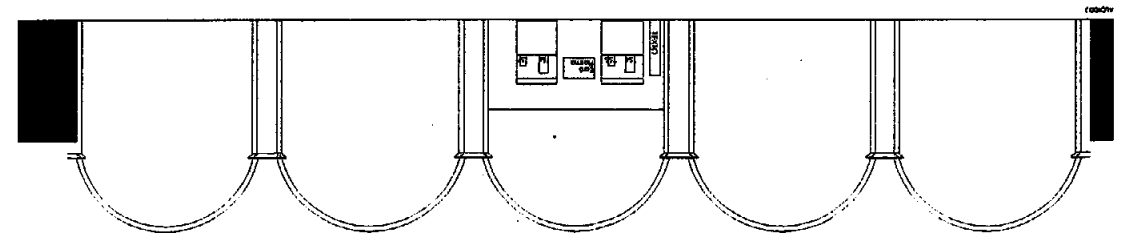
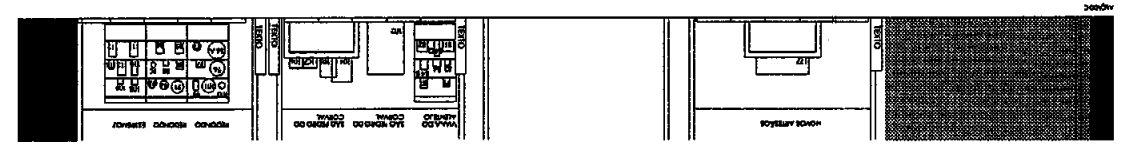
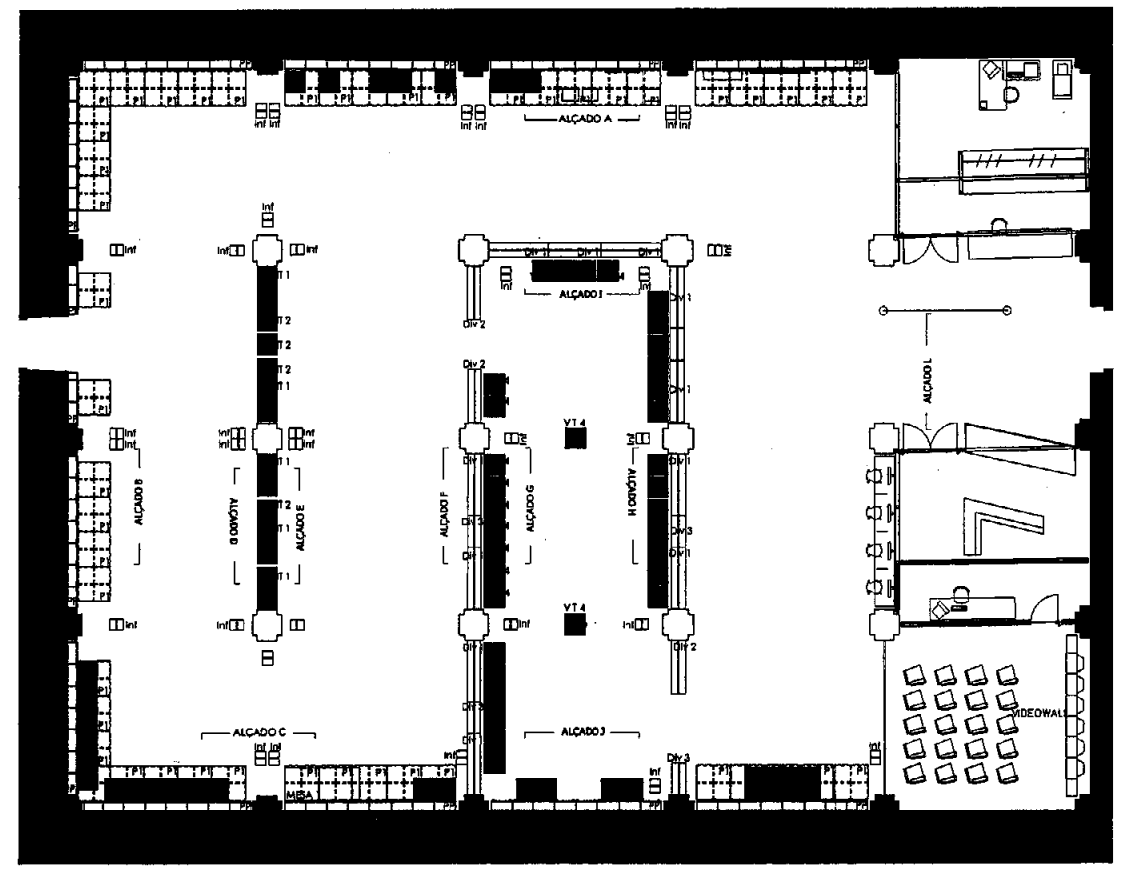
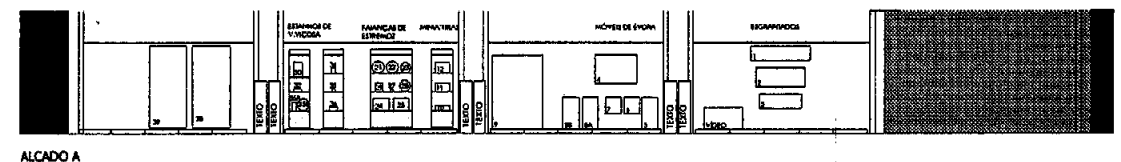
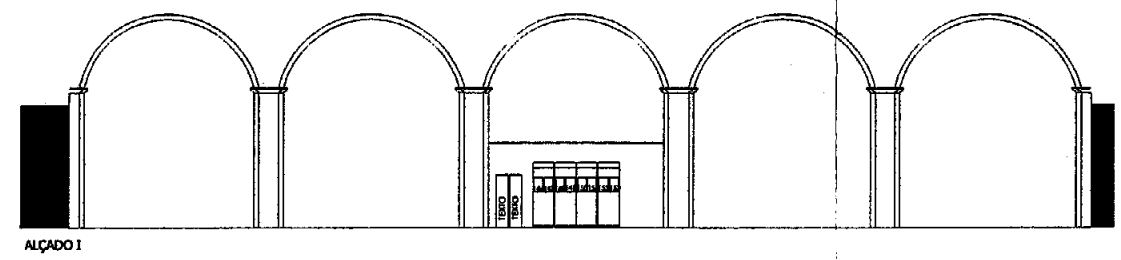
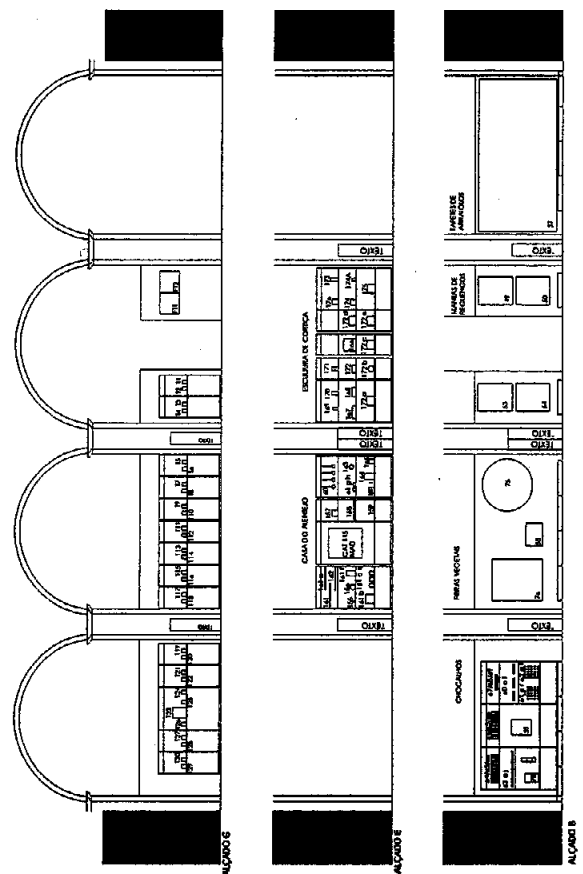


21.

Armazenamento do espólio nos Celeiros da E.P.A.C., 1999.

(Origem: Arquivo da Região de Turismo de Évora)

ANEXO 3. Desenhos



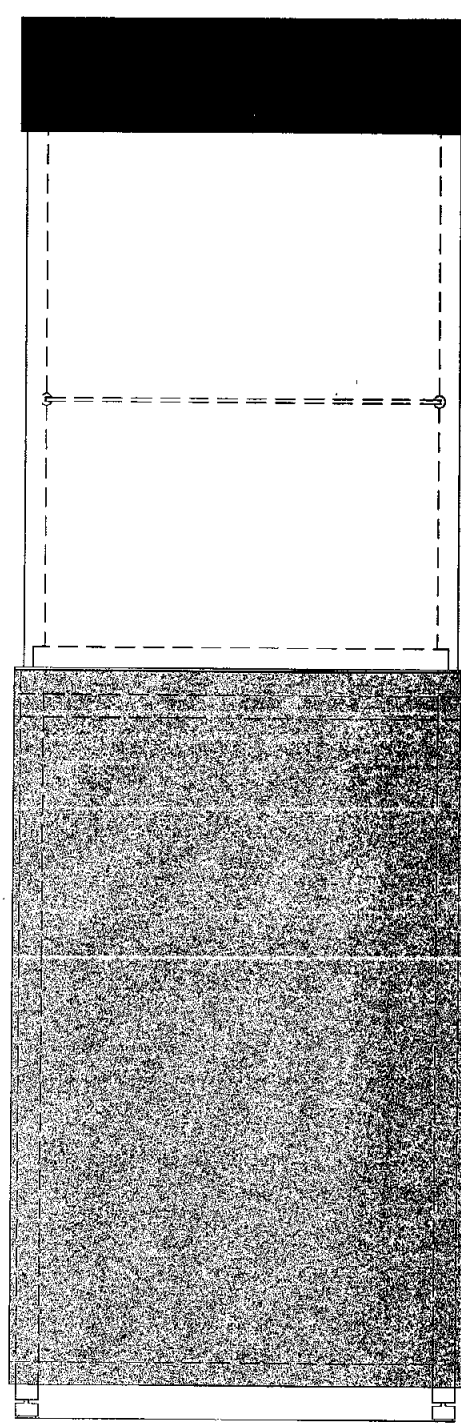
REGIÃO DE TURISMO DE ÉVORA	Projecto de Execução	1
MUSEU DISTRITAL DO ARTESANATO	ARQUITECTURA	
MUSEOLOGIA	AGO2003	
Planta e Alcôvos Interiores	ESC. 1:100	

A ESTE DESENHO APLICA-SE A LEI N.º 45/85 DE 17 DE SETEMBRO, O COD. DIR. AUTOR E DOS DIREITOS CONEXOS, REPRODUÇÃO PROIBIDA. C

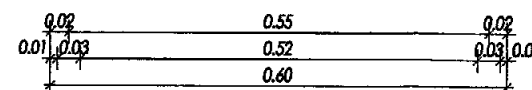
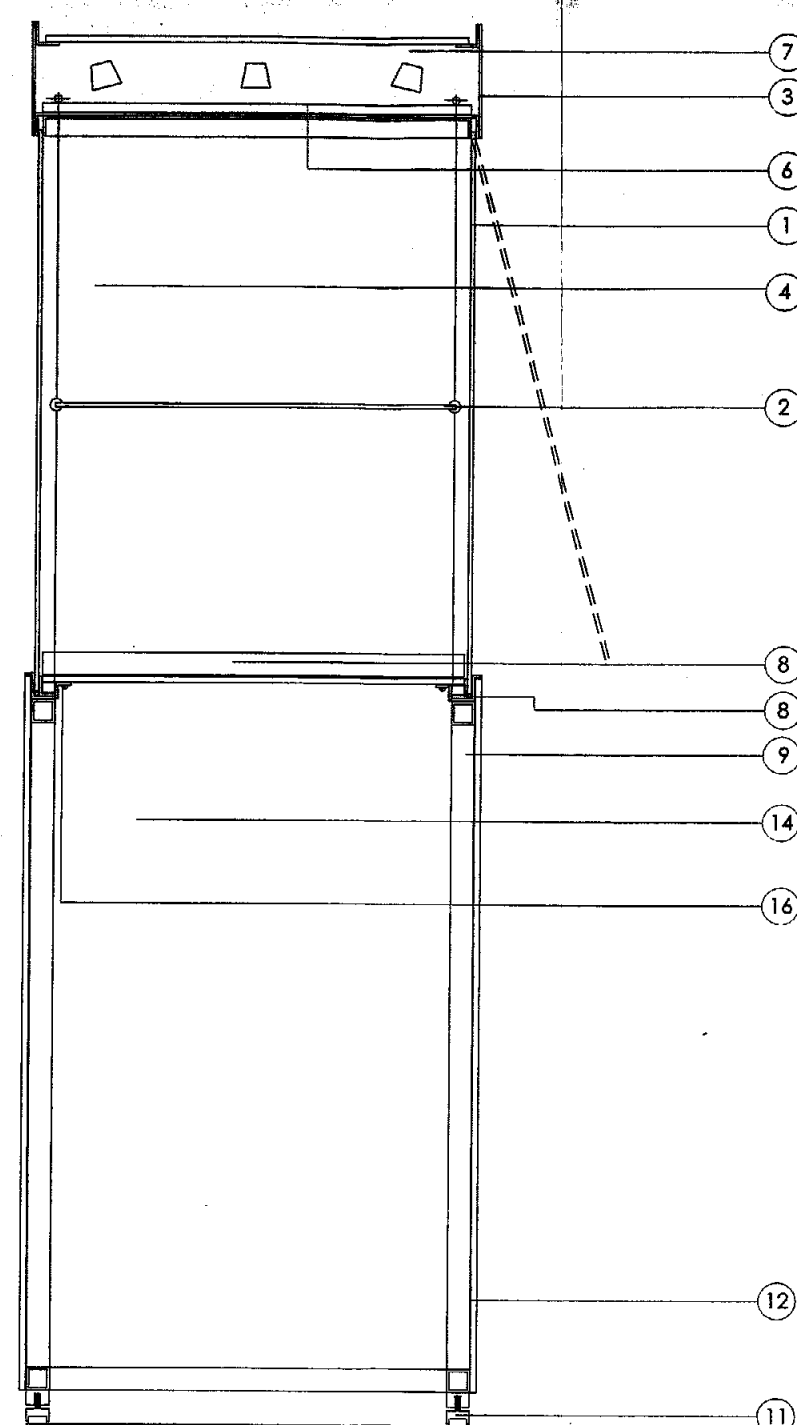
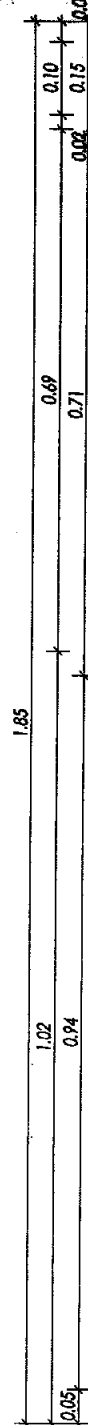
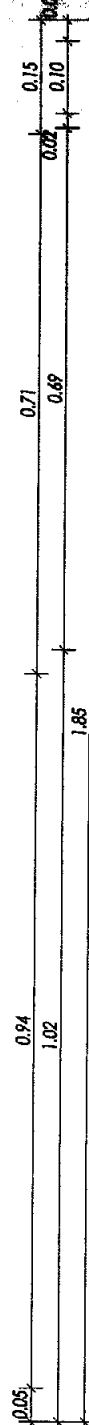
1.

Layout geral do Centro de Artes Tradicionais, 2003.

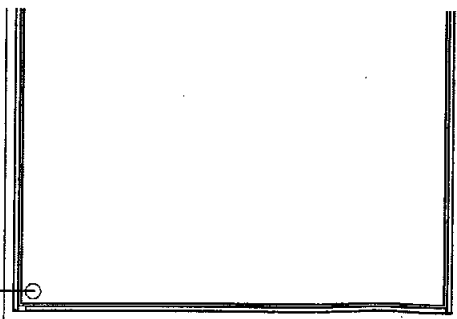
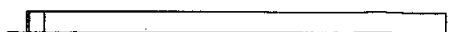
(Origem: **Projecto de Execução – Museografia/ Planta e alçados interiores**; Arq.to Jorge
Fragoso Pires)



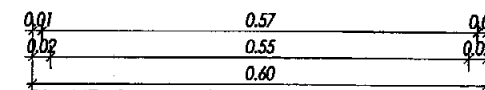
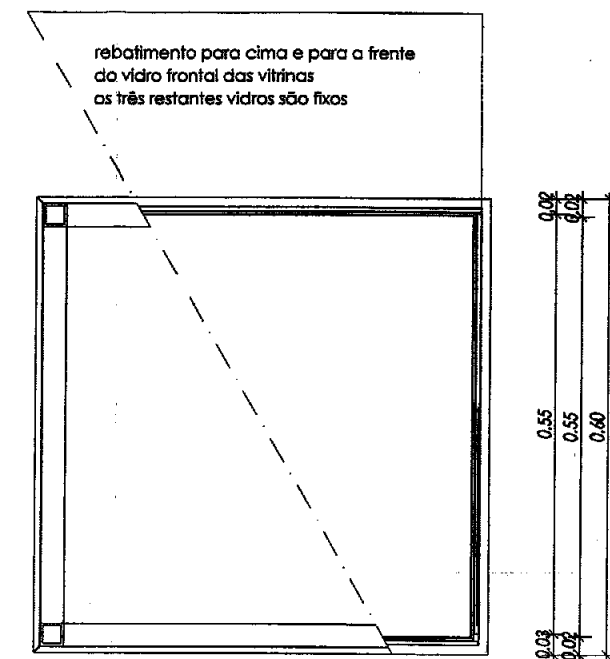
ALÇADO LATERAL E PRINCIPAL



CORTE TRANSVERSAL



FUNDO



PLANTAS DA BASE E DA VITRINA

LEGENDA

- ① vitrinas em vidro temperado 10mm com face anterior amovível acabamento liso com topos colados
- ② prateleira suspensa em vidro temperado acabamento liso com topos polidos e sem aresta
- ③ sanca em chapa de aço inox quinada AISI 304 acabamento escovado
- ④ suspensores da prateleira em cabo de aço inox com terminais reguláveis
- ⑤ grelha difusora em PVC quadriculado pintura a cinzento metalizado (ou gesso cartonado)
- ⑥ tampa em chapa de gesso cartonado perfurada pintado a branco (ou vidro fôsko)
- ⑦ iluminação directa e indirecta ver projecto específico
- ⑧ fundo (e costas) de vitrina em moldado de MDF forrado a feltro antracite segundo amostra
- ⑨ estrutura de apoio em perfis de ferro metalizados
- ⑩ perfis e chapas quinadas de aço inox acabamento escovado nas superfícies à vista
- ⑪ pés reguláveis em perfis de aço inox com fundo em PVC acabamento escovado e PVC cor cinza
- ⑫ revestimento da base em PARKLEX 1000 com topos à meia esquadria acabamento EBP escuro
- ⑬ espessador em madeira aparelhado e envernizado
- ⑭ fundo (e costas) de vitrina em poliuretano ou MDF forrado a feltro antracite segundo amostra
- ⑮ orifício para iluminação (ver acessório)
- ⑯ fixação com parafuso

NOTA : O PRESENTE ADITAMENTO É COMPLEMENTO DO PROJECTO DE EXECUÇÃO DE NOV2001

REGIÃO DE TURISMO DE ÉVORA		
EDIFÍCIO DO "REAL CELEIRO COMUM" . ÉVORA	Aditamento Projecto de Execução	5
Centro de Artes Tradicionais. Museografia	ARQUITECTURA	
PORMENORIZAÇÃO DE VITRINAS TIPO VIT 4	MAI2004	
Plantas, Alçados e Corte	ESC. 1:20	

2.

Desenho de vitrina da exposição temporária, 2004.

(Origem: **Projecto de Pormenorização das vitrinas**, Tipo VIT 4, Arq.to Jorge Fragoso Pires).

ANEXO 4. Documentos

Devido à variedade dos documentos, optou-se por dividir este anexo em três: O Anexo A é composto por relações de peças e catálogos de “Exposições de artesanato” organizadas pela Junta Distrital de Évora: a exposição no Celeiro Comum, de Junho de 1962, que permanece em 1965 e uma exposição de 1967; o Anexo B é constituído por “Notícias” do ano de 1962, enquanto o Anexo C é composto pelo “Inventário de 1996”, elaborado por Alexandre Pirata e Maria Elisa Barriga.

ANEXO A. Exposições de artesanato

**RELAÇÃO DAS PEÇAS DEVOLVIDAS À CÂMARA MUNICIPAL DE
REGUENGOS DE MONSARAZ**

Peças do Sr. Dr. Mário Perdigão Garcia da Costa Abegoaria

- 3 - Candeias
- 1 - Cadeira
- 1 - mesa
- 1 - Etagere
- 1 - Polvarinho
- 1 - Cavalo em ferro
- 1 - Espeto em ferro
- 1 - Alforge de couro
- 1 - Mochila de couro
- 2 - Tripeças
- 1 - Candelabro em ferro fundido
- 3 - Pratos de estanho
- 1 - Escalfeta
- 12 - Cegonhas
- 1 - Braseira e/ pá e suporte de ferro
- 1 - Chaleira
- 1 - Medalhão em ferro dourado
- 1 - Chocolateira em cobre
- 1 - Balde para gelo
- 1 - Salva em cobre
- 1 - Braseira
- 1 - Perfumador

Peças da Casa do Povo de S. Pedro do Corval

- 1 - Carroça miniatura
- 1 - Carro de .parelha miniatura
- 2 - Pratos de barro
- 1 - Cantarinha em barro
- 2 - Saladeiras em barro
- 2 - Caraças
- 1 - Arado em azinho
- 6 - Cornas
- 1 - Galheteiro em madeira recortada
- 6 - Colheres em madeira
- 1 - Poço em madeira
- 1 - Canga em azinho

Peças da Câmara Municipal

- 1 - Vaso com prato em barro vidrado
- 3 - Vasos em barro vidrado tamanhos diferentes
- 2 - Vasos em barro tosco (formato maior)

3 - Vasos em barro tosco (formato menor)

Peças do Sr. Carrapato & Balixa

- 1 - Bengaleiro em cobre
- 1 - Alambique pequeno em cobre
- 1 - Idem maior
- 1 - Alguidar em cobre
- 2 - Salvas em cobre

Peças do Sr. Francisco dos Santos

- 1 - Medida em cobre (antiga canada)
- 1 - Cantaro em cobre modelo antigo
- 1 - Idem
- 1 - Fogareiro em cobre modelo antigo
- 1 - Cafeteira em cobre modelo antigo
- 1 - Candieiro em latão modelo antigo
- 1 - Jarra de asas torcidas
- 1 - cinzeiro ferradura e/ alentejano
- 1 - Alentejano em latão
- 1 - Braseira cinzeiro com cupula
- 1 - Panela de 3 pés nº. 6
- 1 - Asado de cobre nº. 4
- 2 - Cantaros de cobre grandes
- 1 - Asado de cobre grande

Peças do Sr. Tomás Orrico Marcão

- 1 - Fogareiro em cobre
- 1 - Pote canelado em cobre
- 1 - Jarra de asas fundidas nº. 2

Peças da Firma Marcão & Irmão, Suc. Lda.

- 1 - Floreira em ferro forjado
- 2 - Bengaleiros em ferro forjado

Évora, 10 de Julho de 1962

1.

Exemplo de peças existentes na exposição de artesanato de Junho de 1962.

(Relação de peças devolvidas à Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, 10/7/1962;

Arquivo Distrital de Évora, Fundo da Assembleia Distrital de Évora, Secção E, Maço 45

“Feiras, Exposições, Diversos (1961-1969)”.

Fazer factura Nova
encaminhar ao Sr. D.º

Évora, 14 de Julho de 1965.

Relação de objectos que figuram na Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora, pagos por este Gabinete.

1	- Candeeiro em azinho - Mestre Costa		300\$00
1	- Candeeiro em azinho - Mestre Costa		200\$00
1	- Mesa de azinho - Mestre Costa		800\$00
1	- Carpete de pele c/ 1,80 m² - Custódio Machado		1 280\$00
1	- Samarra em pele fina - Custódio Machado		110\$00
1	- Cantaro de cobre n.º. 8 - F. Santos		250\$00
2	- Gomil em cobre - F. Santos - n.º. 1	250\$00	500\$00
1	- Jarro em cobre martelado - F. Santos - n.º. 2		250\$00
1	- Cafeteira em cobre - F. Santos - n.º. 6		180\$00
1	- Chaleira em cobre n.º. 5 - F. Santos		250\$00
1	- Chaleira em cobre n.º. 5 - F. Santos		250\$00
1	- Jarra em cobre c/asas quadradas - n.º. 1 - F. Santos		300\$00
1	- Panela de três pés em cobre n.º. 5 - F. Santos		250\$00
2	- Asados em cobre n.º. 5 - F. Santos	320\$00	640\$00
1	- Púcaro em cobre n.º. 3 - F. Santos		200\$00
2	- Jarras em cobre modelo loiça n.º. 1 - F. Santos	200\$00	400\$00
1	- Anfora em cobre antiga - F. Santos		300\$00
1	- Panela em cobre n.º. 6 - F. Santos		300\$00
1	- Cantaro em cobre n.º. 7 - F. Santos		200\$00
1	- Prato em cobre p/lavabo - F. Santos - N.º 2		40\$00
1	- Tacho em metal c/ 20. cm. Ø - F. Santos		100\$00
1	- Tacho em cobre - miniatura - n.º. 1 - F. Santos		25\$00
1	- Tacho em metal - miniatura - F. Santos		25\$00
1	- Caldeirão em cobre - miniatura - F. Santos		40\$00
1	- Cantaro em cobre - miniatura - F. Santos		50\$00
1	- Carpete de cisal - Maria José		600\$00
1	- Carpete de cisal - Maria José		300\$00
1	- Tapete de cisal c/ 40 x 35 - Maria José		40\$00
1	- Tapete em cisal c/ 80 x 34 - Maria José		70\$00
1	- Par de chinelas de cisal - Maria José		22\$50
1	- Alcova alentejana em cisal - Maria José		75\$00
1	- Cinto de 3 voltas em cisal - Maria José		12\$50
1	- Cinto de 4 voltas em cisal c/ rívela de metal - M. José		22\$50
1	- Cinto de 5 voltas em cisal - Maria José		17\$50
2	- Cirandas em vara de oliveira	30\$00	60\$00
1	- Alforge de esparto - Luis Ribeiro		120\$00
2	- Tripeças rústicas	25\$00	50\$00
2	- Cadeiras alentejanas de fundo móvel - M. Alentejana		240\$00
1	- Presépio em barro - Pacheco		150\$00
1	- Presépio em barro - Pacheco		250\$00
1	- Presépio em barro - Pacheco		500\$00
3	- Tubos de lareira - Capelins	100\$00	300\$00
1	- Carpete em pele c/pontos cardiais - Machado		230\$00
2	- Pratos em barro n.º. 6 - Pacheco	35\$00	70\$00
1	- Jardineira em barro - Pacheco		150\$00
1	- Imagem de N.ª. S.ª. da Conceição - Pacheco		350\$00
1	- Imagem de S. Pedro (placa) - Pacheco		60\$00
2	- Vasos c/ motivos alentejanos - Pacheco		100\$00
2	- Conjuntos de escravas em chifre - Charrua	50\$00	140\$00
1	- Leiteira em chifre - Charrua	70\$00	250\$00
1	- Passaro pequeno em chifre - Charrua		115\$00

2 - Base de lavatório em sobro - C.Pereira	40\$00	80\$00
1 - Burro em madeira de sobro - C.Pereira		90\$00
1 - Cocho c/ miniatura de cortiça - Portalegre		100\$00
1 - Presépio em cortiça - Portalegre		150\$00
1 - Carpete de boiinho - Ourives		250\$00

✓ - Livro n.º 10 - propaganda
 ✓ - Oros

2.

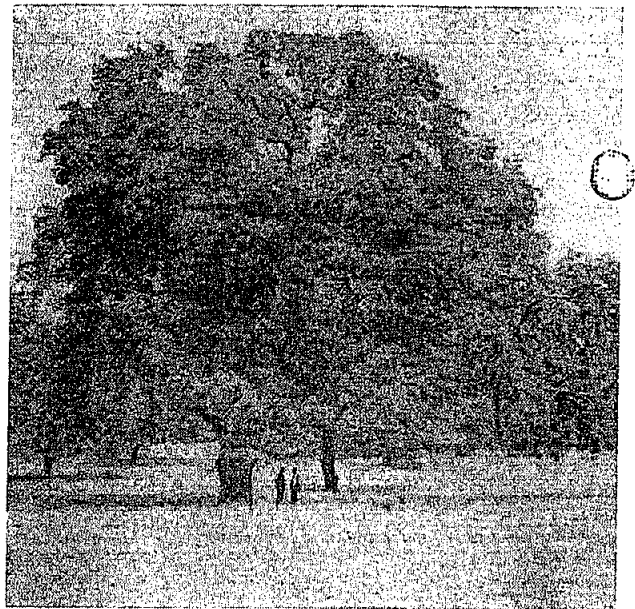
Exemplos de peças existentes na exposição de artesanato de Julho de 1965.

(Relação de objectos que figuram na Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora, pagos por este Gabinete, 14/7/1965; Arquivo do G.A.R.D.E., Região de Turismo de Évora, Pasta C).

O AZINHO

ESSE

DESCONHECIDO



EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO
DE AZINHO

ORGANIZADA PELA

JUNTA DISTRITAL

DE

ÉVORA

COM A COLABORAÇÃO

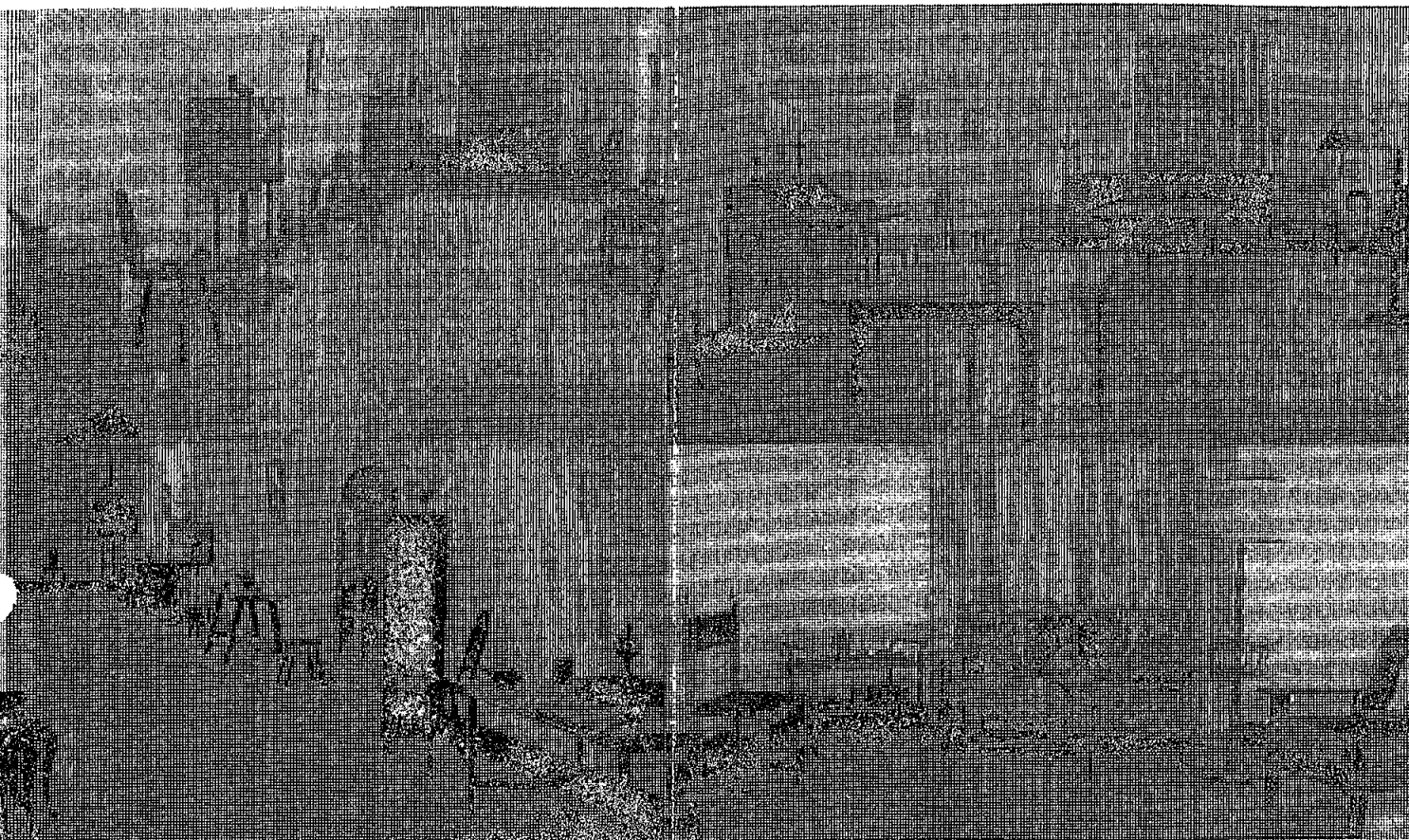
DO

MUSEU DE ÉVORA

E

CIRCUNSCRIÇÃO FLORESTAL
DE ÉVORA

ESTA EXPOSIÇÃO, PRETENDE DAR A CONHE-
CER AOS SENHORES ARQUITECTOS, ENGE-
NHEIROS, DECORADORES E CONSTRUTORES
UMA EXCEPCIONAL MATÉRIA PRIMA QUE É
A MADEIRA DA AZINHEIRA, INFELIZMENTE
MUITO IGNORADA ENTRE NÓS.



Tu que passas e ergues para mim o teu braço, antes que me
as mal, olha-me bem.

Eu sou o calor do teu lar nas noites frias de Inverno; ou sou a
bra amiga que tu encontras, quando caminhas sob o Sol de
osto; e os meus frutos são a frescura apetitosa que te sacia a
e nos caminhos.

Eu sou a trave amiga da tua casa, a tábua da tua mesa, a
na em que tu descansas e o lenho do teu barco.

Eu sou o cabo da tua enxada, a porta da tua morada, a mu-
a do teu berço e o conchego do teu caixão.

Sou o pão da bondade e a flor da beleza.

Tu que passas, olha-me bem, e não me faças mal.

A Azinheira — A Grande Desconhecida...

Espécie climática de vastíssimas regiões Alentejanas, mantendo domínio quase exclusivo em toda a parte oriental da provincia — Zona Ecológica «Ibero-Mediterrânea» (IM), partilha ainda, com o sobreiro, grande parte da área restante — Zona de condómio subericola — ilicícola (SMxIM). Ocupa, só no distrito de Évora, cerca de 298.000 ha, das quais 153.000 com mais de 45 árvores por hectare.

Não sendo, muitas vezes, fácil ou económica a sua substituição por outras essências florestais, e tendo sempre presente que a Natureza não se contraria impune, que os graves atropelos à Ecologia tarde ou cedo se fazem pagar caros, parece caminho mais seguro e racional continuar mantendo uma espécie que, tirando partido de condições safo-climáticas tão desfavoráveis, pode, deve e vai já sendo valorizada pelo melhor aproveitamento tecnológico do seu lenho, casca e fruto.

Mantê-la onde está certa, valorizando-a, parece caminho mais seguro porque mais ajustado às imposições ecológicas.

Numa política florestal válida, os critérios físico, social e económico devem ser simultaneamente atendidos. A ecologia e a rentabilidade devem impor preocupações análogas.

Que tal proceder oferece possibilidades a abre perspectivas desconhecidas, evidenciando esta exposição de mobiliário, tucos, objectos de utilidade e peças decorativas, em cujo fabrico foi exclusivamente usada a rica e magnífica madeira de azinho.

3.

Catálogo da Exposição “O Azinho, esse Desconhecido”, 1967.

(Fonte: Arquivo Histórico do Museu de Évora, Pasta 1 – IA/01)

ANEXO B. Notícias



Assinaturas:
 Evora, mês 9399
 Fern. mês 12350
 • trimest. 37350

Noticias d'Evora

SETEMBRO - 1961
 19
 Terça feira

Diário Regionalista da Manhã

AVENÇA

Tele. Mat. Evora - EVORA

Redacção e Administração: Rua do Ramalho, 41 - 43 - Telef. 22348
 Director, Editor, Administrador — JOAQUIM DOS SANTOS REIS
 Propriedade da Carlos Maria Pinto Pedrosa (Herd.) Ld.
 Ofic.º de comp. e impr.: Rua dos Touros, 6
 Visado pela Censura

Vamos ter em EVORA um Museu de Arte Popular

Por JOÃO RUIVO

Um encontro casual com o dr. Armando Perdigão, activo presidente da Junta Distrital, ha dias, aqui no Chile, em Lisboa, agora o nosso bairro aduaniço, alternando com a nossa velha casa em Evora, cidade que nos enfeitou e prendeu na magia dos seus encantos tivemos uma surpresa muito agradável. Troca afectuosa de cumprimentos, como entre amigos que se estimam.

Troca de impressões diversas, como é natural após alguns meses de ausência. Fala-se um pouco de tudo. Mas, como é natural, também, foram os assuntos de nossa cidade que preencheram a maior parte da nossa animada conversa.

Havíamos já lido na imprensa local algumas notícias sobre a criação de um Museu Etnográfico na cidade, coisa que ainda não possui, o que é deveras para lamentar, tanto mais que outras cidades de menor população e categoria já os expõem aos olhos dos visitantes, e alguns com muito boa apresentação e respeito. tão ricos e variadas, tão expressivas, tão belas, tão sugestivas e emotivas são todas as manifestações do nosso povo, e não menos relevantes as do elemento alentejano.

E, por isso, em dado momento, desfechamos a pergunta: — E como vai esse Museu, senhor presidente? ..

O dr. Armando Perdigão alargou a resposta, para nos esclarecer completamente. Com visível entusiasmo fala-nos dos seus projectos, dos seus trabalhos, das possibilidades e ao mesmo tempo das dificuldades que surgem sempre em tais empreendimentos, mas que com força de vontade e persistencia serão dentro apançadas, pois se trata de dotar a cidade com um instrumento de estudo que muito virá a beneficiá-la na elevação da cultura dos seus habitantes e contribuir para a propaganda do Alentejo, não só entre os nacionais como entre os estrangeiros que nos visitam e de contem já por algumas milhares.

Havendo-se cercado de algumas técnicas de reconhecida autoridade na matéria, e com fundos conhecimentos de museologia e etnografia, o Presidente da Junta Distrital e os seus directos colaboradores procuram agora reunir o maior numero possível de peças que

melhor possam expressar os usos, costumes e tradições das vastas terras de entre Tejo e Odiãna, de um passado tão rico de história e de cultura.

Deduzi então da sua exposição clara e memorizada, que a maior dificuldade está talvez na instalação, uma vez que as salas de que a Junta dispõe actualmente no Palácio Amarel, onde se pensa pôr a funcionar o museu, não satisfazem ao fim em vista.

Este Palácio estaria naturalmente indicado, de facto, se outros serviços não se vissem ali instalados — o Governo Civil não teria ficado admiravelmente no Palácio Barabona, se não fosse o que se passou e todos nós conhecemos? .. — e não só por se tratar de um edifício de boa traça, e tradições históricas (o Palácio Amarel), como muito especialmente pela sua localização, num ponto muito central da cidade e o mais visitado pelos turistas, por ali se reunir aquele admirável conjunto formado pelos mais notáveis e magestosos monumentos locais e os estabelecimentos mais expressivos da cultura eborana, tais como a Biblioteca Pública e o Museu Regional de Arte e Arqueologia, que dela joveus e profluentes túnculos, naturais das terras quentes do Alentejo — e talvez por isso ainda mais devotados à sua obra e à capital da sua

Provincia — tanto têm procurado melhorar, engrandecer e feito progredir, ao ponto da cidade poder justamente orgulhar-se de possuir tão valiosos elementos da cultura e bastantes conhecidos já e apreciados por altas personalidades da elite intelectual e por artistas portugueses e estrangeiros.

Tem então a Junta Distrital em projecto a instalação do Museu na parte do edificio hoje ocupada pelos serviços policiais, que por sua vez passariam a ocupar outro edificio apropriado ou a construir para esse fim.

Ha, porém, que tomar em conta o inconveniente que todas as adaptações originam, que é gastar-se mais e nunca se conseguir o objectivo desejado. De facto, gostaríamos de ver o Museu instalado em edificio novo e dotado de todos os aperfeiçoamentos que a moderna técnica museológica aconselha, sobretudo para museus de características especiais e de função diferenciada da dos museus de arte e arqueologia, como são os museus de arte popular. Mas como nem tudo pode correr sempre a máiz das nossas desejos e há que optar do mal o menor, a ideia não nos parece desaconselhada.

Temos visitado alguns museus do género existentes no (Continua na 2.ª página)

A chuva causou inundações em EVORA

Durante a tarde de domingo, choveu copiosamente em Evora, dando origem a que, por momentos, se produzissem algumas inundações, nomeadamente na Rua João do Deus, para onde chegaram a ser pedidos os socorros dos Bombeiros, devido ao entupimento de algumas sarjetas.

Os seus serviços, porém, não chegaram a ser utilizados.

PENSAMENTO

Vivemos numa sociedade materialista. É indispensável fomentar o amor aos livros. — Samuel Arenas.

Novo comandante de P. S. P. de EVORA

Esteve ontem na redacção do no jornal a apresentar-nos cumprimentos e agradecimentos pelas referencias feitas neste diário e propozito da sua recente nomeação para o cargo de Comandante Distrital da Policia de Segurança Publica de Evora, o sr. capitão António Soares Cadete.

Agradecemos a gentileza e renovamos os desejos das melhores facilidades do desempenho do seu cargo.

Festas e Feira

Em Viana do Alentejo, vão realisar-se nos dias 23, 24 e 25 do corrente as tradicionais festas e feira de Nossa Senhora d'Alraia.

O 61.º aniversário do «Noticias d'Evora»

Embora já sejam passados alguns dias do aniversário da fundação deste diário, continuamos a receber cumprimentos e felicitações por aquele motivo.

Hoje, registamos mais as seguintes nomes: Tenente-coronel Artur Correia Mathias, director da Graccha e Lectaria de Evora; Dr. Vieira Lopes, médico; António Calhama; Coronel José Fernandes Mathias, chefe do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 16; António João de Deus, de Evora; Dr. Armando Cavaleiro Pinto Bastos e sua esposa sr.ª D. Palmira Celeste da Silva Pinto Bastos, de Lisboa. Continua a imprensa de todo o País, a referir-se ao aniversário do nosso jornal e hoje registamos as amáveis palavras do nosso colega «Brados do Alentejo», de Évora.

É muito possível que outros colegas se tenham referido ao acontecimento, pelo que aqui deixamos os nossos agradecimentos.

ALPERES João Bravo da Mata

De Furancungo (Moçambique), recebemos agradáveis notícias do nosso estimado amigo e assinante sr. João Luís Gonçalves Bravo da Mata, alferes de cavalaria que naquella localidade se encontra prestando serviço militar, mostrando-se altamente empenhado em bem cumprir o seu dever em defesa do nosso território.

Agradecemos as notícias e fazemos votos de boa saúde.

Um casal de franceses foi vítima de um desastre de automóvel

Quando se dirigia para Evora, o casal francês René Mirra-chi, de 57 anos e sua esposa Jequellina Mirra-chi, de 56 anos, residentes em Paris, a cerca de 8 quilómetros da vila de Montemor-o-Novo, o automóvel que era conduzido pelo primeiro, para evitar atropelar um carneiro que se encontrava na estrada foi de encontro ao resguardo de uma ponte, tendo a vitima sido um canavial.

Ambos ficaram bastante feridos, sendo socorridos no Hospital de Montemor, seguindo depois para o Hospital de S. José.

O sr. René tem um grande ferimento no pescoço e sua esposa fratura do maxilar.

Vida desportiva

FUTEBOL No treino formal entre o Vitória de Setúbal e o Lusitano de Evora

Os eborenses ganharam por 5 bolas a 1

No campo do Lusitano, realçou-se antecem um encontro de futebol entre o Vitória de Setúbal e o Lusitano de Evora, retribuído, assim os setubalenses a visita que os eborenses lhe haviam feito no dia 3 do corrente.

Tanto o Lusitano como o Vitória, apresentaram os novos jogadores que vieram reforçar as equipas.

O jogo iniciou-se com certa calma, dado o estado em que se encontrava o relvado, pois minutos antes havia chovido bastante.

As equipas alinharam com os seguintes jogadores:

LUSITANO — Vital; Teófilo e Palha; Soa (João), Falé e Vicente; Adalino (Mirtas), Tinho; Valter, Miguel e José Pedro.

VITÓRIA — Silva; Polido e Manuel Joaquim; Turjes (Carriço), Galez (Alves) e Alfredo Matoso (Camões), Jaime, Graça, Suarez (Custódio), Emílio Graça e Quim.

O primeiro a marcar foi o Vitória, por intermédio de Soares, que foi jogador do Covilhã. Depois deste gol o Lusitano, começou a organizar melhor as jogadas e num curto espaço de tempo marcou três golos, resultado com que terminou o primeiro tempo.

No restamento do jogo, o Lusitano, mais cauteloso, evitando o choque, pôs tratava-se de um jogo particular, ainda marcou mais dois golos, tendo perdido outros incrivelmente.

Os golos do Lusitano foram obtidos por Miguel, E. Valter, B e Soa, L.

A arbitragem do sr. Lourenço Simões, de Evora, acatável.

Ao Lusitano, que há havia ganho em Setúbal, por 9 bolas a 0, foi atribuída a Taça «Dr. Serafim Silveira» e agora, recebeu a Taça «Virgílio Saraiva», tendo esta sido entregue pelo treinador Biri, do Vitória.

BOQUEI em PATINS

Os portugueses ganharam o Campeonato da Europa

Em Turim, apesar de todas as contrariedades impostas aos (Continua na 2.ª página)

1.

Notícia *Vamos ter em Évora um Museu de Arte Popular.*

(RUIVO, João, *Vamos ter em Évora um Museu de Arte Popular*, **Notícias D'Évora – Diário Regionalista da Manhã**, Évora, Ano 62, nº 18307, 19/9/1961, p. 1.)



Noticias d'Evora

MAIO - 1962

20

Domingo

Diario Regionalista da Manha

Teleg. Not. Evora - Evora

Redacção e Administração

Rua do Rabanudo, 41 - 43 Telef. 22348

Director, Editor, Administrador — JOAQUIM DOS SANTOS REIS

Propriedade de Carlos Maria Pinto Pedrosa (Herd.) Ld.ª

Offic.º de comp. e impr.: Rua dos Touros, 6
Visado pela Censura

Feira de S. João em EVORA

Terminam-se já os trabalhos preparativos para a Feira de S. João em Evora, tendo sido publicado o respectivo edital regulamenta a aludida

barracas ou pavilhões de exposição poderão abrir às 10 horas da manhã e encerrar obrigatoriedade às 2 horas.

Entre os dias 24, 29 e 30 de Junho e 3 de Julho, o encerramento poderá ser feito uma mais tarde.

captam-se as barracas de exposição e pessoas que deverão estar às 22 e meia horas, das normais e às 24 horas, das adma indicados.

Uma barraca ou pavilhão poderá sair do recinto da feira antes de dia 3 de Julho encerrando a feira, encerrando horas da madrugada de Julho.

O município cobrará pelo terreno seguinte da feira-exposição as seguintes taxas por metro quadrado:

Barracas de espectáculos e exposições, 5000.

Barracas de quinilhanias e salientes, 1500.

Barracas de comidas e bebidas, 7500.

Barracas de artigos regionais, 1500.

Barracas de automóveis, 20000.

Barracas de máquinas agrícolas, 10000.

Barracas não especificadas, 1000.

As barracas admitidas barracas de jogos de azar, barracas com jogos de azar ou quaisquer outras não admitidas por lei.

Congresso Internacional de Hotalaria

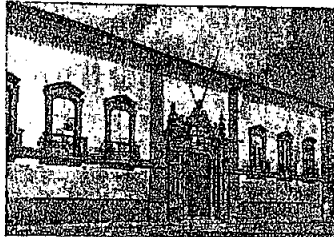
Em Lisboa, vai realizar-se na segunda-feira, o Congresso Internacional de Hotalaria reunirá 700 delegados representantes de cerca de 20 países.

As projectadas excursões aos pontos de Pais, não em Evora sido incluída, o que é pena.

Clube de confraternização jornalística

Na Sociedade Har... a confraternização...

Magnífica exposição etnográfica e folclórica realizada em EVORA e que deixou maravilhados os estrangeiros que nos visitaram



Um aspecto da fachada principal do CELEIRO COMUM

Evora recebeu no dia 15 do corrente, a visita dum centenar de congressistas, na sua maioria estrangeiros, e participantes no XIII Congresso da Associação Internacional de Ensaio de Sementes, que se realizou em Lisboa.

Diversas entidades oficiais obsequiaram os visitantes com um almoço que teve lugar no belo edifício do Celeiro Comum. Do que foi essa magnífica festa queremos dar detalhada informação sobretudo da exposição etnográfica e folclórica, que deixou maravilhados todos os que a ela assistiram.

Podemos afirmar, sem receio, que só um conjunto de boas vontades sob a inteligente orientação dum técnico competentíssimo na decoração dos motivos alentejanos, o arquitecto Raul David, tornaram possível tão belo e característico ambiente.

Se circularmos pelas arcadas laterais do Celeiro Comum vemos, objectivamente exposta, toda a evolução da labuta cerealífera: E' o histórico lamego ou labrego para ser puxado por três juntas de bois, a tralhoada com o pilha que, lavra e o toca bois ou tralhoiro que, sendo moço, vai cantando sua típica canção. E' o rojão, a grade e o arado para enregar na sementeira.

Depois são os apetrechos da ceifa: as folces, os cantaros de barro de Redondo ou de Aldela do Mato com seus cochos, encostados a molhos autênticos de trigo, cevada e aveia. O carroço está representado por uma verdadeira carrreta de bois com a carrada de cereal assistida e bem atada, a canga com toda a apetreagem e os forçados.

A debulha apresenta-se com um típico trilho, forçados para o calcadouro, forquilhas para dar volta ao cavalo e para espalhar, pás para espalhar, aoinhos e vassouras para acanhar o cereal, recordando que quem quiser fazer bem este serviço não pode ser acanhado. . .

Seguem-se os arneiros e o joelro, medidas e sacos das sementes. Em belas mesas de bom azinho e numa francela alvissimos e pequenos talogos apresentam ao visitante as várias espécies de trigo produzidos na nossa região. Aqui uma porção de sementes, sacaria, aquele-

res, além a palha já enfiada ou nas redes. Pelas paredes em estanteiras da EVORA belos pratos-antigos da cerâmica de Redondo; coloridas mantas e reluzentes cobras de Reguengos; por todos os lados pegos de louça de Estremoz, Aldela do Mato e Redondo; grandes e antigas talhas de vinho, cantaros de cobre, peças de azinho e de cortiça, joias magníficas da arte rural alentejana.

E os estrangeiros que á entrada se haviam mostrado receosos perante o colorido de tão belo espectáculo, vão curiosos apreciando as peças expostas enquanto não tomam os seus lugares nas mesas dispostas de forma a todos poderem ver o estrado central onde se vai exhibir o Rancho Infantil dos Fazendeiros de Montemor e os Cantores de Montemor com seus lenços vermelhos, chapéus e colletes pretos, calças de cotim e blusas de riscado.

Os Cantores com suas canções típicas tão belas de ritmo e dolência alentejana, deixam encantados os estrangeiros que mostraram bem quanto se sentiram, pelo que representam de expressão e da alma do nosso povo.

Mas é todavia o Rancho dos Fazendeiros com seus pequenitos pares, dançarinos de palmo e melo, vivos, alegres, movimentados, que a todos vai entusiasmar. E' o corridinho e o fandango, é a ciranda cirandinha cantada e dançada por quatro pares com movimento e ritmo, é a polca das mudanças que este agrupamento fez renascer de ha mais de cento e cinquenta anos. E foi tal o entusiasmo a galvanizar os assistentes que a certa altura o sr. eng. João Cabral, Director do Serviço de Ensaio de Sementes, ao terminar a exhibição da desgarrada alentejana, deixa a sua mesa, sobe ao estrado e abraça e beija dois garotos, no melo de estroada ovação.

Os estrangeiros estão radiantes com o que Evora lhes proporcionou, pois tudo aqui era genuinamente popular, não lhes aparecendo os artistas profissionais de folclore regional. Em EVORA tudo era gente da nossa terra, cantando e dançando as suas típicas canções e seus bailados.

A um congressista chinês o sr. H. S. Chang, da cidade de Taipé, ouvimos dizer é maravilhoso, como tudo é bem diferente do meu país e o povo canta numa expressão simples e nós estrangeiros, por isso, a captamos bem.

Nesta afirmação do sr. Chang, o homem que veio dos confins do Oriente, é maravilhoso está verdadeiramente traduzida a impressão que lhes causou o magnífico espectáculo a que assistiram.

A cidade de EVORA recebeu condignamente os seus visitantes, marcou uma posição digna para os congressistas e ficou sendo assim mais um grande cartaz para o turismo nacional.

EVORA, Maio de 1962.

M. C. M.

Música no Jardim Público

A Banda do Regimento de Infantaria 16, executa hoje no Jardim Público, com início às 18 horas, o seguinte programa musical:

I PARTE

- «Emanação Gitana» - Paso-Doble - J. Texidor.
- «Lohengrin» - Prelúdio III - R. Wagner.
- «La Monteria» - Zarzuela - J. Guerrero.
- «Quo Vadis» - Ouverture - A. Scassola.

II PARTE

- «Pierrot» - Gavote - S. Morais.
- «Rapsódia Portuguesa» - X X - Nicolau Júnior.
- «The Stars And Strips For Ever» - Marcha - Jonh F. Sousa.

NOTICIAS RELIGIOSAS

Legião de Maria

«Curia Assumpta»

Hoje, pelas 18,30 horas, terá lugar a «Actes», grande concentração de todos os membros da «Legião de Maria» e sua Festa anual, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Esta cerimónia terá como representante de Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo, Monsenhor José Filipe Mendeiros, Pró-Vigário Geral da Arquidiocese.

Ainda a peregrinação

e VILA VIÇOSA

Do Rev.º Padre sr. Joaquim Ramiro Reys e em nome da Comissão organizadora da peregrinação a Vila Viçosa, recebemos um cartão de cumprimentos e agradecimentos pela colaboração prestada por este diário antes e depois da realização daquele importante acontecimento. Registamos.

Concurso de pesca desportiva

O Clube Eboense dos Amadores de Pesca Desportiva, realiza no dia 10 de Junho, um concurso de pesca desportiva inter-Clubes, que terá lugar na Albufeira de Vale de Moura e que foi superteriormente autorizado pela Associação Regional do Centro de Pesca Desportiva.

Doenças nervosas e mentais | Se deseter ser assinante de

PENSAMENTO

2.

Notícia Magnífica exposição etnográfica e folclórica realizada em Évora e que deixou maravilhados os estrangeiros que nos visitaram.

(M.C.M, Magnífica exposição etnográfica e folclórica realizada em Évora e que deixou maravilhados os estrangeiros que nos visitaram, Notícias d'Évora – Diário Regionalista da Manhã, Évora, Ano 61, nº 18570, 20/5/1962, p. 1)



Jornal de Évora

bi-semanario FERNANDO IGLESIAS

“O artesanato é a última moda da Europa” e Évora está tentando com êxito, tornar-se centro dessa moda

É uma notável realização a Exposição de Artesanato Regional, organizada pela Junta Distrital de Colaboração com o Fundo de Fomento de Exportação, que se encontra patente no Celeiro Comum.

O sentido artístico que preside ao seu arranjo e as suas técnicas do Fundo de Fomento de Exportação, sr. Sá Nogueira, Norberto de Araújo e José Matias, valiosos, incontestavelmente, as peças expostas, indicam a arte dos artesãos que sabem as obras as melhores, as melhores regionais, os trabalhos de chita, de linho, que se fazem as melhores de barro da Alta Alentejo, de outros artistas do distrito.

o financeiro, sem esquecer a importância da acção de arranjar bons mercados, no País e no Estrangeiro para aqueles produtos.

Está em formação, um Gabinete Técnico do Artesanato Regional, que, não obstante ter uma situação provisória, já se credita de um papel notável no saneamento da produção, intervindo com o seu conselho e orientando o seu comércio.

A exposição agora patente, é já um reflexo dessas actividades, muito embora até aqui, não se tenha ido muito além, de uma inventariação de que faz o arte-

sanato do distrito, o que, no entanto, pode considerar-se de uma importância extraordinária, pois nada se poderia alcançar sem este começo indispensável. Primeiro, saber o que há, o que se faz e em que condições é feito. Depois, providenciar para que as condições mais atrasadas ou desvirtuadas, acertem o passo, para que todas, se desenvolvam, quanto se deseja, e se torna necessário.

É claro que nem todas as actividades artesanais, ocorrem, nas mesmas condições para atingir

(CONT. NA PAG. SEIS)

O dia DA CIDADE foi o maior da feira de S. João

Termina na próxima 3.ª feira, o ciclo oficial da Feira de São João, cartama que não deixa outras saudades que as que podem resultar das belíssimas impressões, colhidas nas exposições de barros do Alentejo e do Artesanato.

Pelo que muita a vista, através das enormes clareiras que se registam no Rossio de S. Braz, o número de visitantes, é, este ano, consideravelmente menor do que o que estamos habituados a ver, em anteriores certames.

Segundo julgamos saber a Câmara deixou de arrecadar, por este facto, cerca de 3 dezenas de contos.

Explicamos-nos que o motivo principal da ausência desses visitantes, é a soma de dificuldades de toda a ordem que aqui lhes é posta, inclusive as taxas pesadíssimas com que se cercam.

Esse ser um motivo, que explica a menor frequência de visitantes, não é o único que contribui para a queda de visitantes para a feira, mas também a contribuição que são lançadas sobre os visitantes, mas preferimos não o fazer, porque isso causaria maior espanto, sobretudo se cotejássemos o seu valor com o que é cobrado em outras feiras.

Por outro lado, os encargos com a realização do certame,

(CONT. NA PAG. QUATRO)

O Celeiro Comum E' O MELHOR SALÃO QUE EVORA TEM PARA EXPOSIÇÕES

Não é a primeira vez que temos o ensejo de apreciar e admirar as magníficas condições que oferece o recinto do Celeiro Comum, agora com o atractivo das suas colunas libertas de cal, o que empresta ao ambiente uma característica que o identifica como cidade-museu.

Quem for ao Celeiro Comum, admirar a magnífica exposição ali patente, de artesanato regional, ou quem teve ensejo de o conhecer quando do Salão Internacional de Arte Fotográfica, realizado há um ano, fica com a nítida sensação, que aquele vasto recinto é o melhor local que se poderia encontrar dentro duma cidade arquitecturalmente singular como Évora, para realização de exposições. É belo, é digno e assimila, inteiramente aquele fim.

Já o ano passado ficamos encantados e deslumbrados com tão eloquentes ambientes e viemos a estas colunas, fazer-nos eco da legítima aspiração da cidade, para que o Celeiro Comum, que poderia manter a mesma designação, pois continuaria a ser Celeiro, não de cereais, mas de arte, se se reservasse apenas para grande salão de exposições. Supomos, aliás, que é esta até a opinião das entidades que ali têm superintendência e que estariam dispostas a vir ao encontro da aspiração da cidade.

É que, bem vistas as coisas, aquele recinto, embora com capacidade para armazenar alguns milhares de quilogramas de trigo que dá o pão, apresenta muitas deficiências, dado que está longe da estação de caminho de

(CONT. NA PAG. QUATRO)

O sr. Ministro da Educação ESTEVE ONTEM EM EVORA

Acompanhado pelo seu chefe de gabinete, veio ontem a Évora, o sr. ministro da Educação Nacional, prof. Lopes de Almeida. Na Cruz Pileada, foi aquele membro do Governo aguardado pelo chefe do distrito, presidente da Junta Distrital e da Câmara Municipal, comandante da 3.ª Região Militar, representante do Fradeiro Ebreense e directores dos estabelecimentos oficiais do Ministério da Educação Nacional. Antes do almoço íntimo oferecido pelas autoridades locais em honra do sr. Lopes de Almeida, no Palácio de D. Manuel e onde, nos brindes o sr. ministro, levantou a sua taça, por esta cidade toda espiritual, mas a que ainda falta alguma coisa. — aconteceu — bebamos por essa alguma coisa, aquela membro do Governo visitou as exposições de Artesanato, no Celeiro Comum, confessando-se encantado pela imagem da beleza que aquela visita lhe proporcionou, e fazendo votos para que o recinto continue a reservar-se exclusivamente para certames daquela natureza.

Seguidamente, o sr. prof. Lopes de Almeida, acompanhado das autoridades locais, dirigiu-se ao Pavilhão da Escola Industrial e Comercial, areste no recinto da Feira para admirar os trabalhos expostos. Da autoria dos alunos do ciclo preparatório e das Cursos de Formação Profissional.

O ministro felicitou o director do estabelecimento escolar, afirmando ser aquela, uma das melhores escolas do País, isto é, se no ensino ao Povo, para lhe mostrar as várias facetas do seu

trabalho, em prol do progresso humano.

Dali, o sr. ministro é comitiva, deslocaram-se ao Palácio de D. Manuel, para uma visita à notável exposição de barros alentejanos, organizada pelo Grupo Pro-Evora, de colaboração com

(CONT. NA PAG. TRES)

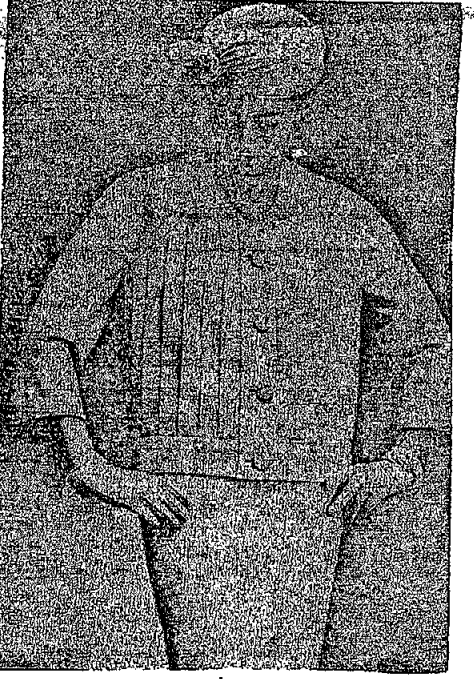
O problema da habitação

A falta de habitações de renda económica em Évora, problema que o município ainda não teve coragem de encerrar de frente, tem originado (desordenada mas humilhante), e crescente diário das várias habitações residenciais ebrenses não incluídas nas zonas oficiais de urbanização. Essas aglomeradas habitacionais desenvolvem-se ao correr dos ventos, nêles se constroem casas de esquadras, que surgem como que por encanto e obra de mão divina, dadas a troco de rendas mais próximas do módico que do elevado, há humildes classes que se preocupam cingidas das imensas barreiras que ainda existiam nos arredores da cidade, seguidas de possuírem um lar, modesto e limpo da premiosidade moral e higiénica, vista publicamente por quem o quiser fazer, ou não queira deixar os olhos no condicional cenário,

mostrado pela reunião das barreiras aludidas.

Se se houvesse determinado, já, uma zona para construções de renda módica, as obras chamadas clandestinas não continuariam a existir, aqui e acolá, sem haveria transgressão à lei, ao projecto, à ordem, à promessa. Mas, porque tal não acontece, os bairros populares crescem. Cresçam, e são elas que,

(CONT. NA PAG. QUATRO)



Esta é a senhora, oferecendo o seu novo modelo de vestuário, que serviu de inspiração para o modelo em negro.

Leia o Jornal
que defende os seus interesses

AS NOSSAS LEITORAS VÃO APRECIAR ESTE MODELO QUE É SLEGGANT E DISTINTO. E NÃO SERÁ DIFÍCIL AS MAIS HABILIDADAS FAZEREM UMA CÓPIA FIEL QUE LHEM NÃO FIGURE CARA.

a cidade

Casamento A tourada de S. Pedro

Realizou-se a cerimonia do casamento de sr. D. Laura...

Com touros de D. Diogo Passanha, teve lugar a 2.ª corrida formal da Feira de S. João...

Horário de Exames no Liceu

- Julho, 2 segunda-feira... Julho, 3 terça-feira... Julho, 4 quarta-feira...

Boas pegas de Gamairo, Figueiredo e Rio do Grupo de Forçados de Espinho...

Incêndio

No violento incêndio que lavrou no Monte da Abegonaria...

CANSAÇO MENTAL... VITACOLA DINÂMICA

ALENTEJO de feição morena

Alentejo! A Natureza prolonga-se e converte-se na própria alma...

amplidão, mais do que as palavras de todos os dias...

Alentejo! O peso do cheiro da terra e do sol...

Alentejo! Avalanches de lava rolam no ventre negro da terra...

Alentejo! A estagada total! Vêdes a d'afirmação do ritmo...

O caféiro consome-se num malho de feira. Ardá. A plantação também...

Alentejo! A estagada total! Vêdes a d'afirmação do ritmo...

Alentejo! A estagada total! Vêdes a d'afirmação do ritmo...

Alentejo! A estagada total! Vêdes a d'afirmação do ritmo...

Alentejo! A estagada total! Vêdes a d'afirmação do ritmo...

REGA POR ASPERSÃO... SOU LUIZPOR TIDA

peça SALS DE FRUTOS... SALAX... as sals de frutas preferidas

TRIBUNA ABERTA AOS INTERESSES ALENTEJANOS

O artesanato é a última moda da Europa

(CONT. DA PAG. UM) com uma dimensão industrial. Todavia, nem por isso, se devem abandonar aquelas que não podem atingir essa expressão e finalidade...

Estamos convencidos de que os homens do Artesanato, produtor industrial e que for susceptível disso...

Administrativa a exposição de Celsoiro Comum e prova gente haverá que fique insensível...

A entrada, tensa à esquerda, uma mostra, ocupada por um grupo de peças...

Trata-se de peças, consideradas produto de actividade artesanal das populações...

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

MIGUEL SERRANO

grupo de peças, encontrado numa câmara, com uma existência calculada em 4000 anos...

Digna de aplauso é a exposição ao vivo. Mestre Pintasilgo (João Sarmadinho Murtela)...

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

Máquina de costura OLIVA. Estado nova. Venda-se. Informa-se nesta redacção.

Alentejo de feição morena, quanto tempo levarão as peças e os artistas a descobrir a sua verdadeira face?!

TRÊS PRÊMIOS GRANDES das três lotarias dos Santos Populares foram distribuídos pela CASA DA SORTE

Table with lottery results: 10 818 - 10 38000, 27 102 - 10 00000, etc.

CASA DA SORTE Na próxima 6.ª feira: Lotaria Especial DAS FÉRIAS GRANDES

POUPE arrelias e aborrecimentos dos trabalhos tipográficos à EBORAUTO



Journal de Évora

3.

Notícia *O artesanato é a última moda da Europa e Évora está tentando com êxito, tornar-se centro dessa moda.*

(*O artesanato é a última moda da Europa e Évora está tentando com êxito, tornar-se centro dessa moda, Jornal de Évora, Évora, Ano V, nº 405, 1/7/1962, p. 1 e 6.*)

ARTESANATO PORTUGUÊS

SEU VALOR E INTERESSE

Uma entrevista concedida pelo Dr. Armando Perdigão

Desde há longa data que a Junta Central das Casas do Povo tem vindo a debater-se, numa campanha permanente, em prol do desenvolvimento do real valor do artesanato português e através de diversos escritos, nas colunas do seu Mensário, tem-se procurado doutrinar sobre o assunto, não só tendo em vista o valioso contributo que o mesmo pode prestar como fonte de receita de divisas estrangeiras para o País, como considerando o «factor humano» que nele intervém ou pode vir a intervir futuramente. É um facto que, pode dizer-se, se mantém vivo, de número para número, o que muito honra as colunas do Mensário.

É indubitável que o artesanato, consciente e inteligentemente aproveitado, entre nós, como tantas vezes se tem dito, nestas páginas, pode não só proporcionar os mais variadíssimos benefícios, dando e recebendo à «indústria do turismo» que num futuro, não muito longe, bem pode representar uma grande riqueza nacional, como ainda o artesanato constitui um vasto campo de ocupação, especialmente para a população rural, concorrendo para a melhoria do seu nível de vida, com todas as vantagens que facilmente se determinam, para a nossa boa gente rural e que directamente se reflectirão, como consequência dum maior poder de compra, numa maneira geral no comércio, indústria e agricultura.

Dentro deste espírito, procurámos conseguir umas palavras para o Mensário das Casas do Povo, do Sr. Dr. Armando José Perdigão, dinâmico Presidente da Junta Distrital de Évora e Deputado da Nação, pessoa que devotadamente tem desenvolvido grandes esforços (cujos frutos já começam a surgir), em prol do desenvolvimento da arte popular, no Alentejo. Muito amavelmente pôs-se ao nosso dispor, concedendo-nos a seguinte entrevista, que publicamos na íntegra, por considerarmos a mesma documento de muita importância dentro da causa do artesanato português.

Éis o que respondeu o Sr. Dr. Armando Perdigão às perguntas formuladas:

— Qual o motivo ou razão fundamental que assistiram, ao Sr. Dr. Armando Perdigão, ao meter ombros a tão grandiosa tarefa, que tem constituído trabalho positivo na panorâmica do artesanato local?

— Foram vários os motivos:

Constatar que o público, «lá fora» mostra especial predilecção pelo artesanato, ou seja, está na moda comprar os singelos e ingénuos objectos de fabricação popular.

Verificar, através das solicitações vindas no boletim de informações do Fundo de Fomento de Exportação — Secção Oportunidades Comerciais — que os produtos do artesanato português estavam sendo solicitados pelos importadores estrangeiros.

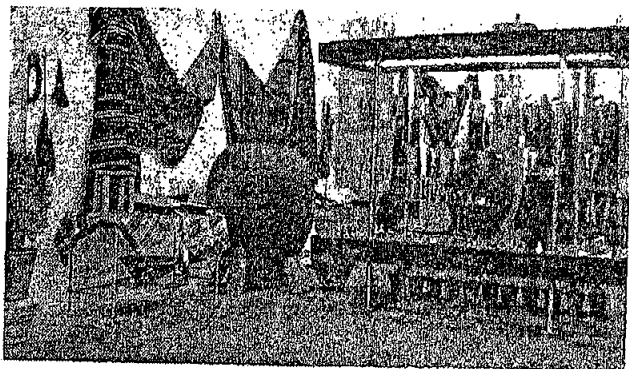
Reconhecer que o «grau de regionalidade» do nosso artesanato é garantia de que ele terá a melhor aceitação em qualquer mercado.

Saber quão abandonada e minimizada tem estado a actividade artesanal.

Por outro lado, conhecer também a dura e inexorável luta que a fabricação industrial e seriada move ao produtor familiar, abatendo-o, um a um. Neste capítulo, e como exemplo recente, impressiona o mau gosto da maioria das peças de plástico agora à venda, a sua vulgaridade e fragilidade; todavia a sua divulgação nas camadas populares tornou-se um verdadeiro flagelo e no fundo, sem qualquer benefício para aquelas. Este flagrante exemplo do que pode chamar-se uma grande campanha antiartesanal, tem ainda o triste significado de que não é hoje difícil «vender gato por lebre», impor colectivamente o mau gosto e a mediocridade.

— Deseja referir-se a alguma colaboração mais directa? Entidades?

— É-me muito grato referir a extraordinária colaboração do Fundo de Fomento de Exportação que



Stand de Portugal na 35.ª Feira Internacional de Bruxelas

positiva e concretamente tem apoiado a Junta Distrital, em todos os passos pró-artesanais dados.

— Pensa-se organizar e manter em Évora um museu vivo do artesanato regional?

— No programa da Junta estava, na verdade, prevista a organização duma exposição-mostruário permanente, para que o comércio interno e externo pudesse tomar conhecimento desse maravilhoso mundo que é o do artesanato, podendo através de tal conhecimento fazer as suas encomendas.

Dentro de poucos dias, teremos aquela exposição permanente a funcionar.

Esta pretensão, aparentemente simples, requer a montagem consciente de uma complicada organização comercial, técnica, financeira, etc., em ordem a pôr a produção artesanal num nível aceitável e dar-lhe condições de sobrevivência.

Dada a complexidade da tarefa em causa, julgou-se fundamental a criação dum organismo específico que se ocupe de tudo que se refere ao fomento do nosso artesanato: o Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora — GARDE — cujos estatutos aguardam, letárgicamente, a aprovação superior.

O museu do artesanato ao vivo não deverá confundir-se nem misturar-se com a referida exposição-

-mostruário. Todavia posso confidenciar-lhe: é um dos sonhos da Junta, talvez um sonho excessivamente audacioso, a exibição da actividade artesanal ao vivo, mas como secção do Museu do Povo Alentejano, este instalado ao ar livre e apresentando, com a mais fiel reprodução, todo o viver das gentes transtaganas.

— Parece-lhe que efectivamente o «artesinato-indústria», num futuro próximo — quanto tempo? — virá a constituir um factor de relevante valor na posição económica do Alentejo?

— Não tenho a mínima dúvida, o artesanato alentejano tem largas possibilidades de valorização e pode ter papel económico-social de interessante relevo na vida das gentes alentejanas.

Falar do tempo que possa necessitar-se para que tal incremento atinja os limites do desejável, é arriscar-me a uma imprudente previsão, pois tal brevidade ou demora é, antes de tudo, função das verbas que nos venham a ser concedidas para o efeito de se financiar o artesão e sobretudo para lhe adquirir toda a produção de qualidade.

— Foram efectuadas algumas investigações históricas, certamente. Gostaríamos que se referisse a elas. Quais as vantagens que consequentemente resultaram das mesmas, para orientação dos trabalhos de produção?

— Uma das funções previstas para o GARDE é exactamente o de se proceder ao estudo retrospectivo do labor artesanal. Todavia, a Junta entende que não se pode subordinar uma política de fomento aos resultados de tais estudos, pois embora, em teoria, tal seja o caminho ideal, tem de reconhecer-se que o tempo despendido em tais estudos poderia ser decisivamente fatal para o caso de uma campanha de valorização imediata.

Neste sentido, recolha de elementos históricos, deram-se alguns passos, a saber:

Organização de um ficheiro de registo circunstanciado da peça e do produtor — o Bilhete de Identidade — tendo sido emitidas já completas fichas para o efeito.

Em curso a elaboração de um estudo sobre a cantaria artística nos concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, para o que se encarregou escultor competente.

A Exposição do Artesinato Distrital efectuada no celeiro comum, as exposições dos barristas e a do Artesinato do Redondo, ambas subsidiadas pela Junta, pretenderam já por si fornecer elementos favoráveis a tal estudo, à guisa de arrolamento.

As investigações históricas a que alude foram de facto executadas e continua a Junta a subsidiá-las, mas pretendem sobretudo colher elementos arqueológicos de natureza não específica. É verdade que também obteremos assim precioso material que em alguma coisa aproveitará em favor do artesanato.

Entende-se, pois, de muita importância o estudo

que enunciou, mas como disse, a Junta não pode condicionar a sua campanha de fomento do artesanato aos resultados daqueles estudos, sempre morosos.

— Quais as peças de artesanato que com fundamento se admite terão mais interesse, não só entre nós, como particularmente no estrangeiro?

— É difícil responder concretamente a esta pergunta, dado que o gosto do público é muito variado e, por outro lado, a «apetência» dos distintos mercados estrangeiros difere bastante de país para país.

É evidente que o tapete de Arralolos não terá procura na Pérsia, como a manta de Reguengos a não terá nalguns países da América do Sul (México, etc.). Mas em tese pode dizer-se que toda a peça tem real interesse desde que a matéria-prima utilizada seja regional e à sua manufactura tenha presidido um genuíno sentido artístico de sabor popular, já que abastardar ou universalizar a produção é roubar-lhe toda a originalidade e toda a regionalidade.

Todavia, peças há que poderemos considerar como já consagradas no mercado externo, como as mantas de Reguengos que, não obstante uma concorrência que as pretende imitar (a preços mais baixos, como acontece com todas as falsificações), têm já alta cotação, como o atesta a medalha de ouro obtida na Exposição Internacional de Bruxelas.

Mas a olaria, a cestaria, os trabalhos de buinho, os torneados de azinho, o mobiliário à alentejana, e muitos outros, têm largas possibilidades, desde que devidamente enquadrados numa planificação (técnico-comercial) conjunta.

— Espera-se uma larga difusão, para breve, pelas casas comerciais da especialidade, de venda ao público, das peças do nosso artesanato, a exemplo do que se faz nomeadamente em Espanha e na Grécia?

— A resposta concreta a esta pergunta poderia decalcar-se daquela que demos à vossa questão 4, pois o «abastecimento» do comércio só poderá efectuar-se desde que o Gabinete esteja em condições financeiras de fazer a «stockagem», comprando toda a produção qualificada. Portanto, esta larga difusão não demoraria tempo apreciável, estando, em última análise, dependente da entrada em funcionamento do GARDE e da sua dotação financeira.

Dado o interessante desenvolvimento turístico por que estamos passando, pensa a Junta fomentar a instalação de pequenos postos de venda de peças (tipo recordação) junto aos postos de venda de gasolina, a cargo destes, e em ordem a promover vendas naquelas localidades onde não existam estabelecimentos afins.

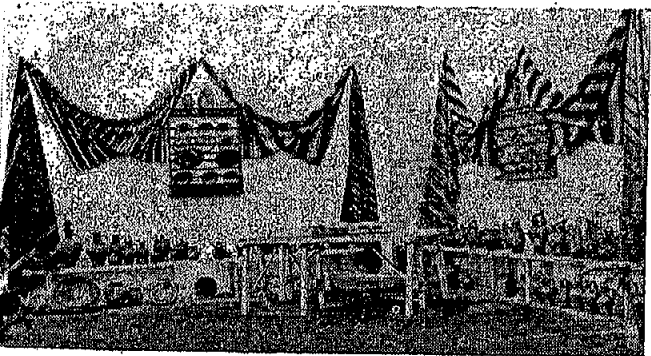
— Não haverá, de alguma maneira, perigo de que os fabricos deixem de ser controlados e venham a cair numa «rotinice» de fabricos em série, em que se sobreponha o puro interesse material de ocasião, inferiorizando o valor dos fabricos, levada a efeito com menos escrupulo e selecção, com prejuízos de garantia de autenticidade que resultará, no futuro, em menos aceitação e interesse dos mercados?

— Com certeza. Por isso o nosso previsto Gabinete tem, entre outras funções, a de acompanhar o artesanato sob este prisma. Será uma assistência tecnológica e artística permanente a dispensar-lhe.

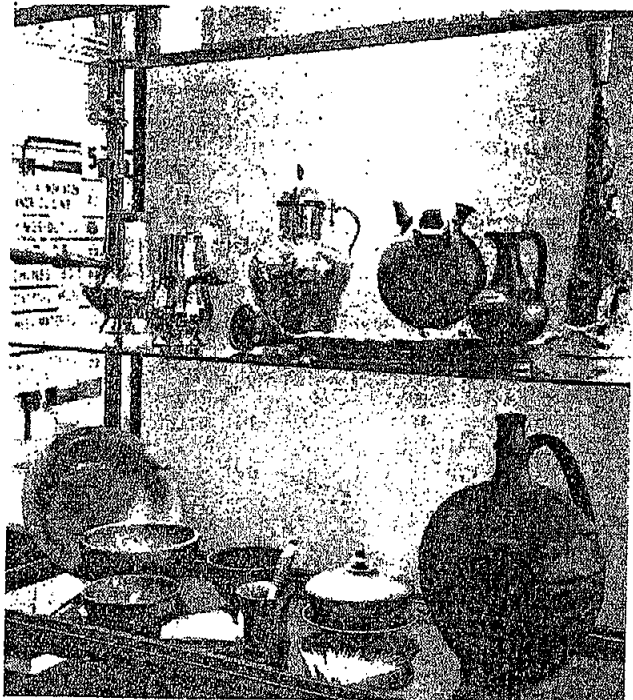
— Lemos já que se pensa em fazer funcionar um «selo de garantia». Pode esclarecer-nos, na sua relação com a pergunta anterior?

— O selo de garantia é fundamental no capítulo do controle de originalidade, podendo só ser classificados de objectos de artesanato regional, e como tal vendidos, aqueles que o exibirem.

— Por supomos que alguns aspectos certamente são observados, no que respeita às matérias-primas a utilizar, como por exemplo madeiras devidamente



Exposição do Artesinato Regional em Évora. Um curioso recanto, vendo-se as banças de trabalho do oleiro



Outro aspecto da exposição em Évora

secas (não será assim?), com determinadas características, etc., pedimos a V. Ex.^a o favor de se pronunciar sobre este assunto, no que julgar conveniente.

— É evidente que um trabalho eficiente em matéria de valorização artesanal terá que ir até ao ponto de fiscalizar a qualidade dos materiais aplicados. No capítulo da madeira, é fundamental a utilização daquela que ofereça as condições de durabilidade, por forma a que se não desprestígie o produto acabado. O mobiliário alentejano, por exemplo, tem sido muito mal tratado pelos artifices menos escrupulosos que utilizam a pintura mais como meio de mascarar um material ordinário que como processo decorativo. É pois indispensável acabar com a chamada «faiança» e o «pires», duas mistificações que urge banir se se deseja sinceramente desenvolver uma actividade honesta e com garantia de continuidade.

— Está dentro do programa traçado, que nos parece poder considerar-se também de recuperação de todos os valores do nosso artesanato, a atribuição de quaisquer prémios, como estímulo e até possível descoberta de valores?

— Exactamente. É outra das funções previstas para o Gabinete, a da organização de exposições e a concessão de prémios.

— Como foi encarado o problema (se é que existe), que nos parece poderá verificar-se, se num futuro muito próximo surgirem encomendas de grande volume que a registarem-se e Deus queira que sim, julgamos que não estão — ou enganamos-nos? — dentro das possibilidades actuais de fabricos?

— A capacidade de produção, como bem se compreende, e para certas peças, não é muito grande mas há todavia dois processos directos de a aumentar. O primeiro será comprar a produção durante todo o ano já que normalmente o artesão metade do ano tem dificuldade em colocar os produtos e vende-os de qualquer maneira ou abandona a actividade e vai trabalhar no campo. O segundo é consequência do primeiro, e consiste em garantir-lhe remuneração anual em resultado daquela assegurada aquisição e

assim ele trabalhará os 12 meses, e não apenas 5 ou 6 como até aqui.

Indirectamente, a capacidade de produção também é fomentada por aquele mecanismo — compra assegurada dos produtos — em virtude de o artesão interessar a família na actividade.

— Há particulares interessados na capitalização da tão importante actividade que constitui o artesanato? Na falta destes, para um mais amplo desenvolvimento, como pensa resolver-se o assunto?

— O sector mais interessado em capitalizar o artesanato deveria ser o do comércio, especialmente o exportador, mas este por vezes até retarda os pagamentos e como lhe convém que o artesão viva em dificuldade — forma indirecta de arrastar os preços — não só não é generoso, como ainda lhe agrava a situação por virtude das já citadas demoras em liquidar.

A capitalização do artesanato, que é fundamental para o seu fomento, também está prevista nos estatutos do Gabinete e pretende tornar possível a compra da matéria-prima e o apetrechamento das oficinas caseiras.

— Aspectos sociais do artesanato (sua exploração como indústria).

— Os aspectos sociais do artesanato são os mais aliciantes. Veja-se que se poderá contribuir, pelo fomento do artesanato, para a redução do desemprego rural, pois muitos dos trabalhadores poderão ganhar honestamente, e melhor, o seu sustento.

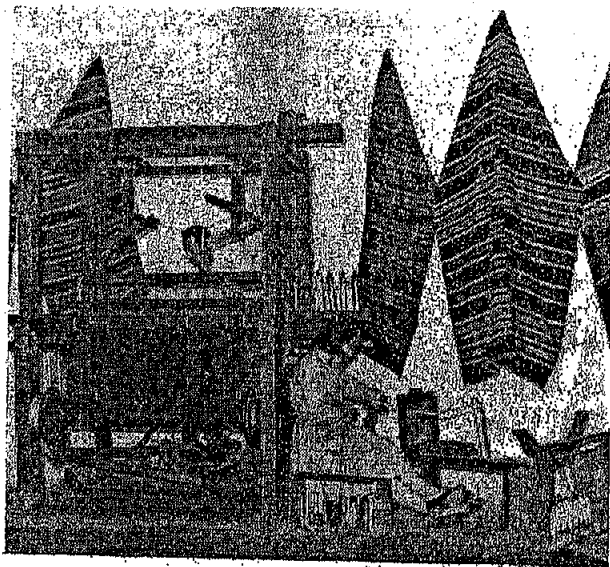
Por outro lado, toda a família pode participar neste modo de vida, uma vez que cada um dos seus membros poderá ter um papel a desempenhar no ciclo de laboração da peça.

Certos diminuídos físicos ou inferiorizados poderão desempenhar tarefas remuneradas.

A mulher poderá, quando impossibilitada de abandonar o lar, vigiando os filhos, trabalhar em benefício do agregado.

Por outro lado, o bom artesão é sempre um bom operário em potência, pelo que indirectamente se tornará mais fácil o apetrechamento das unidades fabris com pessoal capaz.

Não deixarei de declarar que, com o desenvolvimento do artesanato, teremos de estar preparados para compreender uma evolução progressiva deste, no



Em plena exposição, dois artesãos trabalham na confeção de mantas regionais (Reguengos de Monsaraz)

sentido de vermos mecanizadas algumas das suas fases, uma das formas de se aumentar a produção, de embaretecer os produtos e de lhes conferir uma certa uniformidade, sem prejuízo do seu acabamento artístico, peça por peça.

— Da recente exposição, que com tanto brilhantismo se realizou em Évora, por altura da tradicional Feira de S. João nesta cidade, quais as conclusões a que se chegou?

— Fundamentalmente duas: que há tanta coisa com interesse, que é verdadeiramente um imperativo *pegar* no artesanato e levá-lo ao nível de desenvolvimento que ele merece; que o público, em elevadíssimo número, gastou e apreciou, prova evidente de que, quando solicitado acorrerá a colaborar numa campanha que deveria ser apoiada por todos; o comércio para que compre e venda, o público para que o adquira ou o produza.

— A exposição de artesanato do Redondo integrou-se no mesmo programa que a Junta está realizando?

— Exactamente. Há que levar a todas as localidades o fermento e a sugestão para que se reabilite a nossa actividade artesanal. De resto, o Redondo é solar de uma olaria que muito interesse tem para o público estrangeiro.

— O turismo nacional poderá ser valorizado por um artesanato de qualidade?

— Sem dúvida. Os responsáveis por essa complexa indústria que é o turismo não podem deixar no olvido o artesanato, uma das componentes dessa actividade industrial que tantas outras chama à cooperação.

O turista pode não deixar dinheiro na praia, na piscina, no parque de turismo, no hotel, etc., porque

tal não o atraía, mas numa recordação típica investe invariavelmente algum.

E o turismo, que será a grande indústria portuguesa, precisa de crescer, está mesmo a crescer, mas tem de o fazer harmónicamente com todos os elementos que o podem valorizar.

— Que fez a Junta em matéria de procura de mercados externos?

— Participou na exposição realizada em Bruxelas no Centro Português de Informação e enviou paralelamente peças para venda, a um estabelecimento daquela capital, onde tudo se vendeu.

Mandou para a televisão do Canadá diversas peças, onde dois programas constituíram enorme sucesso, a julgar pelo número de firmas que se dirigiram às entidades portuguesas e à TV.

Forneceu vasto mostruário para uma importante firma inglesa.

(Estas três operações ficam-se devendo ao Fundo de Fomento de Exportação.)

Enviou ainda pequeno mostruário para a Suécia.

— Que pensa fazer a Junta em matéria de preparação profissional?

— Vir a estabelecer cursos de formação e de aperfeiçoamento artesanal.

Pelo que nos foi dito, verifica-se que no Alentejo, sob a orientação do Sr. Dr. Armando Perdigão, se trabalha activamente no melhor sentido do desenvolvimento do artesanato regional. E quando se trabalha assim, certamente que os bons resultados não-de surgir. Pois que isso se verifique, num futuro muito próximo, desejámos sinceramente ao agradecer a entrevista que acabara de nos ser concedida.

M I R A F E R R E I R A

Dois livros para ler ao serão

(Continuação da página 7)

e ele, o pai dum «imperatriz» dum país assim, redobra de caridade também para com todos. Usa insígnias de grande senhor — herança de patrão e estrelas de papel —, e cuida do seu semelhante com a maior fidalguia, a pontos de salvar a vida ao «língua cruel» que ousara dizer diante de todos a «palavra horrível», é certo, «por não suportar que ele tivesse estragado a filha com mimos».

A tragédia chega ao seu termo. Um dia — quinze anos volvidos — Clara Aurélio volta. Como vinha mudada!

Dura de coração, não entende nem suporta a «loucura» do pai... «Oala-te, tonto», diz-lhe ásperamente, e trama o pior, a fuga, com a mãe, que, companheira dedicadíssima do velho, fraqueja, para a não perder de novo.

O pai, porém, vai até ao extremo do sacrifício, e todo o livro é um hino à paternidade. João atira-se ao mar, quando o barco que as levava ia a afastar-se já do cais...

Não se trata dum suicídio, fictício ponto final a uma situação de tragédia, como aparentemente se poderia supor. É ainda uma situação de alegoria, rica no seu simbolismo chocante: «Vou salvá-la dos seus inimigos, dissera o «húcido demente», levam-na o orgulho, a dureza, o vício e a luxúria, tenho de ir salvá-la...» E salvou-a.

Clara Aurélio, fiel à tradição sueca, que teme a vingança dum morto sem sepultura, fica na aldeia até que se encontre o cadáver do pai, perdido nas águas, para lhe prestar as devidas homenagens fúnebres.

E dá-se a ressurreição moral daquela pobre mulher transviada... O pai cumprira pois a sua «missão» até ao fim: Gerar um ser para a luz eterna...

Perpassa por todo o livro uma vaga de calor, de generosidade, um arrebol dos mais belos sentimentos, apesar do gelo da terra onde decorre. O amor conjugal de João e Catarina, o discreto enleio de Augusto Dar Nol, e como ele se mostra depois bom para a rapariga que não soube ver nele quanto lhe queria... e esperar. A piedade filial de Lirmart, e todos os tipos de gentes da aldeia, tão fielmente retratados e comuns, afinal, a todas as latitudes, verificamos: do reitor aos mendigos.

É forçoso terminar e quase nada escrevi do muito que de interessante se guarda em ambos estes livros. Mas pelo que fica exposto espero ter sobre eles chamado a atenção de quantos têm a seu cargo as bibliotecas e a cultura dos rurais — pois obras destas são das que se lêem com o maior prazer nos longos serões de inverno, para quem tenha a ventura de poder vivê-los ao doce calor do lar, no campo ou na cidade.

ADRIANA RODRIGUES
Assistente Familiar

4.

Entrevista concedida por Armando Perdigão.

(FERREIRA, Mira, *Artesanato português – seu valor e interesse, uma entrevista concedida pelo Dr. Armando Perdigão*, **Mensário das Casas do Povo**, Lisboa, Junta Central das Casas do Povo, Ano XVII, nº 197, Novembro de 1962, pp. 8-11).

ANEXO C. Inventário de 1996

MUSEU DE ARTESANATO

Inventariaçãõ do acervo do
MUSEU

11 Abril 1996

- Alexandre Pizato
- Elisa Barriga

— " —

Em relaçaõ ao inventário
elaborado em 3 de Abril de 1991
(ultimo dia de funcionamento do museu)
notaram-se as seguintes faltas:

- Peça Nº 29 - 1 jarra verde Pág. 2
Peça Nº 62 - 1 espelho (quarto regional) Pág. 3
Peça Nº 446 - 1 cesto de tampa Pág. 17

Pizato

Luiz

Exposições de Artesanato

2	Tapetes de Alaudroa	✓	-	1	✓
1	Caféiro		-	2	✓
1	Tarro grande (cortica lisa)	-	✓	3	✓
1	Cajado de porquinho	-		4	✓
1	Cajado de boieiro	-		5	✓
2	Bancos de azulelo (tripe)	-	✓	6	✓
2	Bacia em cortica com suporte	-	✓	7	✓
1	Banca de azulelo		-	8	✓
1	Pele de cabra		-	9	✓
2	Bacias de Redondo	✓	-	10	✓
2	Tropeços em cortica	✓	-	11	✓
1	Balca em madeira		-	12	✓
2	Potes rústicos		-	13	✓
2	Protos de Redondo	✓	-	14	✓
1	Tapete de Arraiolos		-	15	✓
12	Fotografias (quadros)	✓	-	16	✓
1	Expositor de postais		-	17	✓
2	Cadeiras de vime		-	18	✓
1	Cesto de papéis (cabaç)		-	19	✓
1	Aquecimento pequeno		-	20	✓
1	Aquecimento grande		-	21	✓
1	Mesa preta de tela preta		-	22	✓
1	Cruzinho de Redondo	✓	-	23	✓
1	Cadeira papieira e/ pintura		-	24	✓
1	Aquário verde e/ pintura		-	25	✓
1	Aquário verde e/ pintura		-	26	✓

1	Fogão grande em tela	-	27 ✓
1	Escaparote pequeno verde	-	28 ✓
1	Yana verde	-	29 ✓
23	mesas e/ pintura - grandes	-	30 ✓
36	cadeiras e/ pintura - grandes	-	31 ✓
2	Prateleiras e/ pintura	-	32 ✓
1	talho grande	-	33 ✓
2	talhos pequenos	-	34 ✓
4	Suportes para talhas em ferro	-	35 ✓
1	Escaparotes grandes e/ pintura	-	36 ✓
2	Escaparotes médios	-	37 ✓
4	Escaparote e/ gavetas	-	38 ✓
1	Arca e/ pintura azul	-	39 ✓
1	Bandeiro de azul e/ chapim	-	40 ✓
6	mantas do flandres	-	41 ✓
3	Potes grandes do Redondo	-	42 ✓
1	Pote do Redondo (antigo)	-	43 ✓
1	Pote grande do Redondo	-	44 ✓
2	Cacias do Redondo (antigos)	-	45 ✓
1	Esterno do Burelo oval	-	46 ✓
1	Esterno do Burelo Redondo	-	47 ✓
3	cadeiras de burelo	-	48 ✓
1	Mesa de burelo retangular	-	49 ✓
1	Castrol de Viana de Fátima	-	50 ✓
9	Bancos Redondos do Burelo	-	51 ✓
1	Burno do estico	-	52 ✓
2	Assos grandes do Redondo	-	53 ✓
1	Pote grande do Redondo	-	54 ✓
1	Burno do estico	-	55 ✓

Quanto Regional

1 Cama e pintura ✓	- 56 ✓
2 Mesas de cabeceira ✓	- 57 ✓
2 cadeiras grandes ✓	- 58 ✓
1 cadeira pequena ✓	- 59 ✓
1 Banco	- 60 ✓
1 Canto de quanto "	- 61 ✓
1 Espelho ✓	- 62 ✓
1 Lavatório de ferro ✓	- 63 ✓
1 Bacia do bedado ✓	- 64 ✓
2 Protuber do " ✓	- 65 ✓
1 Toalha e/ Randa ✓	- 66 ✓
1 protuber pequena ✓	- 67 ✓
1 protuber comprida ✓	- 68 ✓
1 gamaf e/ copo e puto de Estremoz ✓	- 69 ✓
1 Poltronária alta rústica ✓	- 70 ✓
2 cadeiras rústicas ✓	- 71 ✓
1 Jaua rústica ✓	- 72 ✓
1 protuber do bedado ✓	- 73 ✓
1 Cadeira rústica bedado ✓	- 74 ✓
1 Mesa bedado pequena ✓	- 75 ✓
1 Cadeira branca do Vila Verde de Azeitão ✓	- 76 ✓
1 Cadeira rústica ✓	- 77 ✓
1 Cadeira rústica ✓	- 78 ✓
2 Láminas antigas ✓	- 79 ✓
1 guarda - roupa e/ armário ✓	- 80 ✓
1 Estreito bedado burilo ✓	- 81 ✓

1	Pai de Sapato de mulher ✓	-	82 ✓
1	Pai de Sota de homem ✓	-	83 ✓
1	Pai de meias de homem ✓	-	84 ✓
1	Pai de calças de homem ✓	-	85 ✓
1	Colete de homem ✓	-	86 ✓
2	Meperas de guante	-	87 ✓
1	Meperas Redondo Hexagonal ✓	-	88 ✓
2	Almofadas ✓	-	89 ✓
1	Dama de leucal ✓	-	90 ✓
1	Colcha de algodão ou tricot ✓	-	91 ✓
1	Colchão (duas partes) ✓	- 3 -	92 ✓
1	Dobradura de madeira ✓	-	93 ✓
1	Almofada de retalhos ✓	-	93.2

Casa de jantar

1	Mesa quadrada	-	94 ✓
2	cadeiras	-	95 ✓
2	cadeiras e/bracos ✓	-	96 ✓
1	Mesa pequena Redonda	-	97 ✓
1	guarda - laica ✓	-	98 ✓
1	mateleira grande ✓	-	99 ✓
1	mateleira pequena ✓	-	100 ✓
1	Suporte para duas velas	-	101 ✓
1	Tapete do bunito pop. ✓	-	102 ✓
1	Tapete do bunito grande ✓	-	103 ✓
2	meperas Redondo	-	104 ✓
1	castiçal alto	-	105 ✓
1	Servico de café a/8 peças	-	106 ✓

1	Yana do Uirare do Fleutejo	✓	108	✓
2	Proto grandes do Redondo	✓	109	✓
1	Escapante	✓	110	✓
10	Proto do Redondo	✓	111	✓
3	Carbater do banco ^{resistivo}	✓	112	✓
2	colheres do pau	✓	113	✓
1	pau	✓	114	✓
1	feno de seguran ^{cl. superior}	✓	115	✓
1	chaleira do feno	✓	116	✓
1	panela do feno grande	✓	117	✓
1	panela do feno rep.	✓	118	✓
2	panelas rep.	✓	119	✓
1	tacho e / tres pei	✓	120	✓
1	Pa do feno grande	✓	121	✓
1	" " " rep.	✓	122	✓
1	caço do feno	✓	123	✓
9	miricaturas do banco resistivo	✓	124	✓
1	condensio a pedrelos do, u' d'ao	✓	125	✓
1	" " " do lata	✓	126	✓
1	Yanas do banco	✓	127	✓
1	Passo do eoru	✓	128	✓
1	tenues do Uirare do Fleutejo	✓	129	✓
1	miricatura do banco	✓	130	✓
2	pedrelos resistivos	✓	131	✓
2	triglas do Uirare do Fleutejo	✓	132	✓
1	tarefa do banco	✓	133	✓
1	cabido em ferro	✓	134	✓
1	tenues de ferro	✓	135	✓
2	gancho do "	✓	136	✓
1	ano de uirare	✓	137	✓

Vitruvo do S. Pedro Conuza

1	Pote Auvarado	✓	—	138	✓
2	Potes castanheiros	✓	—	139	✓
1	Jane branca e / flores	✓	—	140	✓
2	Grades brancas	✓	—	141	✓
1	Candeieiro branco	✓	—	142	✓
1	Casal de Bancos grandes	✓	—	143	✓
1	" " " pap.	✓	—	144	✓
1	Pote azul	✓	—	145	✓
1	Palmeira branca	✓	—	146	✓
1	Candeieiro e / flores - pequeno	✓	—	147	✓
1	Jane cerejeira	✓	—	148	✓
1	Jane branca	✓	—	149	✓
3	Janelas brancas	✓	—	150	✓
1	Mato grande	✓	—	151	✓
3	^(seitas) bacias redondas	✓	—	152	✓
2	Potes pequenos	✓	—	153	✓
2	Palmeiras pequenas	✓	—	154	✓
1	Azeitona grande	✓	—	155	✓
1	Azeitona pap.	✓	—	156	✓
5	Chaveiros e / pires e flores	✓	—	157	✓
1	Castiçal castanho	✓	—	158	✓
1	Pote castanho	✓	—	159	✓
1	Tanino	✓	—	160	✓
1	Pote azul	✓	—	161	✓
1	Palmeira castanha	✓	—	162	✓
2	Mirindas castanhas	✓	—	163	✓
1	Bule alto	✓	—	164	✓
1	Cafeteira branca	✓	—	165	✓

1 Pote preto	✓	- 166 ✓
1 Pote creme	✓	- 167 ✓
1 Pote branco	✓	- 168 ✓
1 conjunto de gram. e/2 copos e pratos	✓	- 169 ✓
2 canecas	✓	- 170 ✓
1 cadeira retilica e/peças	✓	- 171 ✓
1 coracel castanho	✓	- 172 ✓
1 chamine (a plique)	✓	- 173 ✓

Cozinha

1 tampo de cozinha amadia	✓	- 174 ✓
1 coxo pedando	✓	- 175 ✓
1 coxo e/pega	✓	- 176 ✓
1 caixa cozinheira	✓	- 177 ✓
1 tampo e/ baldas	✓	- 178 ✓
1 coxo pedando grande	✓	- 179 ✓
1 Saldipo	✓	- 180 ✓
2 globos	✓	- 181 ✓
1 candelario	✓	- 182 ✓
1 trufeiro	✓	- 183 ✓
1 peixeiro	✓	- 184 ✓
1 coxo oval	✓	- 185 ✓
1 coxo pedando	✓	- 186 ✓
1 trufeiro e/ baldas	✓	- 187 ✓
1 trufeiro e/ 2 peças	✓	- 188 ✓
1 lancheira pequena	✓	- 189 ✓
1 lancheira grande	✓	- 190 ✓

Vitane de Cortice

-8-

2	lucheiros	obras	✓	—	191	✓
1	luala	e/ ^{concreto} concreto	✓	—	192	✓
1	gazela	seu medeira	✓	—	193	✓
1	taureiro	e/ bai	✓	—	194	✓
1	quadro	e/ pastor e ceifeira	✓	—	195	✓
2	cabacos	trabalhados	—	✓	196	✓
1	tauro	do cortice amedica	✓	—	197	✓
1	caixa	do cortice		—	198	✓
1	quadrado	e/ pastor e ceifeira	✓	—	199	✓
1	bracel	trabalhado	✓	—	200	✓
5	colheres	do medeira	✓	—	201	✓
3	Tauros	pequenos	✓	—	202	✓
1	tauro	do medeira	✓	—	203	✓
1	cesto	do cortice e/ assa	✓	—	204	✓
1	cafeira	pequena	—	—	205	✓
1	cafeira cafeira	medica	✓	—	206	✓
1	caixa	do medeira	—	—	207	✓
2	cadeiras	do		—	208	✓
1	colher	e garfo do		—	209	✓
1	cesto	do cortice e/ assa	✓	—	210	✓
1	carroca	e/ brameu	✓	—	211	✓
1	colher	e/ famp	✓	—	212	✓
3	colheres	do cortice	✓	—	213	✓
1	colher	e garfo (madeira)	✓	—	214	✓
2	caixas	de lazeira	✓	—	215	✓
2	caixas	de cortice	✓	—	216	✓
					217	

1	ovaleiro	em madeira	-	218	v
1	pastor	" "	-	219	v
1	caixa	em esotica	-	220	v
1	Presépio	e/ cabane	-	221	v
1	casal	do pastor e caifeira	-	222	v
1	Ornão	deleitejano	-	223	v
1	Exo	pinçavado	-	224	v
1	Manulo	pep	-	225	v
1	tampa	mala	-	226	v
1	Presépio	no exo	-	227	v
1	Tijagem	de cantica	-	228	v
1	Manulo	e/ maleiro	-	229	v
1	mala	de esotica	-	230	v
1	Pinco	e/ ovelhas	-	231	v
1	Taninho	minicula	-	232	v
2	cadeiras	" "	-	233	v
2	caixas	" "	-	234	v

Mesas de cerâmica do Pedado

1	terrino	reistica	-	235	v
1	cafetino	pepueira	-	236	v
1	paucela	reistica	-	237	v
1	Arado	e/ tampe	-	238	v
1	tachio	e/ asas	-	239	v
1	minicula		-	240	v
1	Arado	pep.	-	241	v
1	paucela	e/ três pés	-	242	v

1 Prato autogr do ledado e/ flores	-	244 ✓
1 copo e/ buraco	-	245 ✓
1 cantaro unichua	-	246 ✓
1 pote p/ mel ✓	-	247 ✓
1 tacho e/ 2 asas	-	248 ✓
1 cantaro me'dio	-	249 ✓
1 Banió ✓	-	250 ✓
2 cafeteiras	-	251 ✓
1 fuma e/ punta	-	252 ✓
1 Prato do ledado effones	-	253 ✓
1 tacho e/ tampa	-	254 ✓
1 tacho	-	255 ✓
1 panela e/ tampa	-	256 ✓
1 pote p/ mel	-	257 ✓
1 chocolateira	-	258 ✓
1 bacia pep.	-	259 ✓
1 Peça para flores ✓	-	260 ✓
1 Alguilar unichua	-	261 ✓
1 Prato e/ flores	-	262 ✓
1 tacho grande e/ asas	-	263 ✓
1 fregideira	-	264 ✓
1 tacho pep. e/ asas	-	265 ✓
1 Billa	-	266 ✓
1 Banió	-	267 ✓
1 cruzeira	-	268 ✓
1 cafeteira pep -	-	269 ✓
1 panela pep -	-	270 ✓

50
14
3 62

- 272

4 Bancas do matoce (papeiras) ³ ^{com azulo} (F)

- 1 Cortical Reusico 273 ✓
- 1 Tigela de fogo ✓ 274 ✓
- 1 Balle alta c/ tampe ^{via de} 275 ✓
- 1 Banil 276 ✓
- 1 ganefo 277 ✓
- 1 furodo ✓ 278 ✓
- 1 Conjunto de 3 tachas c 279 ✓
- 1 Pato alto c/ tampe 280 ✓
- 1 Peça cônica do pedando (sabão) 281 ✓
- 1 Peça cônica do pedando 282 ✓
- 1 Banca fano do " 283 ✓
- 1 Assado grande 284 ✓
- 1 Peça e/ bancas p/ abovar (21) 285 ✓
- 1 frigideira (tigela de fogo) 286 ✓
- 1 Mesa do azulo grande 287 ✓
- 1 Tano e/ espiças grande ✓ 288 ✓
- 1 Espet do pele ✓ 289 ✓
- 1 Alforço do pele ✓ 290 ✓
- 6 Bancas de cortice ✓ 291 ✓
- 1 Mesa do cortice ✓ 292 ✓
- 1 Candeiro do diame do Plentejo ✓ 293 ✓
- 1 Estre em banilho 294 ✓
- 6 Cortices 295 ✓
- 3 tapetes de logar (21) 296 ✓
- 2 Espetos do ferro ✓
- 1 Emprestado (leg. Turisano)

		- 12 -
4	Suprimentos p/ espelhos em ferro	297 ✓
1	<u>emprestado</u> (Reg. Trazimento)	
1	Trampo em ferro ✓	298 ✓
2	Triângulos em ferro ✓	299 ✓
1	Tranco do cortice ✓	300 ✓
2	machados de Pontel ✓	301 ✓
2	cinzais ✓ (41)	302 ✓
1	Rede de pesca ✓	303 ✓
3	Massas ✓	304 ✓
1	esto de pesca e/taampa ✓	305 ✓
1	" " " S/taampa ✓	306 ✓
1	Alforge e/ suporte	307 ✓
2	cantaros	308 ✓
1	taampa do cortice ✓	309 ✓

Recepção de Viagem do Pontel

2	Presepções de Viagem (7)	310 ✓
2	Bancos de Viagem	311 ✓
1	Candeeiro e/ banco ✓	312 ✓
2	Cafeteiras e/ flor ✓	313 ✓
1	Pate rosa ✓	314 ✓
1	terrino branca e azul ✓	315 ✓
1	Prato e/ Ceifeiro ✓	316 ✓
4	Pratos médios ✓	317 ✓
2	Potes biscados ✓	318 ✓
1	Casal de Bancos	319 ✓
1	Cafeteira castanha S/taampa	320 ✓
1	Prato e/ Ceifeiro	321 ✓

1 Termino castanha p/puntas ✓	- 322 ✓
1 Termino pap. e/ flores ✓	- 323 ✓
1 Tripla castanha e branca ✓	- 324 ✓
1 Cafeina e/ tempo ✓	- 325 ✓

Vitrine de Doces do Quebrajo

1 Cafeina ✓	326 ✓
2 Fava preta ✓	327 ✓
6 Probs pep. ✓	328 ✓
1 Fava alta e larga ✓	329 ✓
2 Ladriões decorados ✓	330 ✓
3 Probs grandes ✓	331 ✓
1 Cafeiro deitado ✓	332 ✓
1 Fava verde ✓	333 ✓
2 Cafeiros apelhadas ✓	334 ✓
1 Cafeira do pé ✓	335 ✓
1 Casal a dançar ✓	336 ✓
1 palmeira e/ flor ✓	337 ✓
1 Homem e/ Machado ✓	338 ✓
1 Fava branca e/ flores ✓	339 ✓
1 Segade Família ✓	340 ✓
1 Aleijado deitado (pequeno) ✓	341 ✓
3 Aerios ✓	342 ✓
1 S. Pedro ✓	343 ✓
1 Cruzeiro quadrado ✓	344 ✓
1 Ramo de flores ✓	345 ✓
1 Passarinho branco ✓	346 ✓
1 Casa de cafeira ✓	347 ✓
1 Sto. Antonio grande ✓	348 ✓

Terrina

1	Caixa e/bolotas	-	349	✓
1	Carro de vela e/homem ✓	-	350	✓
1	estaca	-	351	✓
1	castiçal alto	✓	352	✓
1	telha decorada	✓	353	✓
1	ovos verde (grande)	✓	354	✓
1	lagarto	✓	355	✓
1	figueiro miniature	✓	356	✓
1	caudeiro castanho	-	357	✓
1	craveiro castanho	-	358	✓
1	cafeteira branca	-	359	✓
4	Bolotas	-	360	✓
1	coração	-	361	✓
1	menino Jesus nas palhinhas	-	362	✓
1	gancho castanho	-	363	✓
1	Pole grande e/tampa	✓	364	✓
3	Proseiros	-	365	✓
1	Cavalo empinado	-	366	✓
2	Preto Médio	-	367	✓
1	Sto. António castanho	-	368	✓
1	Sto. António verde	-	369	✓
1	U.S.ª. Caucicey	✓	370	✓
1	Bicudo e/ flores	-	371	✓
1	Palustre gancho	-	372	✓
1	caudeiro e/cavalo	-	373	✓

Utensile do Rodado

3	Alguidares miúdiãna	-	374 ✓
2	lanas e/putas	-	375 ✓
1	Bacado	-	376 ✓
1	Piporro e/putas	✓	377 ✓
1	Bacia e/fezes	-	378 ✓
1	tigela e/putas	-	379 ✓
1	Salteiro	✓	380 ✓
4	Azeitunhas	✓	381 ✓
1	alguidar amonelo pep.	-	382 ✓
1	alguidar rustico pep.	-	383 ✓
1	utricula ^{vaso} cistice	-	384 ✓
1	Cajuto de 4. percas	-	385 ✓
1	Escondon do peixe	✓	386 ✓
1	Prato grande e/cefeio	-	387 ✓
1	Banil	-	388 ✓
1	Chaveis e/pines	-	389 ✓
1	cafeteira e/putas	-	390 ✓
1	Bacia e/bauca	-	391 ✓
1	Tenue e/fezes bemelhas	✓	392 ✓
1	Alguidar e/fezes pep.	-	393 ✓
1	Vaso pep. e/putas	-	394 ✓
1	Cajuto e/cinco alguidares	-	395 ✓
1	casal de baucas rusticas	-	396 ✓
1	Prato grande e/fezes	-	397 ✓
2	Pratos pep.	-	398 ✓
2	lanas cordas	-	399 ✓
1	Prato grande	-	400 ✓

		- 16
2 cantarelhas e/foros	—	401 ✓
1 jarra baixa	—	402 ✓
1 tenial e/puntas e foros	—	403 ✓
— " —		
2 maetas de lã de leguengas	—	404 ✓
1 quadro e/braçes da cidade	—	405 ✓
	sem cantice	
4 tropeços altos	—	406 ✓
2 jarros do Urano	—	407 ✓
1 florino do Redondo	—	408 ✓
2 pratos grandes do Redondo	—	409 ✓

LATOARIA — " —

1 caldeirap de lata	—	410 ✓
1 Pote de Azite e/foros	—	411 ✓
1 cântaro de Azite	—	412 ✓
2 cantaros de leite	—	413 ✓
1 Cafeteira grande	—	414 ✓
1 candeia grande	—	415 ✓
1 caixa de lata	—	416 ✓
2 furos	—	417 ✓
1 Mustolia e/bica	—	418 ✓
1 " sem bica	—	419 ✓
1 candeiro de parede	—	420 ✓
2 candeias	—	421 ✓

1 Quadro com miniaturas	—	422 ✓
sem madeira natural		
1 " " " " " "	—	423 ✓

1	Alforges de pele	✓ -	424	✓
1	Sapês de pele e/ suporte	✓ -	425	✓
1	Peco em cobre e/ 2 asas	✓ -	426	✓
1	Pele de bongo	✓ -	427	✓
1	Resquilas e/ coleira	✓ -	428	✓
1	Cesto de verga e/ asa	✓ -	429	✓
1	Costureirinha e/ pe'	✓ -	430	✓
1	Conjunto de 3 tabuleiras de	-	431	✓
1	Conjunto de 4 cabeças ^{verga} alentejano	-	432	✓
1	gancho empalhado	-	433	✓
1	Banco de verga	-	434	✓
1	Mede de madeira	-	435	✓
1	Cadeira de madeira natural	-	436	✓
1	Caboz grande	-	437	✓
1	Cesto de cana e/ asa	-	438	✓
1	Cabanejas de cana	-	439	✓
1	Costureirinha e/ pe' (pequena)	-	440	✓
1	Relulo grande	-	441	✓
1	Cesto de tampa lisa	-	442	✓
1	Cestinho e/ asa	-	443	✓
2	Cestos ovais e/ asa	-	444	✓
1	Cesto redondo e/ asa	-	445	✓
1	Cesto do ranço	-	446	✓
1	Costureirinha e/ pe' alb	-	447	✓
1	cesto e/ tampa - lancheira	-	448	✓
2	Cabeças Vermelhas	-	449	✓
1	Sapês de pele	✓ -	450	✓
1	carpeto de pele (retalhos)	-	451	✓
1	Quadro de simetrias em madeira natural	-	452	✓
1	Quadro de simetrias em madeira pintada	-	453	✓

1	Trilho	c	454 v
2	Forquillas grandes	c	455 v
2	Forquillas pep.	c	456 v
2	Paini pueiras	-	457 v
2	Pecas	c	458 v
1	Bufeto de cabeçada	-	459 v
1	Cabresto refertado em pau	c	460 v
1	Cabresto simples " "	c	461 v
1	Fucilheira p/besta	-	462 v
1	Funda de pele	c	463 v
5	Caugas	c	464 v
3	Fices	-	465 v
9	Dedeiras do cauro	-	466 v
1	Cabresto refertado em pele	c	467 v
1	" simples em pele	c	468 v
1	Hulim - buento de Hulim	-	469 v
1	Hulim	-	470 v
1	Bonni pueira ^{pele} em pele simples	-	471 v
1	Albarde	-	472 v
1	Parideira em oculos	-	473 v
1	Crivos	-	474 v
1	Pa' de medeira	-	475 v

TRAFOR REGIONAIS -

1	cajado	-	476 v
1	Manta de riscas	-	477 v
1	Pelica de pele	c	478 v
1	Bonua	-	479 v
1	Safes de pele	-	480 v
1	tavo de cortico amedica	c	481 v
1	caunso de riscado	-	482 v
		-	483 v

2	diapéis	mehr	C	484	v	
1	leuco	de	muller	485	v	
1	taleg	de	retallia	486	v	
1	Blesa	de	piscedo	487	v	
2	Mangriths	"	"	488	v	
1	A ventar			489	v	
1	Saia	catavello	DI	490	v	
1	Queltes	brancos	DI	491	v	
1	Par	de	meias	reballedas	492	v

Vitrine de cerâmica de Estremoz

4	cantariulas	p /	tampa	493	v	
3	cantariulas	e /	tampa	494	v	
1	placa	e /	tampa	495	v	
1	Peca	grande	e /	copo	496	v
6	moningas	grandes		497	v	
2	moningas	peq.		498	v	
4	canecas	e /	asa	499	v	
2	copos			500	v	
3	cantariulas	peq.		501	v	
1	Bulla	alt		502	v	
1	Palmeira	em	estrela	503	v	
1	placa	e /	copo	peq.	504	v
1	Porco			505	v	
1	Pastor			506	v	
1	Moningo	tanco		507	v	
1	Tanco	p /	tampa	508	v	

Ustrine de Trabalho e número		chifre	- 29
9	Conchas	c	- 509 ✓
3	Galliteiros completos		- 510 ✓
4	Caixas eee conus		- 511 ✓
1	Galliteiro Simples		- 512 ✓
9	argolas do guardanapo		- 513 ✓
2	pulseiras eee conus		- 514 ✓
1	cajuib de solo e pimenta	c	- 515 ✓
1	Paliteiro	c	- 516 ✓
1	copo e / pinos	c	- 517 ✓
1	elavaca e / pinos	c	- 518 ✓
2	Pássaros	c	- 519 ✓
2	caudadeiras e / abajure		- 520 ✓
2	castiçais	c	- 521 ✓
3	Pulseiras eee crina	c	- 522 ✓
1	cajuib de pulseira e colar		- 523 ✓
	em osso		
1	concha eee osso	c	- 524 ✓
3	conchas pequeninas		- 525 ✓
9	caixas de osso		- 526 ✓

Mediunidades

1	Alumofreio e / pilóp	c	- 527 ✓
1	faca preta	c	- 528 ✓
9	facas brancas	c	- 529 ✓
1	teiteira grande	c	- 530 ✓
1	" " pep.	c	- 531 ✓
1	fanteo grande		- 532 ✓
1	facas brancas		- 533 ✓

Vitrume dos Bauecos do Estremoz

-2d-

1 Presépio c/retábulo e 9 figuras	- 534 ✓
42 Bauecos avelso + 10	- 535 ✓
9 Afetos F1	- 536 ✓
1 Baude c/ 13 figuras F1	- 537 ✓
2 Cantanulas grandes ✓	- 538 ✓
1 Cantanula pep - ✓	- 539 ✓
+ Barberio	- 540 ✓
1 Sto. António	- 541 ✓
1 Mc. Sto. Roque c/ ajoelhado	- 542 ✓
" " " de Pe'	- 543 ✓
20 Casulas unichere ✓	- 544 ✓

Vitrume dos Azulejos

8 castiçais altos	- 545 ✓
1 Paleocronica c	- 546 ✓
2 ^(magos) uas telas c	- 547 ✓
5 faixas	- 548 ✓
1 Fonte das Portas de Moura c	- 549 ✓
1 Fonte da Praça do General c	- 550 ✓
1 Seponte do ca. Zumbos c	- 551 ✓
9 copos c	- 552 ✓
1 c. lar c	- 553 ✓
1 casal de uachos	- 554 ✓
1 Santa grande c	- 555 ✓
1 Pião c	- 556 ✓
1 caixa redonda	- 557 ✓
1 caixa quadrada	- 558 ✓

V. B. ...
Banco (1x10x10 ...)

Banco (1x10x10 ...)	-	581	v
... / ...	-	582	v
... de ...	-	583	v
(... / ...)	-	584	v
Parte o / bica (...)	-	588	v
Trateiro papueiro (")	-	589	v
Parte do retalho	-	590	v
Capoteira do renda	-	591	v
" o / bidade	-	592	v
" do renda	-	593	v
Parte do colar o / 2 ...	-	594	v
Capoteira do ...	-	595	v
Capoteira do cobre	-	596	v
2 Capoteira do renda (...)	-	597	v
Quadro em cobre (...)	-	598	v
Alucopado do retalho e	-	599	v
Alucopado em cobre e	-	600	v
Capoteira do renda	-	601	v
Tabela do ... latão e	-	602	v
Tabela do <u>latão</u> (pap.) e	-	603	v
Tabela do cobre (pap.) e	-	604	v
Quadro em cobre / ...	-	605	v
Quadro o / ...	-	606	v
Quadro de ...	-	607	v
Quadro de ...	-	608	v
Quadro ...	-	609	v
Quadro de ...	-	610	v
Quadro de ...	-	611	v

	- 24 -
Paqueta em cobre (grande)	- 613 -
" " " (medida)	- 614 -
Cruzeta em cobre	- 615 -
edreio em cobre (grande)	- 616 -
" " " (pequeno)	- 617 -
Cruzeta em cobre e medalha	- 618 -
pana em cobre	- 619 -
pana em cobre	- 620 -
Ala de cobre	- 621 -
4 Paes de meias de homem	- 622 -
2 Paes de meias de mulher	- 623 -
Bolsa de ricas	- 624 -
Colcha de retalhos	- 625 -
Alfayate de ricas	- 626 -
Botão alentejano em madeira	- 627 -
Terminação em estanho	- 628 -
pana alta de estanho	- 629 -
3 Meias em papel recortado	- 630 -

Vitrine das localidades

conjunto de 10 localidades	- 631 -
" de 5 guises	- 632 -
10 Fivelas em metal	- 633 -
2 Fivelas	- 633 -
8 Fivelas diferentes	- 634 -
3 Espilhas e esquilas	- 635 -
Colchas e guises	- 636 -

- 25 -

- 9 placas e/ diocallas (univalue) F - 637 ✓
1 diocallo e/ estaca grande ✓ - 638 ✓
Conjunto de confeit de diocallas - 639 ✓
2 2 coelhos pendurados ✓ - 640 ✓
Conjunto de 6 quises em latão ✓ - 641 ✓
Suporte de colocação (estrela) ✓ - 642 ✓
3 Botões grandes de latão - 643 ✓
Conjunto de 9 esquilas em latão - 644 ✓

Lanterneira de Ferro Forjada (preta) F. 645:
e 14 pedras de base de pedregal (33) ✓
e 5. Pedras de encaixe (3) ✓

pane e/ palmito 646 ✓
pane o/ palmito (tipo colaca) ✓ - 647 ✓

3 Abril de 1991

ANEXO 5. Entrevistas

ENTREVISTA 1.

Maria Elisa Barriga

(Funcionária do Antigo Museu do Artesanato)

1. Quando começou a trabalhar para o Museu?

Cerca de 1980.

2. Quem organizou a exposição permanente do Antigo Museu?

A nível oficial foi tratado por Manuel Carvalho Moniz e por Armando Perdigão, que foi o mentor, o criador daquilo e o primeiro presidente da Comissão de Acompanhamento. Carvalho Moniz era o seu subalterno e muito interessado pelo artesanato.

3. Como estava distribuído o percurso expositivo?

A exposição não tem nada a ver com o que lá estava. Nas vitrinas estava tudo misturado. Quando o Museu esteve fechado para obras e caiação [em 1981], fiz uma redistribuição das peças de cerâmica, juntei os labores numa vitrina. Na ala esquerda juntei as peças de tiragem de cortiça, pus os machados ao lado do tronco de cortiça. Foi com a minha sensibilidade que organizei a última versão da exposição. Tinha muita ternura por aquelas coisinhas. Havia algumas coisas de cestaria, 2 ou 3 cestos mais antigos no armazém e que comecei a pôr cá fora.

4. Qual era a proveniência das peças?

Muitas peças foram adquiridas na altura em que se fez o Gabinete, eram as que se produziam na altura. Sei que quando fizeram a aquisição de chocalhos encomendaram um conjunto. Quando estava a trabalhar no Museu adquiriu-se algumas peças que estavam à consignação. Não havia dinheiro para comprar peças.

5. Quais as principais aquisições depois do 25 de Abril?

O Museu funcionou sempre sem grandes aquisições. Costumávamos fazer empréstimos para exposições organizadas por outras entidades. Para a exposição de peças em feiras, pedíamos peças emprestadas aos artesãos, alguns ofereciam-nas depois, outras ficavam em exposição no Museu.

Nunca houve grande interesse em evoluir com o Museu. Havia alguns concelhos que não estavam representados. Das cerâmicas recentes algumas foram os artesãos que deram para divulgação. Alguns oleiros novos de Viana do Alentejo passaram a virar-se para a cerâmica decorativa e introduziram algumas novidades.

6. Havia espaço de reservas?

Tínhamos um armazém com peças a mais, para serem emprestadas (as peças do museu nunca saíam) ou dadas. Não estavam catalogadas.

7. Qual era o funcionamento do Museu? (Política de entradas, se organizavam visitas guiadas, se possuíam folhetos de divulgação)

A entrada era gratuita. Havia muitos visitantes porque era um sítio de passagem. Iam muitas escolas mas se fosse a pagar muita gente não entrava. Havia visitas guiadas quando nos pediam antecipadamente. Nunca houve um folheto ou catálogo para divulgação. Tinha o nome de museu mas era um gabinete de divulgação.

8. Quais as actividades do Museu a partir do 25 de Abril de 1974? (Se houve a organização de exposições temporárias/ trabalhos ao vivo)

Nunca teve exposições temporárias. Não considerava que fosse um museu, era mais um gabinete de mostra.

9. Em 1980 o Gabinete passa a designar-se Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora. As actividades de apoio ao artesanato concebidas pelo G.A.R.D.E. terminam nesta data?

Não sei quando o Gabinete fechou. Ouvia falar dos meus colegas mais velhos mas nunca assisti, quando fui trabalhar era só aquela exposição. No início sei que ainda exportavam grandes encomendas e que despachavam por comboio. No meu tempo já não faziam isso, não acompanhei. As olarias passaram a fazer escoamento directo, com a cerâmica decorativa havia mais facilidade, antigamente havia muita dificuldade no escoamento.

Divulgar o trabalho era a única forma de ajudar. Não era com apoio técnico dado ao artesão. Quem aparecia apoiávamos para pôr em exposição ou em venda. Por exemplo, a senhora Jacinta Pavia fazia taleigos, levava-os e nós vendíamos.

10. Quais as actividades desenvolvidas pelo Museu?

Nenhumas. A instituição passou a museu por uma imposição legal, não houve mudanças estruturais, continuou a funcionar como uma mostra.

11. De acordo com a Acta de 31 de Março de 1990, estava a frequentar uma Olaria de Viana do Alentejo tendo em vista a dinamização do Museu com a instalação de uma oficina de olaria, onde os visitantes pudessem apreciar as diversas fases das peças até ao seu acabamento final. Aplicou a sua formação recebida com o público?

Nunca. Não tinha material para o fazer. Fui mais para aprender a técnica e poder explicar.

12. Porque é que acabaram os registos de vendas em 1980?

O encarregado faleceu. Havia um fundo que servia para adquirir peças com esse dinheiro e ele é que fazia o registo.

13. Como era a sua rotina no dia a dia no Museu?

Nós fazíamos um tratamento básico às peças, sem conhecimentos técnicos. Não tínhamos apoio nem para fazer cursos, quem nos ensinasse, não podíamos crescer nessa área, nós é que nos entregávamos de alma e coração. Trocávamos as folgas para manter a porta aberta.

Chovia lá dentro, o que nos obrigava a mudar as peças. O chão era térreo, antes de varrer tinha de ser lavado, motivo porque deslocávamos muito as peças. Fizemos tudo o que podíamos.

14. Várias foram as mudanças regulamentares da Assembleia Distrital que viriam a contribuir para o encerrar do Museu. Qual a sua opinião sobre estas alterações?

A Assembleia Distrital tinha protagonismo. Hoje o presidente tem apenas um cargo honorário e a Assembleia Distrital não tem funcionários próprios como antigamente, que até tinha uma sede própria. Deixaram de ter atribuições, apesar de estar tudo no papel não conseguiam cumprir. A legislação mudou mas não previu esta situação na área da cultura.

15. Como foi o seu último dia de trabalho?

Telefonaram às dez para o meio-dia a mandar que fechássemos a porta. Foi tudo muito em cima da hora porque fechávamos ao meio-dia. Não sabíamos de nada. Estive um ano sem receber, foi muito traumatizante para mim e para os meus colegas.

16. Qual a sua expectativa com a reabertura do museu?

Sei que o projecto vai ser muito diferente. Como residente e interessada pelo artesanato, acho que a cidade só vai beneficiar. Vale a pena trazer artesãos ao vivo para um espaço nobre da cidade. Gostava que este trabalho tivesse sido feito quando lá estava, há 20 anos atrás.

ENTREVISTA 2.

Celso Mangucci

(Coordenador do Projecto de Museologia)

1. Na sua opinião, qual a importância da colecção proveniente do Antigo Museu do Artesanato?

Ela é importante pela forma como foi constituída, não como um programa museográfico mas como um mostruário do trabalho dos artesãos. E parte dessa colecção são coisas que ficaram do mostruário, mais ou menos completo porque houve uma tentativa de fazer um levantamento do trabalho do distrito, de ter os artesãos representados. E portanto, de constituir uma recolha exhaustiva de um determinado período. Embora de maneira actualmente desorganizada, foi construído um reportório com informações úteis sobre a forma de trabalho e a localização dos mesmos artesãos.

2. Durante o inventário informático as colecções foram divididas pelas seguintes categorias: Alfaias agrícolas, cerâmica, cestaria, chifre, cortiça, madeira, metais, mobiliário, papel, têxteis, traje, fotografias, vidros, pedra, utensílios, utensílios e equipamentos, utensílios de pesca e meios de transporte. Porquê?

O principal objectivo do inventário era que esse seria uma primeira forma de contacto da equipa de trabalho com a classificação anterior. Essa classificação foi utilizada, não por se sobrepôr a uma forma de organização anterior, mas para ser mais fácil a pesquisa e informação de peças com o registo anterior do que havia sido feito delas. Uma das informações mais importantes foi a tentativa de registar o número de inventários anteriores e marcas de artesãos, de maneira a que essa informação anexa às peças pudesse ser confrontada com os registos e com a documentação de entrega e venda de peças de cada um dos artesãos.

3. Porque é que o inventário das peças não se cingiu apenas a uma divisão por materiais?

O facto de utilizar o sistema Matriz deveria obrigar a aceitar uma série de parâmetros e formas de classificação inerentes a esse inventário. Que ele pudesse fazer parte de uma base de dados mais vasta que poderia unificar junto de vários inventários entre museus. O nosso inventário fazia o compromisso entre o inventário anterior e uma forma de inventário mais moderna, mas que também não correspondia exactamente ao espólio que possuímos porque não era um espólio com alguma estrutura museográfica, mas por vários mostruários de peças com defeito que não tinham sido vendidas.

4. Porquê a política de novas aquisições? E de pedido de empréstimo a outras instituições e a particulares?

Dentro de um programa menos vocacionado para a comercialização como era o programa do Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora, fazia falta a possibilidade de enquadrar historicamente, dar uma dimensão histórica a cada um dos núcleos que não foram estudados por materiais mas sim por manifestações artísticas particulares. A maneira mais prática que se considerou foi a aquisição e o empréstimo.

5. Segundo o guião da exposição, o percurso expositivo divide-se pelos núcleos “Esgrafitados e Estuques”, “Móveis de Évora”, “Faianças de Estremoz”, “Estanhos de Vila Viçosa”, “Tapetes Bordados de Arraiolos”, “Mantas de Reguengos de Monsaraz”, “Fibras vegetais”, “Chocalhos”, “Olaria de Estremoz”, “Olaria do Redondo”, “Olaria de São Pedro do Corval”, “Olaria de Viana do Alentejo”, “Fotografias”, “Doçaria do Alentejo”, “Arte Pastoril”, “A Casa do Alentejo”, “Escultura de cortiça” e “Novos Artesãos”. Podia explicar em breves palavras o porquê desta organização?

Em primeiro lugar o projecto de exposição corresponde a uma encomenda de uma entidade concreta – a Região de Turismo de Évora – e o programa do museu foi pensado num eixo

básico: como tratar e apresentar uma colecção que não tinha uma profundidade histórica relevante e ao mesmo tempo que tinha sido pensada como um Museu Etnográfico?

Não havia uma produção científica na forma de aquisição, de exposição vinculada à etnografia que seria o eixo metodológico mais evidente para preparar uma concepção deste tipo. Dar enquadramento histórico no sentido de poder relacionar a constituição dos diversos discursos sobre a Arte Popular a partir da criação da nossa identidade regional. E por isso focalizamos as balizas cronológicas da exposição entre meados do século XIX e finais do XX, mostrando as diversas formas de construção do discurso sobre a Arte Popular e como esse seu discurso evolui e ao mesmo tempo informa as políticas do Estado de apoio e de formação aos artesãos.

Ao mesmo tempo havia a necessidade de que uma representatividade mais ou menos homogénea e equilibrada de todos os concelhos do distrito de Évora. E o resultado final pretende dar a conhecer uma mostra mais ou menos abrangente de toda a produção artesanal que se faz no distrito de Évora a partir de um núcleo central de peças que já havia sido recolhido com ajustes mais ou menos parciais, seja de uma produção anterior aos anos 60 que é basicamente constituída por empréstimos a particulares, como a produção posterior aos anos 60, feita por aquisições de trabalhos actuais.

6. Quais as características gerais do Centro de Artes Tradicionais? A nível museológico como define a instituição?

A proposta geral do Centro de Artes Tradicionais é o dele se tornar numa verdadeira unidade museológica no sentido de ser uma instituição com um corpo de funcionários que possa criar uma memória do trabalho desenvolvido tanto a nível das exposições como da conservação de peças. Existem lacunas mais evidentes que são a criação de um espaço de reservas e a formação de um corpo de entidade que por enquanto não existe.

7. De que forma o Centro de Artes Tradicionais irá divulgar o artesanato e o trabalho dos artesãos do distrito?

Através da exposição de peças, de projectos pedagógicos específicos junto dos pólos e de informação direccionada aos visitantes do Museu, de maneira que possam visitar as próprias oficinas dos artesãos. Através da Internet serão disponibilizadas informações tanto sobre o espólio como o trabalho dos artesãos.

8. Como se prevê que o Centro de Artes Tradicionais centralize uma acção poli-nucleada alargada ao distrito de Évora?

Há um projecto de criação de parcerias entre o Centro de Artes Tradicionais e cada oficina dos artesãos. Isso passaria pela criação de um protocolo em que os artesãos se contribuíam a uma abertura de horários regulares no qual receberia tantas visitas guiadas quanto de visitantes individuais. O Centro de Artes Tradicionais se responsabilizaria por criar informação em diversas línguas e ao mesmo tempo divulgar a globalização e as informações necessárias para um melhor acesso.

ANEXO 6. Inquéritos

Este anexo é dividido em três: O Anexo A é composto por um “Modelo” do inquérito, o Anexo B por inquéritos realizados aos “Artesãos” enquanto o Anexo C se refere ao grupo dos “Não Artesãos”.

ANEXO A. Modelo

INQUÉRITO

NOME

DATA DE NASCIMENTO

PROFISSÃO

LOCALIDADE

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Sim Não

Comentário

2. Concordou com o seu encerramento?

Sim Não

Comentário

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Muito Boa Boa Razoável Má

Comentário

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data _____

ANEXO B. Artesãos

INQUÉRITO

NOME

DATA DE NASCIMENTO

PROFISSÃO

LOCALIDADE

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Sim

Comentário

Achava que o museu estava bom naquele tempo. De vez em quando ia visitar porque gostava do espaço e do sítio, era atraente ao turismo. Não me recordo bem da exposição. Sei que tinha trabalhos de cortiça do senhor Portalegre, e de Santana do Campo havia uma igreja em cortiça muito bem feita com uma fotografia do senhor, mas que levaram. Não tinha peças minhas em exposição, mas vendia lá peças a uma senhora nos finais do anos 80.

2. Concordou com o seu encerramento?

Não

Comentário

Estranhei bastante ter sido encerrado porque era uma casa muito boa para museu de artesanato.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Muito Boa

Comentário

Quanto mais depressa abrir, melhor. Gostava que o museu voltasse a funcionar porque é importante para a cidade, para o desenvolvimento do artesanato e para atrair mais turistas. Acho muito bem que seja naquele local, é muito apropriado, seria impossível noutra lado.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 27/09/05

INQUÉRITO

NOME

DATA DE NASCIMENTO

PROFISSÃO

LOCALIDADE

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Não

Comentário

Vim para Évora em 93, quando o museu já estava encerrado.

2. Concordou com o seu encerramento?

Comentário

Sem opinião.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Boa

Comentário

É o único local onde podemos ver um pouco do que se fez e se faz de artesanato. É um cartão de visita e de forma de divulgação para os que existem; para os artesãos que morreram é a continuação de passar a palavra da arte que se perdeu.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 03/10/05

INQUÉRITO

NOME

DATA DE NASCIMENTO

PROFISSÃO

LOCALIDADE

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Sim

Comentário

Visitei muitas vezes. Quando andava na escola primária do Rossio ia em visitas escolares. Era um espectáculo. Tinha trabalhos antigos dos artesãos: chifre trabalhado, cadeiras alentejanas, barros, tarros de cortiça e cabaças, uns bons trabalhos de um senhor de Estremoz. Gostava muito da exposição. Sempre gostei de artesanato e como os meus professores diziam-me que tinha jeito para o desenho e trabalhar o ovo de avestruz era muito difícil, assim como arranjar chifre, fui buscar um bocado de influências das cabaças lá expostas quando comecei a trabalhar. Foi uma ideia, um impulso.

2. Concordeu com o seu encerramento?

Não

Comentário

Nunca concordei com o encerramento, sempre fui contra. Naquele espaço havia trabalhos de artesanato alentejano, tudo o que era artesanato nunca mais se encontrou aberto ao público a não ser nas lojas. Ali era o trabalho genuíno. Visitei a exposição poucos dias antes de encerrar, sabia da polémica que havia, mas nunca pensei que fosse fechar.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Muito Boa

Comentário

Em princípio vão-se ver trabalhos antigos, reviver ideias antigas de artesãos e há poucos museus na área do artesanato. Por isso dou nota 10.
Um espaço de trabalho ao vivo era o ideal, uma zona onde o artesão pudesse trabalhar era muito importante como a melhor forma de divulgar o trabalho, os estrangeiros gostam muito do que se está a vender e do que faço.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 09/10/05

INQUÉRITO

NOME

Tiago Cabeça

DATA DE NASCIMENTO

29 de Maio de 1970

PROFISSÃO

Artesão (cerâmica contemporânea)

LOCALIDADE

Évora

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Não

Comentário

Quando o museu estava a funcionar era criança e depois estive muito tempo no estrangeiro.

2. Concordou com o seu encerramento?

Comentário

Sem opinião.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Muito Boa

Comentário

No museu será possível uma preservação da memória colectiva das artes e ofícios tradicionais da região, dentro de uma valorização do património histórico. Além da preservação da memória histórica do artesanato, as mostras de artesanato contemporâneo e actual irão contribuir para a divulgação do artesanato, das artes e ofícios tradicionais e modernas.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 03/10/05

ANEXO C. Não Artesãos

INQUÉRITO

NOME Carmen Dolores Ferreira de Almeida

DATA DE NASCIMENTO 14 de Janeiro de 1955

PROFISSÃO Técnica Superior da Função Pública

LOCALIDADE Évora

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Sim

Comentário

Variadíssimas vezes e em épocas diferentes. Fui sempre visitar o museu por iniciativa própria, por ter um gosto pela museologia, tinha a ver com um interesse particular sobre estas questões, também gosto de artesanato e de arte popular.

Quando era criança o que me marcou foram os bonecos de Estremoz, as figuras de cortiça e o quarto alentejano. Nos últimos anos, lembro-me da imagem de um museu ultrapassado, parado no tempo, mas com algum artesanato genuíno e de alguma qualidade.

2. Concordou com o seu encerramento?

Não

Comentário

Não, porque não encerrou por nenhuma das razões que devia encerrar, foi por uma querela política e não por uma decisão de remodelação. Achei lamentável toda a situação.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Razoável

Comentário

A minha expectativa é razoável porque não vai ser um museu propriamente dito que vai funcionar, o que é uma pena. E porque a cidade precisava de um museu centrado na etnografia alentejana, na realidade alentejana, e não só sobre o artesanato. Mas não digo que quando reabrir e visitar o espaço não possa superar as minhas expectativas sobre o projecto.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 03/10/05

INQUÉRITO

NOME

Catarina Gato

DATA DE NASCIMENTO

31 de Janeiro de 1970

PROFISSÃO

Técnica de Turismo

LOCALIDADE

Évora

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Sim

Comentário

Só visitei a exposição uma vez durante uma visita de estudo da Universidade, em 1990. Lembro-me de ver peças em cortiça, de barro e de alguns chocalhos entre o artesanato da região. Na altura não achei a exposição muito atraente.

2. Concordou com o seu encerramento?

Não

Comentário

Foi uma pena encerrar, foi mau por ter sido por uma polémica política. Mas para fazer obras e grandes remodelações acho bem.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Razoável

Comentário

Não estou muito expectante uma vez que vai abrir no mesmo sítio e para existir algumas mudanças para melhor tinha de ser uma grande intervenção, não sei se o museu vai inovar muito, para se tornar mais apelativo e dinâmico ou ficar só o que estava.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 05/10/05

INQUÉRITO

NOME Joaquim José Duarte

DATA DE NASCIMENTO 19 de Marco de 1952

PROFISSÃO Técnico de Biblioteca

LOCALIDADE Évora

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Sim

Comentário

Visitei ainda era muito novo. Fui sozinho e por curiosidade. Recordo-me de um recanto com um quarto alentejano, de uma miniatura rendilhada em cortiça, de uns trabalhos em chifre e da olaria.

2. Concordou com o seu encerramento?

Não

Comentário

Foi uma pena ter fechado porque achava importante para a cidade.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Razoável

Comentário

O museu ainda não abriu... Já não vai ser a mesma coisa, vai ter outro carácter. Se mostrar peças já não é mau. A divulgação do artesanato é um dos aspectos mais importantes de qualquer região, é uma das coisas mais procuradas pelos turistas.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 04/10/05

INQUÉRITO

NOME

Rui Arimateia

DATA DE NASCIMENTO

17 de Março de 1958

PROFISSÃO

Chefe de Divisão dos Assuntos Culturais da Câmara Municipal de Évora

LOCALIDADE

Évora

1. Chegou a visitar o Museu do Artesanato?

Sim

Comentário

Visitei várias vezes. A área da cultura popular também é a minha área de trabalho. Antes de encerrar, 2 a 3 anos antes, tinha peças individualizadas muito boas, como o couro, a madeira, peles e cerâmicas de grande valor, mas num tipo de exposição, que estava ultrapassado. As peças, como as madeiras, as peles e o mobiliário estavam em risco de se perder devido à humidade e às condições de luz da exposição, desadequadas e muito más.

2. Concordou com o seu encerramento?

Sim

Comentário

Concordei com o encerramento na medida em que o museu se iria transformar numa nova proposta, porque já não era representativo da cultura popular do distrito de Évora.

3. Qual a sua expectativa após a reabertura do Museu?

Razoável

Comentário

A ideia de artesanato actual é diferente do conceito de artesanato nos anos 60. Deve-se estar atento ao que se está hoje a fazer, como o artesanato urbano que está a surgir, que deve estar presente no Museu. Hoje muitos trabalhos de couro e buinho já não existem, em madeira, a arte pastoril também está a desaparecer, motivo porque devem ser preservados. Esta problemática tem de ser muito bem explicada e bem enquadrada. Penso que o Museu vai ter um *boom* de visitantes da comunidade, nos primeiros tempos, e de um turista de qualidade.

Nota: Os presentes dados destinam-se a uma dissertação de tese, sendo salvaguardada a sua confidencialidade.

Data 07/10/05

ANEXO 7. Guião de exposição

Painel de entrada

O M.A.R. regressa a Évora

Porque é que o Estado Novo decidiu promover o artesanato? Como surgiu a colecção do antigo Museu do Artesanato? Porque me encontro num Centro de Artes Tradicionais? Entre e descubra a forte ligação deste espaço com o artesanato da região.

(Por baixo ficha técnica)

1º Núcleo. A salvaguarda e valorização do património artesanal durante o Estado Novo

Painel 1

Secretariado de Propaganda Nacional

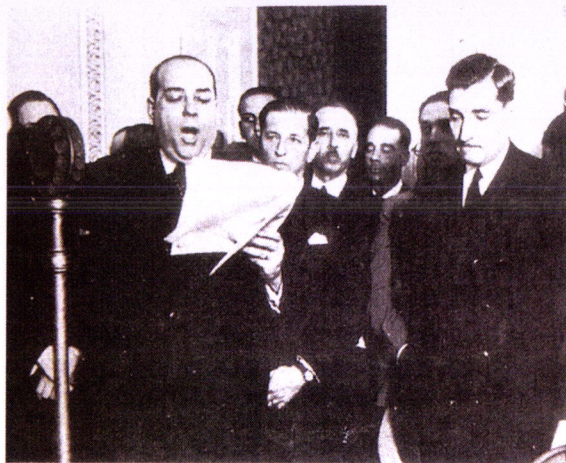
O regime do Estado Novo, reconhecendo qualidades no artesanato, utilizou esta actividade para exemplificar os costumes do povo português, a sua simplicidade e para transmitir a sua ideologia. *Não há entidade social que represente melhor que o artesanato a união destes três conceitos: trabalho, família, pátria – as verdadeiras riquezas que constroem a grandeza duma Nação¹.*

A criação do Secretariado da Propaganda Nacional em 1933 trouxe um novo instrumento para a consolidação de um regime que pretendia *Contribuir para a criação de uma consciência cívica e política no povo português².*

¹ Citação de P. Demondion in RODRIGUES, José Francisco, *Importância do Artesanato, Mensário das Casas do Povo*, Lisboa, Junta Central das Casas do Povo, Ano III, nº 36, Junho de 1949, p. 7.

² FERRO, António, *Dez Anos de Política do Espírito – 1933-1943*, Lisboa, Edições S.P.N., [1943], p. 23.





Legenda: Salazar dando posse a António Ferro, 26/10/1933.

(Origem: Fototeca, Palácio Foz, Arquivo da Direcção Geral de Comunicação Social)

António Ferro dirigiu o Secretariado da Propaganda Nacional segundo a estratégia de propagandear a moral de uma obra (a de Salazar). *A imagem de marca do chefe* [António de Oliveira Salazar] *e do regime não se pode desligar de António Ferro, secretário da Propaganda Nacional desde 1933, que procura reforçar o poder de um e o apoio de massas do outro*³.

2º Núcleo. Do Museu de Arte Popular de Lisboa à criação do Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora

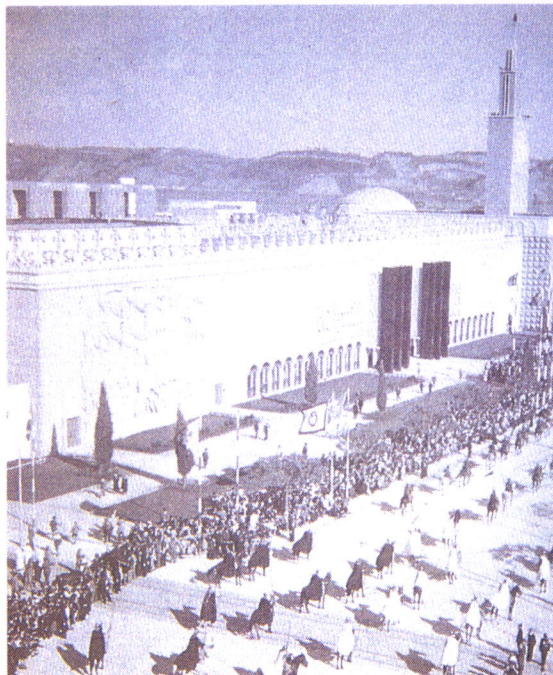
Painel 1

Exposição do Mundo Português

O Estado Novo promoveu um levantamento do artesanato para a organização de várias exposições. A nível nacional, a Exposição do Mundo Português evidencia-se. Com o principal objectivo de comemorar o Duplo Centenário (1140, fundação da nacionalidade e 1640, Restauração), este *símbolo emblemático do período áureo do*

³ *Estado Novo, Dicionário enciclopédico da História de Portugal*, s.l., vol. I, Selecções do Reader's Digest, 1990, p. 223.

*regime e da sua propaganda*⁴, exhibe as origens do povo português através das artes populares.



Legenda: Exposição do Mundo Português

(Origem: REIS, António (Dir.), **Portugal contemporâneo**, vol. 2, Lisboa, Publicações Alfa, 1996, p. 456.)

A etnografia metropolitana esteve presente num Centro Regional, nas Aldeias de Portugal e no Pavilhão da Vida Popular, *os temas solenes da exposição alternaram-se com comentários vivos em torno da etnografia (...) indispensáveis para quebrar o peso da História*⁵.

Painel 2

Museu de Arte Popular de Lisboa

A criação do Museu de Arte Popular constituiu num resultado das medidas de combate ao efémero das comemorações do Duplo Centenário. Esta instituição, criada em 15 de Julho de 1948, no interior do antigo Pavilhão da Vida Popular, que foi

⁴ ROSAS, Fernando, *O Estado Novo nos anos 30* in MATTOSO, José (Dir), **História de Portugal (O Estado Novo – 1926 -1974)**, s.l., Círculo de Leitores, 7º vol., 1994, p. 294.

⁵ ACCIAIUOLI, Margarida, **Exposições do Estado Novo – 1934 – 1940**, s.l. Livros Horizonte, 1998, p. 120.

remodelado pelo arquitecto Jorge Segurado, albergava o projecto museológico concebido por António Ferro, e executado por uma equipa de decoradores com o objectivo de retratar a *alma do povo português* e de *melhor formar o seu espírito*.



Legenda: Interior do Museu de Arte Popular, s/d.

(Origem: <http://www.ipmuseus.pt>, link: Notícias – Histórias dos Museus, 2005/06/19).

António Ferro considerava o Museu de Arte Popular *uma obra de amor pelo povo*, e de consagração ao *maior artista português, o grande mestre da sensibilidade nacional*⁶, identificando-o como o verdadeiro autor do museu.

Painel 3

As Juntas Distritais e a promoção do artesanato

Já em 1939 se pretendia a criação nas capitais de província de museus etnográficos, sob a responsabilidade das Juntas de Província, mas só em 1959, com o surgimento das Juntas Distritais estas recebem poderes para *a criação e manutenção de museus de etnografia (...) inventariação e publicação das tradições populares regionais e mais folclore do distrito (...) e costumes regionais*⁷. Com estes objectivos e pretendendo igualmente apoiar o escoamento da produção artesanal, a Junta Distrital de

⁶ FERRO, António, **Sociedades de recreio**, Lisboa, Edições S.N.I., 1950.

⁷ GOMES, Henrique Martins, **Código administrativo – com epígrafes aos artigos e índices cronológico e alfabético**, Coimbra, 7ª edição, Coimbra Editora, 1968, p. 177.

Évora criou o Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora – o G.A.R.D.E. em 1961, que se viria a instalar no Celeiro Comum da cidade.



Legenda: Fachada do Celeiro Comum, de E. Korrodi.

(Origem: PEREIRA, Gabriel, **Estudos diversos (Arqueologia. História. Arte. Etnografia)**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, p. 50.)

Painel 4

O Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora.

O Gabinete, *criado com fins de protecção e auxílio à arte popular arreigada no distrito de Évora*, tinha como função *fundamental, fomentar o progresso, a defesa e a valorização da arte popular e regional característica do distrito de Évora (...) em íntima colaboração com a Junta Distrital*⁸. Estava também encarregado de promover vendas internas e externas, através de uma exposição – mostruário permanente dos produtos tradicionais, exposição criada em Junho de 1962 e que viria a dar origem ao Museu do Artesanato.

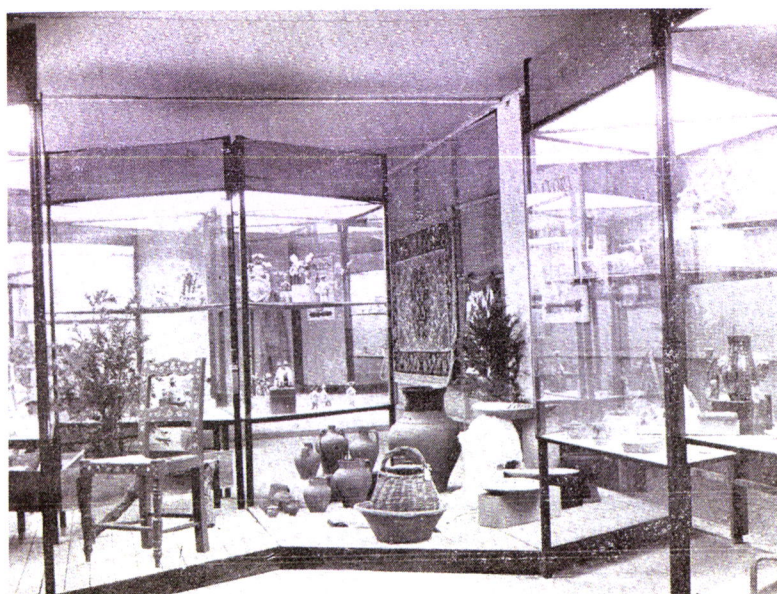
⁸ **Estatutos do G.A.R.D.E.**, Évora, 18/10/1965, p. 1 (Arquivo do G.A.R.D.E., Região de Turismo de Évora).



Legenda: Aspecto da exposição, Junho de 1962.

(Origem: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora, Autor: David de Freitas)

A Junta Distrital de Évora apoiou, participou e organizou outras exposições dedicadas ao artesanato em várias localidades: Évora (1962), Redondo (1962), Bruxelas (1962 e 1964), Lisboa e Estremoz (1963), Santarém (1964), Porto, (1964 e 1965) e Viseu (1966).



Legenda: Exposição da Feira Internacional do Ribatejo, Santarém, 1964.

(Origem: **Boletim Anual de Cultura**, Évora, Junta Distrital de Évora, 1964).

Painel 5

A exposição de artesanato no Celeiro Comum

A recolha de peças e a orientação do discurso expositivo estiveram a cargo de uma equipa liderada por Armando Perdigão, presidente da Junta Distrital, que pretendia criar um museu que contemplasse as actividades artesanais do Alentejo. Esta instituição nunca promoveu iniciativas de divulgação do espólio, como o seu estudo e publicações, baseando-se apenas em emprestar peças para exposições temporárias.

A exposição seria alterada em 1981 numa tentativa de agrupar os materiais por vitrinas e núcleos, no entanto, o equipamento museográfico permanece.



Legenda: Salão de exposição e interior de vitrina, 1997.

(Origem: Pasta “Museu de Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora)

Painel 7

As colecções

As peças recolhidas obedecem a um gosto da época. O campo e a actividade agrícola têm uma forte relação na colecção. Existem peças no espólio proveniente do antigo Museu do Artesanato que representam as principais actividades do Alentejo, como o Pastor e a Ceifeira, ou outras profissões de antigamente como a Aguadeira. Outras peças simbolizam o bucólico que o campo personaliza como as de arte pastoril ou as alfaias agrícolas.

A forte procura do mercado urbano provocou a introdução de novas cores, técnicas e novas utilizações dos materiais tradicionais. Existem igualmente peças que nos diferentes materiais reproduzem imagens de um património edificado, ou peças antigas, concebidas para o turista que gosta de levar uma recordação da sua viagem.



Denominação/ título: Quadro de alfaias agrícolas (miniatura)

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Desconhecido

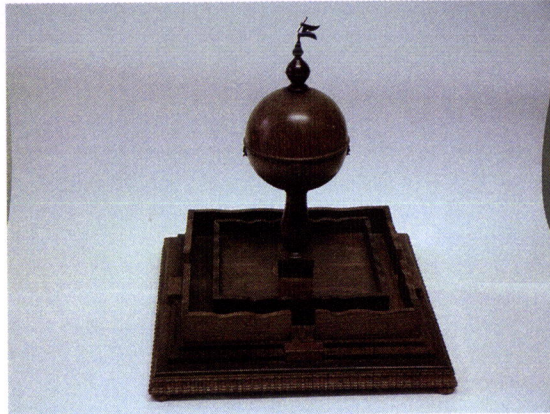
Matéria: Madeira, metal, vime, tecido e cola

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 282.MAD

Vitrina 1

A representação de um património.



Denominação/ título: Fonte das Portas de Moura (miniatura)

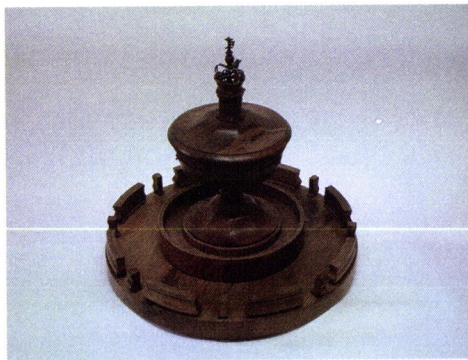
Autoria: Francisco Costa

Centro de fabrico: Desconhecido

Matéria: Madeira, metal e verniz

Datação: 1968

N.º de Inventário: CAT 59.MAD



Denominação/ título: Fonte Henriquina (miniatura)

Autoria: Francisco Costa

Centro de fabrico: Desconhecido

Matéria: Madeira, metal e verniz

Datação: 1968

N.º de Inventário: CAT 58.MAD

Painel 8



Denominação/ título: Sé de Évora

Autoria: Manuel Paulino Ramos (n. 1923 – f. 1998)

Centro de fabrico: Évora

Matéria: Chapa de cobre e tinta

Datação: 1962- 1991

N.º de Inventário: CAT 266.MET

Vitrina 2



Denominação/ título: Corcho

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Desconhecido

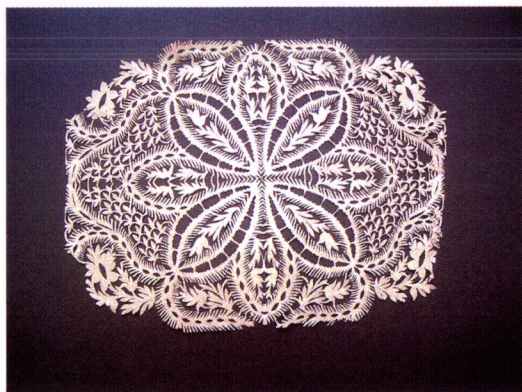
Matéria: Cortiça

Datação: 1962 - 1991

N.º de Inventário: CAT 124.COR

Painel 9

Reproduções de peças antigas.



Denominação/ título: Papel recortado

Autoria: Joana Maria Simões (n.1912) e Joaquina Maria Simões (n. 1914 – f. 2005)

Centro de fabrico: Pavia

Matéria: Papel

Datação: 1962 - 1986

N.º de Inventário: CAT 10.PAP

Vitrina 3



Denominação/ título: Terrina

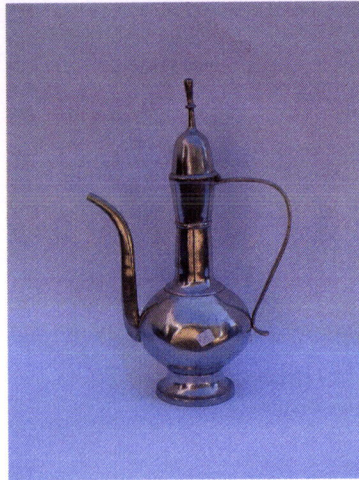
Autoria: Apeles Caetano Coelho (n. 1928)

Centro de fabrico: Vila Viçosa

Matéria: Estanho

Datação: 1962-1986

N.º de Inventário: CAT 206.MET



Denominação/ título: Bilha árabe

Autoria: Apeles Caetano Coelho (n. 1928)

Centro de fabrico: Vila Viçosa

Matéria: Estanho

Datação: 1962-1986

N.º de Inventário: CAT 203.MET

Vitrina 4

Os materiais tradicionais e as novas utilizações.



Denominação/ título: Chávena e pires

Autoria: Francisco Joaquim Mavioso Charrua (n. 1939)

Centro de fabrico: Évora

Matéria: Chifre

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 38/1-2.CHI



Denominação/ título: Candeeiro

Autoria: Francisco Joaquim Mavioso Charrua (n. 1939)

Centro de fabrico: Évora

Matéria: Chifre, plástico e metal

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 39.CHI

Vitrina 5

A procura da ruralidade.



Denominação/ título: Caixa

Autoria: Joaquim Martins Carriço “Rolo” (n. 1935)

Centro de fabrico: Estremoz

Matéria: Madeira

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 29.MAD



Denominação/ título: Talher (par)

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Desconhecido

Matéria: Madeira

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 24/1-2.MAD

Vitrina 6



Denominação/ título: Corna

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Desconhecido

Matéria: Chifre e cortiça

Datação: 1962

N.º de Inventário: CAT 61.CHI



Denominação/ título: Corna decorada

Autoria: José Inácio Belo

Centro de fabrico: Estremoz

Matéria: Chifre, cortiça e metal

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 53.CHI

Vitrina 7



Denominação/ título: Árvore com dois homens a tirar cortiça

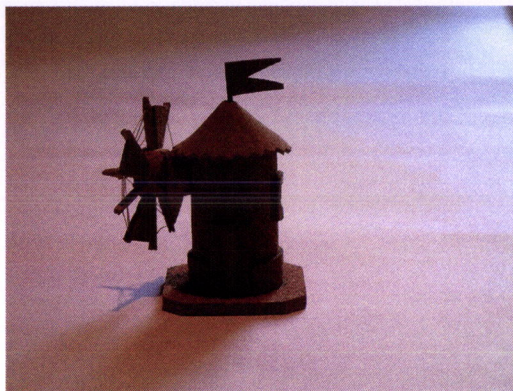
Autoria: Ambrósio José Portalegre (n. 1924 - f. 1986)

Centro de fabrico: Arraiolos

Matéria: Cortiça

Datação: 1963

N.º de Inventário: CAT 15.COR



Denominação/ título: Moinho de vento

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Desconhecido

Matéria: Cortiça, tecido, cola, linha e madeira

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 3.COR



Denominação/ título: Porqueiro

Autoria: Ambrósio Portalegre (n. 1924 – f. 1986)

Centro de fabrico: Arraiolos

Matéria: Cortiça

Datação: 1962-1986

N.º de Inventário: CAT 8.COR

Painel 10

A representação de actividades agrícolas e quotidiano.



Denominação/ título: Fotografia

Autoria: Mário Delfim Gouveia de Gama Freixo (n. 1894 – f. 1980)

Centro de fabrico: Évora

Matéria: Madeira, tinta e papel

Datação: 1962-1980

N.º de Inventário: CAT 4.FOT

Vitrina 7



Denominação/ título: Pastor a comer

Autoria: Desconhecido (Olaria Alfacinha)

Centro de fabrico: Estremoz

Matéria: Barro, tinta de água e plástica, verniz e ferro

Datação: 1963

N.º de Inventário: CAT 150.CER



Denominação/ título: Pastor com manta e tarro

Autoria: Sabina Conceição Santos (n. 1921- f. 2005)

Centro de fabrico: Estremoz

Matéria: Barro, tintas de água e plástica, verniz e ferro

Datação: 1962-1970

N.º de Inventário: CAT 54.CER



Denominação/ título: Mulher a dobar

Autoria: Sabina Conceição Santos (n. 1921- f. 2005)

Centro de fabrico: Estremoz

Matéria: Barro, tintas de água e plástica, verniz e ferro

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 125.CER



Denominação/ título: Mulher a fazer enchidos

Autoria: Sabina Conceição Santos (n. 1921- f. 2005)

Centro de fabrico: Estremoz

Matéria: Barro, tintas de água e plástica, verniz e ferro

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 141.CER

Vitrina 8



Denominação/ título: Ganadeiro com samarra

Autoria: Capela e Silva

Centro de fabrico: Évora

Matéria: Madeira, metal, tecido, plástico, linha, couro, cortiça e cola

Datação: 1954

N.º de Inventário: CAT 116.MAD

Vitrina 9



Denominação/ título: Traje de trabalhador rural/ conjunto domingueiro (miniatura)

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Desconhecido

Matéria: Tecido, linha de algodão, plástico, vime, couro e cartão

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 116/1-7.TEX



Denominação/ título: Traje de ceifeira/ conjunto (miniatura)

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Desconhecido

Matéria: Tecido, linha de algodão, plástico, vime, couro e cartão

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 117 /1-12.TEX

Vitrina 10



Denominação/ título: Prato

Autoria: Adriano Rui Martelo (n. 1916 – f. 2002)

Centro de fabrico: Redondo

Matéria: Barro vidrado

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 196.CER



Denominação/ título: Caneca

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: Redondo

Matéria: Barro vidrado

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 222.CER



Denominação/ título: Prato

Autoria: Manuel Inácio Farias Pirraça (n. 1952)

Centro de fabrico: Redondo

Matéria: Barro vidrado

Datação: 1980-1985

N.º de Inventário: CAT 209.CER

Painel 11



Denominação/ título: Placa de cerâmica

Autoria: João Alberto Falé Pacheco

Centro de fabrico: Viana do Alentejo

Matéria: Barro vidrado

Datação: 1963-1965

N.º de Inventário: CAT 643.CER

Vitrina 11



Denominação/ título: Aguadeira

Autoria: Manuel António Pacheco (n. 1918)

Centro de fabrico: Viana do Alentejo

Matéria: Barro vidrado

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 638.CER



Denominação/ título: Ganhão

Autoria: Manuel António Pacheco (n. 1918)

Centro de fabrico: Viana do Alentejo

Matéria: Barro vidrado

Datação: 1962-1991

N.º de Inventário: CAT 637.CER

Vitrina 12



Denominação/ título: Garrafa antropomórfica (par)

Autoria: Desconhecido

Centro de fabrico: São Pedro do Corval

Matéria: Barro vidrado

Datação: 1962-1991

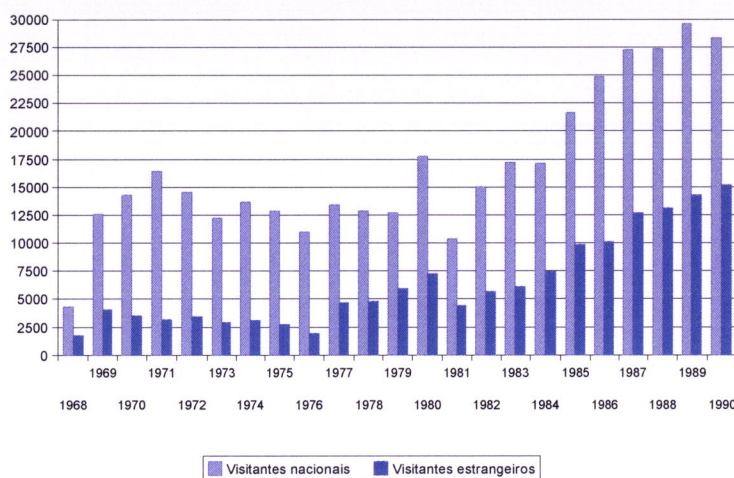
N.º de Inventário: CAT 758/1-2.CER

Painel 12

O encerramento do Museu

O museu foi bastante visitado por nacionais e estrangeiros, o que demonstrava o seu interesse pelo artesanato da região. Apesar disso, a instituição necessitava de uma renovação da concepção expositiva, através de melhorias das condições físicas do espaço e de investimentos na conservação e estudo da colecção.

Visitantes nacionais e estrangeiros



Legenda: Gráfico de visitantes do Museu do Artesanato entre 1968 (ano incompleto) e 1990.

(Fonte: Arquivo do G.A.R.D.E., Pasta 27 “Registo de entrada de visitantes”, Região de Turismo de Évora).

Mas esse não foi o motivo do seu encerramento. Devido à alteração da estrutura interna da tutela, regulamentada pelo Decreto/ Lei nº 5/91 de 8 de Janeiro e diferentes interpretações, o Museu de Artesanato Regional fechou ao público, repentinamente, a 3 de Abril de 1991 por ordem do Governador Civil Mira Branquinho, que deixou de pertencer ao quadro da Assembleia Distrital, quando o cargo de presidente passa a ser assumido por um membro eleito entre os presidentes de câmara do distrito. O Governador Civil justificou esta atitude por *a Assembleia Distrital não [ter] criado serviços, a propriedade dos seus bens móveis e imóveis considera-se transferida para o Estado*⁹.

⁹ BARBOSA, Ana, *Assembleia Distrital – o seu a seu dono*, O Giraldo, Évora, Junho de 1991, p. 3.

3º Núcleo. Do Antigo Museu do Artesanato de Évora ao Centro de Artes Tradicionais.

Painel 1

Preparar a reabertura

Surgiram propostas de diferentes entidades para gerir o Celeiro Comum: como a UNESUL (Associação Universitária Empresa do Sul), a Câmara Municipal de Évora, a Delegação de Évora da Secretaria de Estado da Cultura, a Delegação do Ministério da Indústria e a Região de Turismo de Évora, a única instituição interessada em reabrir o espaço como Museu do Artesanato.



Legenda: A Assembleia Distrital retoma a gestão do Museu do Artesanato a 1 de Abril de 1996.

(Origem: Arquivo da Região de Turismo de Évora).

Motivo que levou à sua aceitação pela Assembleia Distrital de Évora, tendo-se celebrado um protocolo entre a Assembleia Distrital e a Região de Turismo de Évora para a reabertura e gestão do Museu do Artesanato, a 3 de Dezembro de 1998, no qual *a Assembleia Distrital de Évora mandata a Região de Turismo de Évora para promover as diligências necessárias com vista à reabertura e funcionamento do Museu do Artesanato nas instalações do antigo Celeiro Comum, em Évora*¹⁰.

Painel 2

Centro de Artes Tradicionais

Em 1997 realizou-se em Estremoz um encontro sobre o Museu do Artesanato Regional, organizado pela Região de Turismo de Évora para se discutir entre várias entidades a preparação de um projecto museológico. Delineadas as suas linhas orientadoras, a instituição passa a designar-se “Centro de Artes Tradicionais/ Antigo Museu do Artesanato – Celeiro Comum”, por se assumir como *um centro expositivo que acolhe muitos dos princípios que definem um museu*¹¹.

Foi desenvolvido todo um trabalho que está ao seu redor para que o *M.A.R regressasse a Évora para continuar a preservação da produção tradicional e promoção de um sector de actividade cultural*¹².

Fotografia do Encontro sobre o Museu do Artesanato Regional, Estremoz, 1997 (A seleccionar).

¹⁰ Protocolo do acordo entre a Assembleia Distrital e a Região de Turismo de Évora para a reabertura e gestão do Museu do Artesanato, 3 de Dezembro de 1998, Pasta “Documentos vários” (Arquivo da Região de Turismo de Évora).

¹¹ LIMA, Rui de Abreu, *Projecto museológico*, Abril, 2000, p. 16. (Pasta “Museu do Artesanato”, Arquivo da Região de Turismo de Évora.)

¹² IDEM. p. 3.

ANEXO 8. Fichas de Inventário

Neste anexo incluem-se exemplos das fichas de inventário. É dividido em dois: O Anexo A é composto por “Peças do guião de exposição” e o Anexo B por algumas “Peças do espólio”, previamente seleccionadas para exemplificar a variedade das colecções provenientes do antigo Museu do Artesanato.

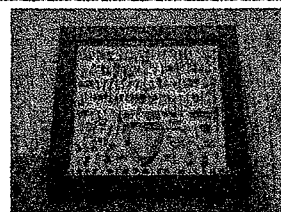
ANEXO A. Peças do guião de exposição

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Alfaia agrícola
SubCategoria:
Denominação: Quadro de alfaias agrícolas (miniatura)
Título:
Nº de Inventário: CAT 282.MAD
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 282.MAD
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Évora - distrito
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira, metal, tecido, vime, cola

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, escultura, embutido, polimento, colagem

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 58

Largura (cm): 4

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 58

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi contrariada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)", e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex.^a providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional.

Quer seja através de motivos geométricos repetitivos ou para a representação do ambiente natural (animais e plantas), a madeira permite grandes pormenores nas composições. Assim, a reprodução dos mais diversificados utensílios da lavoura tradicional e de outros objectos do mundo rural - por vezes verdadeiros documentos etnográficos - são dos temas mais comuns neste tipo de artesanato.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

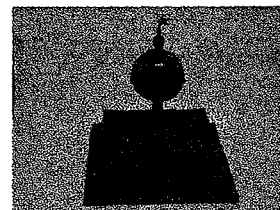
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Madeira
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação: Fonte das Portas de Moura (miniatura)
Título:
Nº de Inventário: CAT 59.MAD
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 59.MAD
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Costa, Francisco	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Francisco Costa
Centro de Fabrico:
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1968 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data:

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira, metal, verniz

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, escultura, embutido, polimento, envernizamento

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 38

Largura (cm): 30

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 31

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional. Podemos atribuir este trabalho ao mestre Francisco Costa, através de documentação do G.A.R.D.E. que menciona um outro trabalho deste artesão, uma miniatura da fonte henriquina da Praça do Giraldo, enviada a um revendedor de Coimbra em 15 de Março de 1968, pelo preço de 850\$00 escudos. A peça tem três etiquetas autocolantes, onde se pode ler: "RTE 973", "544" e "A. A./ 113"

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

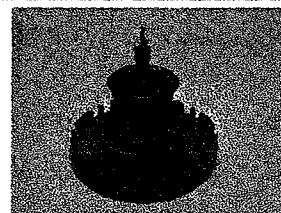
MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Madeira
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação: Fonte Henriquina (miniatura)
Título:
Nº de Inventário: CAT 58.MAD
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 58.MAD
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Costa, Francisco	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Francisco Costa
Centro de Fabrico: Desconhecido
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1968 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Segundo documentação do G.A.R.D.E esta peça foi enviada à Coimbra, em 28/03/1968.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Madeira, metal, verniz

Suporte:

Técnica:

Corte, entalhe, escultura, embutido, polimento, envernizamento

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

32

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

33

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

(medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional. Segundo documentação do G.A.R.D.E., "a fonte henriquina" trabalho de mestre francisco Costa, foi enviada a um revendedor de Coimbra em 15 de Março de 1968, pelo preço de 850\$00 escudos. A peça tem três etiquetas autocolantes onde se pode ler: "RTE 976"; "550" e "A. A./112".

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Metais

SubCategoria:

Denominação:

Título: Sé de Évora

Nº de Inventário: CAT 266.MET

Sítio Arqueológico:

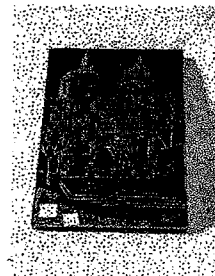
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 266.MET.JPG

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Ramos, Manuel Paulino (n. 1923 - f. 1998)	Autor	Pintor	

Justificação/Atribuição: o autor assinou a peça no canto inferior direito: "Paulino".

Assinatura:

Imagem

Localização: Canto inferior direito



Produção

Oficina / Fabricante: Manuel Paulino Gomes
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limite entre a realização da Exposição do "Artesanato regional do distrito de Évora" e a realização do inventário do Museu do Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Chapa de cobre e tinta

Suporte:

Técnica: Corte, modelado, martelado, fundido e estampilhado

Precisões sobre a Técnica: galvanoplastia

Dimensões

Altura (cm): 29,1

Largura (cm): 21,3

Profundidade (cm): 2

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial: Desde o século XVII que se tem conhecimento de caldeireiros na região de Évora (Espanca, 1970). Este é um dos ofícios que consubstanciam em plenitude as características essenciais da actividade artesanal ao fazer a transição entre a sociedade pré-industrial e industrial. Geralmente esta profissão tem um carácter familiar, transmitida de geração em geração. (RAMOS, 2000)
Francisco dos Santos, caldeireiro em Reguengos de Monsaraz e João Branco, com oficina em Évora eram os fornecedores do G.A.R.D.E. de todas as peças de cobre. O primeiro possuía uma oficina pré-existente, a antiga "Casa Ratinho" e fabricava não só objectos de uso e de decoração como aparelhos de destilação, serpentinas, canalizações, em latão e cobre, assim como torneiras e louças sanitárias para casas de banho. Tem etiquetas coladas à peça, que referem: "V-9-547" e "598".
No caso do autor desta peça, Manuel Paulino Gomes, contabilista de profissão, dedicava-se à actividade de pintura em part-time, criando pássaros em baixo relevo em chapa nos anos 60, passando para a pintura sobre alumínio e cerâmica. Em 1980 tinha-se conhecimento de que o autor abandonara o fabrico de peças em cobre com fundo negro, feitos numa técnica de ácidos e galvanoplastia (Artes e tradições..., 1980).

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
"Artefactos - o metal, o vidro" in Expresso		Lisboa, nº 1128, 11 de Junho de 1994, 3-26
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 151-155
"Os metais" in Artesanato da Região Alentejo	RAMOS, Francisco Martins	Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2000, 327-328
Catálogo da Exposição de metais trabalhados	ESPANCA, Túlio	Évora, Câmara Municipal de Évora e Grupo Pró-Évora, 1970, -

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

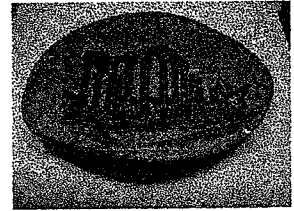
MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cortiça
SubCategoria:
Denominação: Corcho
Título:
Nº de Inventário: CAT 124.COR
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 124.COR
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante:
Centro de Fabrico:
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Cortiça

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, polimento e gravura

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 11,5

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 46

Comprimento (cm):

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial: A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. O sobreiro encontra-se praticamente em todo o território de Portugal Continental. De todas as espécies florestais é, a seguir ao pinheiro bravo, a que se encontra mais largamente distribuída pelo país, aparecendo como árvore dominante em povoamentos a Sul do Tejo, nas zonas litoral e central. De acordo com relatos históricos, a legislação suberfícola mais antiga que se conhece remonta ao reinado de D. Sancho I (1209), mas ao longo dos tempos foi sendo regularmente actualizada de acordo com o contexto de cada época; entretanto, o aproveitamento da sombra, do fruto, da madeira e da cortiça foi aumentando e adequando-se às novas realidades. Actualmente, a cortiça tem um grande peso estratégico em termos económicos, sociais e ambientais devido às suas características: baixa densidade, flutuabilidade, elasticidade e compressibilidade; constitui um bom vedante, é isolador térmico e isolador acústico. Este material também é resistente ao desgaste e impermeável aos gases e líquidos, daí a sua utilização em diversos ramos; por exemplo na construção civil, na indústria do calçado, no sector naval ou em diversas práticas agrícolas. Mas também no artesanato; aliás, a colecção aqui apresentada demonstra a forma como este material se foi adequando a novas formas - utilitárias e artísticas - pelas mãos dos artesãos do distrito sem, no entanto, se terem perdido as memórias e feitos de um passado estreitamente relacionado com a sociedade rural.

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

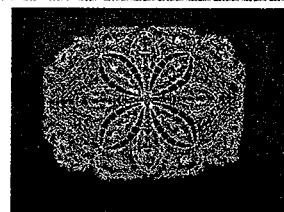
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Papel
SubCategoria:
Denominação: Papel recortado
Título:
Nº de Inventário: CAT 10.PAP
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 10.PAP
Localização: CAT
Autor: Hortense Santos



Autoria

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Simões, Joaquina Maria de Almeida (n.1914 f. 2005)	Autor	Artesão	
Simões, Joana Maria de Almeida (n. 1912)			

Justificação/Atribuição: Joana e Joaquina Simões, são as únicas artesãs no distrito de Évora que se dedicam à arte de recortar o papel.

Assinatura: _____ **Imagem**

Localização: _____

Produção

Oficina / Fabricante: Joana e Joaquina Simões
Centro de Fabrico: Pavia
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1986 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas entre a criação da exposição Artesanato Regional do Distrito de Évora e da edição do "Roteiro Artesão Português" (EÇA, 1986) com fotografias da colecção do M. A. R.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Papel

Suporte:

Técnica: Desenhado, dobrado e cortado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm): 25

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 32

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Recortado:
 O papel recortado, vulgarizado por nós a partir do século XVIII, era usado para apresentar a doçaria produzida nos conventos femininos, para decorar os registos, ou para substituir as rendas usadas nos altares conventuais. Os desenhos eram da imaginação de quem os fazia, mas houve conventos que se fixaram em motivos decorativos que davam o timbre da casa monástica onde eram feitos. Inicialmente, só o papel branco era utilizado, mas a partir de finais do século XVIII a utilização de papéis de cores diferentes começou a ser aplicada, estes eram escolhidas em combinação com as cores dos doces apresentados. (SARAMAGO, 1997)

Considerada inicialmente como luxo e usada pelas classes mais abastadas, rapidamente o papel recortado caiu no domínio do povo, para adorno caseiro, para decorar prateleiras com um rendilhado ou um franjado, paredes com registos (feitos a partir de estampas de santo, vidro, cartão e papéis coloridos), palmitos de papel de seda ou metalizado e vidro rendilhado, com motivos de flores e frutos, grinaldas, ramalhetes, galos, meninos brincando, assuntos paisagísticos.

Esta arte inscreve-se por excelência nas artes da festa, elas mesmas arte do efêmero. Entre Viana do Castelo e Caminha, as festividades de Verão são decoradas com palmitos ou ramos feitos em papel metalizado que brilham sobre os andores ou nas mãos das mordomas. Nas festas das Maias, celebradas em muitas zonas do país, são frequentemente utilizadas flores de papel evocando a fertilidade da terra, ou a fartura.

O trabalho de duas irmãs, em Pavia, Joana e Joaquina Simões, octogenárias, que se dedicaram depois da reforma à arte de recortar o papel, que exige muita disponibilidade de tempo e tranquilidade de espírito. Através de uma dedicação estas artesãs alentejanas recuperaram a fase erudita do papel recortado, produzindo desenhos elaborados, ao recusar o geometrismo repetitivo, a favor dos motivos naturalistas como jarras e ramos de flores, esplendorosos pavões e capitulares de iluminura (LIMA, 2001).

Sobre papel recortado nascem pássaros, flores, vasos, monogramas e outros desenhos de perfil filigranado, que aplicam sobre fundos mais escuros de molduras.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Doçaria conventual do Alentejo - as receitas e o seu enquadramento histórico, 3ª edição	SARAMAGO, Alfredo	Sintra, Colares Editora, 1997, 214
A arte do papel recortado em Portugal	RIBEIRO, Emanuel	Sintra, Colares Editora, 1999, -
Alentejo à janela do passado - breves notícias de Arte, Etnografia e História	ROSA, João	Lisboa, Tipografia da L.C.G.G., 1940, 59-62
Roteiro Artesão Português - Alentejo	EÇA, Maria Natália Almeida de	Porto, edição do Autor, 1986, 95
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 71

Documentação Associada:

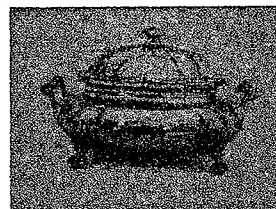
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Colecções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas, etc.
Categoria: Metais
SubCategoria:
Denominação: Terrina
Título:
Nº de Inventário: CAT 206.MET
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 206.MET.JPG
Localização: CAT
Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Coelho, Apeles Caetano (n. 1928)	Autor	Picheleiro	Apeles Coelho

Justificação/Atribuição: A peça foi marcada pelo autor na base: "AC/ 95%/ PORTUGAL".

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Apeles Coelho & Filho, Lda
Centro de Fabrico: Vila Viçosa
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C. - 1986 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas entre a criação da exposição Artesanto Regional do Distrito de Évora e da edição do "Roteiro Artesão Português" (EÇA, 1986) com fotografias da colecção do M. A. R.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Estanho

Suporte:

Técnica: Fundido, moldado em areia molhada, soldado, e polido

Precisões sobre a Técnica: Limado e lixado

Dimensões

Altura (cm): 15,5

Largura (cm): 13,5

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 24

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial: Desde o século XVI que se tem conhecimento sobre a profissão de picheleiro, a partir do momento em que D. João III, reorganiza a Casa dos Vinte e Quatro (VAN ZELLER, 1979). A arte de trabalhar o estanho é actualmente uma actividade familiar, onde cada artífice domina todo o processo de fabrico, tornando-se uma actividade circunscrita a localizações bem determinadas: Vila Viçosa e Santa Eulália (Elvas) através da reprodução de cópias de objectos quotidianos dos séculos anteriores (LIMA, 2001). Apeles Caetano Coelho, com oficina em Vila Viçosa, começou por trabalhar com o restauro de peças antigas, progressivamente enveredando para a reprodução de peças eruditas dos séculos XVII, XVIII e XIX. Esta produção historicista inclui também peças de suposta inspiração mourisca, como forma de reatamento com uma tradição cultural, tantas vezes invocada como marca de identidade do Alentejo. Com um elevado grau de pureza (a liga inclui pequenas percentagens de cobre e chumbo), este metal brilhante como a prata é caro mas resistente, e a sua beleza reside no seu brilho metálico cinzento-prateado, que com o correr do tempo adquire uma pátina sedosa. Apeles Coelho gosta de contar que aprendeu as artes de trabalhar o estanho com ciganos de origem húngara, mestres em estanhar os lagares de azeite e de bagaço, dando grande importância à técnica de molde perdido, através da impressão do negativo na areia molhada, que exige posteriormente muitas horas de desbaste e polimento. Esta peça tem etiquetas que assinalam as referências: "V-9-532" e "628".

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia**Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artesanato Português		s.l., Crédito Predial Português, 1974, 19
Artesanato em estanho	FRITSCH, Herbert	Lisboa, Editorial Presença, 1974, -
Roteiro Artesão Português - Alentejo	EÇA, Maria Natália Almeida de	Porto, edição do Autor, 1986, 95
Estanhos portugueses	VAN ZELLER, Rolando	Barcelos, Livraria Civilização, 1979, -
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 43
Catálogo da Exposição de metais trabalhados	ESPANCA, Túlio	Évora, Câmara Municipal de Évora e Grupo Pró-Évora, 1970, -

Documentação Associada:

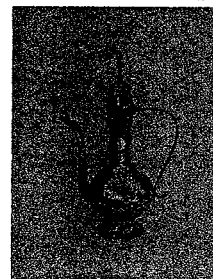
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Artes Plásticas, Artes Decorativas, etc.
Categoria: Metais
SubCategoria:
Denominação: Bilha árabe
Título:
Nº de Inventário: CAT 203.MET
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 203.MET.JPG
Localização: CAT
Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Coelho, Apeles Caetano (n. 1928)	Autor	Picheleiro	Apeles Coelho

Justificação/Atribuição: A peça foi marcada pelo autor na base: "AC 95% PORTUGAL"

Assinatura: **Imagem**

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Apeles Coelho & Filho, Lda.
Centro de Fabrico: Vila Viçosa
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C. - 1986 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas entre a criação da exposição Artesanto Regional do Distrito de Évora e da edição do "Roteiro Artesão Português" (EÇA, 1986) com fotografias da colecção do M. A. R.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Estanho

Suporte:

Técnica: Fundido, moldado em areia molhada, soldado e polido

Precisões sobre a Técnica: Limado e lixado

Dimensões

Altura (cm): 42,2

Largura (cm): 26,5

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial: Desde o século XVI que se tem conhecimento sobre a profissão de picheleiro, a partir do momento em que D. João III, reorganiza a Casa dos Vinte e Quatro (VAN ZELLER, 1979). A arte de trabalhar o estanho é actualmente uma actividade familiar, onde cada artifice domina todo o processo de fabrico, tornando-se uma actividade circunscrita a localizações bem determinadas: Vila Viçosa e Santa Eulália (Elvas) através da reprodução de cópias de objectos quotidianos dos séculos anteriores (LIMA, 2001). Apeles Caetano Coelho, com oficina em Vila Viçosa, começou por trabalhar com o restauro de peças antigas, progressivamente enveredando para a reprodução de peças eruditas dos séculos XVII, XVIII e XIX. Esta produção historicista inclui também peças de suposta inspiração mourisca, como forma de reatamento com uma tradição cultural, tantas vezes invocada como marca de identidade do Alentejo. Com um elevado grau de pureza (a liga inclui pequenas percentagens de cobre e chumbo), este metal brilhante como a prata é caro mas resistente, e a sua beleza reside no seu brilho metálico cinzento-prateado, que com o correr do tempo adquire uma pátina sedosa. Apeles Coelho gosta de contar que aprendeu as artes de trabalhar o estanho com ciganos de origem húngara, mestres em estanhar os lagares de azeite e de bagaço, dando grande importância à técnica de molde perdido, através da impressão do negativo na areia molhada, que exige posteriormente muitas horas de desbaste e polimento. Esta peça tem etiquetas que assinalam as referências: "629" e "V-9-528".

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artesanato Português		s.l., Crédito Predial Português, 1974, 19
Artesanato em estanho	FRITSCH, Herbert	Lisboa, Editorial Presença, 1974, -
Roteiro Artesão Português - Alentejo	EÇA, Maria Natália Almeida de	Porto, edição do Autor, 1986, 95
Estanhos portugueses	VAN ZELLER, Rolando	Barcelos, Livraria Civilização, 1979, -
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 43
Catálogo da Exposição de metais trabalhados	ESPANCA, Túlio	Évora, Câmara Municipal de Évora e Grupo Pró-Évora, 1970, -

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Chifre
SubCategoria:
Denominação: Chávena e pires
Título:
Nº de Inventário: CAT 38/1-2.CHI
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 38.CHI
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Charrua, Francisco Joaquim Mavioso (n. 1939)	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Francisco Joaquim Mavioso Charrua
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Chifre

Suporte:

Técnica: Serra mecânica; esmerilado; cozedura em óleo; raspagem e lixadura; polimento mecânico e polimento manual

Precisões sobre a Técnica: O polimento à mão é feito com álcool puro e cré

Dimensões

Altura (cm): 7

Largura (cm): 7,5

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 6 (chávena); 10 (pires)

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A colecção do ex-limbo Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc., e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. Os chifres dos bois alentejanos, animais muito corpulentos e de cor vermelha eram, aquando do abate da rês, utilizados para o transporte e acondicionamento de vários produtos; aproveitando-se as qualidades próprias deste material, um cone ósseo formado, no seu interior, por longas fibras elásticas e sólidas unidas paralelamente. Estes chifres eram adaptados conforme o fim a que se destinavam e sempre rolhados de cortiça. Existiam as cornas merendeiras (para transporte dos nacos de toucinho e linguiça), as cornas azeiteiras e as azeitoneiras. Eram os pastores quem as utilizavam com maior frequência, pois passavam muitos dias longe de casa apascentando os rebanhos; era nas cornas que transportavam a comida e os condimentos para a preparação das refeições. Estas eram normalmente trabalhadas com a navalha ou o canivete.

Podemos também encontrar o chifre lavrado em toda a Península Ibérica. Se em Espanha (Salamanca) predominam os motivos religiosos, em Portugal (Alentejo) são os motivos geométricos que imperam. Aqui, o chifre é utilizado com diversos fins: azeiteiros, azeitoneiros (ou cornas), caldeirinhas, colheres, copos, jarras, liaras, paliteiros, polvarinhos, tabaqueiras, guarda-jóias, pulseiras, anéis e colares (Artes e Tradições de Évora e Portalegre, 1980).

Os desenhos executados nas peças que constituem a colecção mantem um equilíbrio entre as formas geométricas e estilizações diversas, como, por exemplo, flores em vasos ou grinaldas, corações ou várias formas de animais; por vezes também surgem as iniciais do autor ou do possuidor, bem como uma data. Por outro lado, existe um grande número de peças em chifre polido, técnica que tira partido das "nuances" cromáticas deste material, empregue na realização de novos artefactos, como os anéis, as argolas para guardanapo, os candeeiros, e outras peças decorativas. Esta adaptação dos materiais tradicionais às novas solicitações de uma clientela urbana, é uma característica das acções de incremento das actividades artesanais na década de 60, implementada na região pelo Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.)

O trabalho de Francisco Joaquim Mavioso Charrua, com oficina na Graça do Divor, nos arredores de Évora, é um bom exemplo deste tipo de produção, que uma lista de preços, publicada em 1971, permite conhecer em pormenor.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 106-114

Documentação Associada:

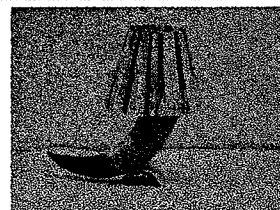
Tipo	Descrição	Imagem
Impressão tipográfica sobre papel	Lista de preços	

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Chifre
SubCategoria:
Denominação: Candeeiro
Título:
Nº de Inventário: CAT 39.CHI
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 39.CHI
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Charrua, Francisco Joaquim Mavioso (n. 1939)	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Francisco Joaquim Mavioso Charrua
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Chifre, plástico, metal

Suporte:

Técnica:

Serra mecânica; esmerilado; cozedura em óleo; raspagem e lixadura; polimento mecânico e polimento manual

Precisões sobre a Técnica: O polimento à mão é feito com álcool puro e cré

Dimensões

Altura (cm):

27

Largura (cm):

19,5

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

17

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A colecção do antigo Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de ferramentas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc., e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. Os chifres dos bois alentejanos, animais muito corpulentos e de cor vermelha eram, aquando do abate da rês, utilizados para o transporte e acondicionamento de vários produtos; aproveitando-se as qualidades próprias deste material, um cone ósseo formado, no seu interior, por longas fibras elásticas e sólidas unidas paralelamente. Estes chifres eram adaptados conforme o fim a que se destinavam e sempre rolhados de cortiça. Existiam as cornas merendeiras (para transporte dos nacos de toucinho e linguiça), as cornas azeiteiras e as azeitoneiras. Eram os pastores quem as utilizavam com maior frequência, pois passavam muitos dias longe de casa apascentando os rebanhos; era nas cornas que transportavam a comida e os condimentos para a preparação das refeições. Estas eram normalmente trabalhadas com a navalha ou o canivete.

Podemos também encontrar o chifre lavrado em toda a Península Ibérica. Se em Espanha (Salamanca) predominam os motivos religiosos, em Portugal (Alentejo) são os motivos geométricos que imperam. Aqui, o chifre é utilizado com diversos fins: azeiteiros, azeitoneiros (ou cornas), caldeirinhas, colheres, copos, jarras, liaras, paliteiros, polvarinhos, tabaqueiras, guarda-jóias, pulseiras, anéis e colares (Artes e Tradições de Évora e Portalegre, 1980).

Os desenhos executados nas peças que constituem a colecção mantem um equilíbrio entre as formas geométricas e estilizações diversas, como, por exemplo, flores em vasos ou grinaldas, corações ou várias formas de animais; por vezes também surgem as iniciais do autor ou do possuidor, bem como uma data. Por outro lado, existe um grande número de peças em chifre polido, técnica que tira partido das "nuances" cromáticas deste material, empregue na realização de novos artefactos, como os anéis, as argolas para guardanapo, os candeeiros, e outras peças decorativas. Esta adaptação dos materiais tradicionais às novas solicitações de uma clientela urbana, é uma característica das acções de incremento das actividades artesanais na década de 60, implementada na região pelo Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.)

O trabalho de Francisco Joaquim Mavioso Charrua, com oficina na Graça do Divor, nos arredores de Évora, é um bom exemplo deste tipo de produção, que uma lista de preços, publicada em 1971, permite conhecer em pormenor.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 106-114

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
Impressão tipográfica sobre papel	Lista de preços	

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Madeira

SubCategoria:

Denominação: Caixa

Título:

Nº de Inventário: CAT 29.MAD

Sítio Arqueológico:

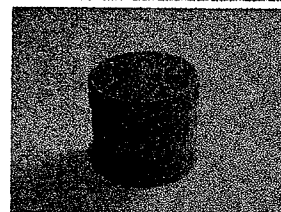
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 29.MAD

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Cariço, Joaquim António Martins (n. 1935)	Autor	Artesão	Joaquim Rolo

Justificação/Atribuição: No fundo da peça é visível a marca do artesão "JR", iniciais de Joaquim "Rolo", nome pelo qual o artesão é conhecido.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Joaquim António Martins Carriço
Centro de Fabrico: Estremoz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, embutido, escultura, polimento

Precisões sobre a Técnica: Utiliza-se uma navalha, um canivete ou uma goiva improvisada

Dimensões

Altura (cm): 11,5

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 12,2

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinhal; Objectos de Azinhal; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Exª providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a conseqüente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional.

Artesão reconhecido pela qualidade técnica dos seus trabalhos, Joaquim Carriço "Rolo" com várias exposições individuais, tem recebido várias encomendas de unidades museológicas, seja para exposições da sua própria obra, seja para a execução de conjuntos de escultura etnográfica.

Com uma clara consciência do mérito do seu trabalho, Joaquim Rolo percorre uma linha estreita de continuidade com a tradição e, ao mesmo tempo, com o reconhecimento da sua individualidade artística: "faço tudo, mas tudo quanto faço não é nada de cópias. Tem que ser tudo duma criação minha" (O falar das mãos, 1983).

A arte que produz, tem o objectivo de preservar as raízes populares e de promover ideais democráticos, que alcancem o maior número de pessoas: "como artesão só tenho uma preocupação: levar a minha arte a todas as casas e não a algumas privilegiadas" (O falar das mãos, 1983).

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
O falar das mãos - Joaquim Carriço "Rolo", um artesão da madeira e do chifre		Estremoz, Núcleo de dinamização cultural de Estremoz, 1983, -
"Arte Pastoril" in Artesanato da Região do Alentejo	VERMELHO, Joaquim	Évora, Instituto de Emprego e Formação Profissional, 2000, 293 - 294

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Madeira

SubCategoria:

Denominação: Talher (par)

Título:

Nº de Inventário: CAT 24/1-2.MAD

Sítio Arqueológico:

Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 24(1-2).MAD

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Desconhecido
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Madeira

Suporte:

Técnica:

Corte, polimento, entalhe, embutido e escultura

Precisões sobre a Técnica: Utiliza-se uma navalha, um canivete ou uma goiva improvisada

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm):

7,2

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

34

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção. O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)e, por outro a " (...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava " (...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinhal; Objectos de Azinhal; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Apostos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica " (...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Exª providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
---------------	----------------	---------------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Chifre

SubCategoria:

Denominação: Corna

Título:

Nº de Inventário: CAT 61.CHI

Sítio Arqueológico:

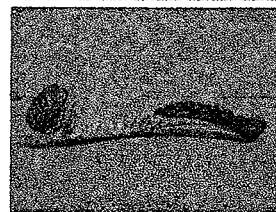
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 61.CHI

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Distrito de Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Peça datada: 25/11/962

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Chifre e cortiça

Suporte:

Técnica: Raspagem, limagem, desenho, entalhe, escultura e polimento

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 44

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 9

Comprimento (cm):

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A colecção do ex-limbo Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc., e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. Os chifres dos bois alentejanos, animais muito corpulentos e de cor vermelha eram, quando do abate da rês, utilizados para o transporte e acondicionamento de vários produtos; aproveitando-se as qualidades próprias deste material, um cone ósseo formado, no seu interior, por longas fibras elásticas e sólidas unidas paralelamente. Estes chifres eram adaptados conforme o fim a que se destinavam e sempre rolhados de cortiça. Existiam as cornas merendeiras (para transporte dos nacos de toucinho e linguiça), as cornas azeiteiras e as azeitoneiras. Eram os pastores quem as utilizavam com maior frequência, pois passavam muitos dias longe de casa apascentando os rebanhos; era nas cornas que transportavam a comida e os condimentos para a preparação das refeições. Estas eram normalmente trabalhadas com a navalha ou o canivete.

Podemos também encontrar o chifre lavrado em toda a Península Ibérica. Se em Espanha (Salamanca) predominam os motivos religiosos, em Portugal (Alentejo) são os motivos geométricos que imperam. Aqui, o chifre é utilizado com diversos fins: azeiteiros, azeitoneiros (ou cornas), caldeirinhas, colheres, copos, jarras, liaras, paliteiros, polvarinhos, tabaqueiras, guarda-jóias, pulseiras, anéis e colares (Artes e Tradições de Évora e Portalegre, 1980).

Os desenhos executados nas peças que constituem a colecção mantem um equilíbrio entre as formas geométricas e estilizações diversas, como, por exemplo, flores em vasos ou grinaldas, corações ou várias formas de animais; por vezes também surgem as iniciais do autor ou do possuidor, bem como uma data. Por outro lado, existe um grande número de peças em chifre polido, técnica que tira partido das "nuances" cromáticas deste material, empregue na realização de novos artefactos, como os anéis, as argolas para guardanapo, os candeeiros, e outras peças decorativas. Esta adaptação dos materiais tradicionais às novas solicitações de uma clientela urbana, é uma característica das acções de incremento das actividades artesanais na década de 60, implementada na região pelo Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.)

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 106-114

Documentação Associada:

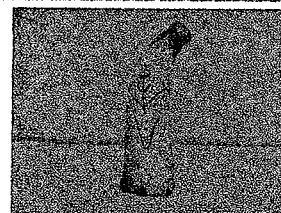
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Chifre
SubCategoria:
Denominação: Corna decorada
Título:
Nº de Inventário: CAT 53.CHI
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 53(3).CHI
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Belo, José Inácio	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura: _____ **Imagem**

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Inácio José Belo
Centro de Fabrico: Estremoz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Chifre, cortiça, e metal

Suporte:

Técnica: Raspagem; limagem; desenho; entalhe; embutido e polimento

Precisões sobre a Técnica: O polimento é feito com um sabão especial (mistura de cinza, cré, sebo, solarina que ao ferver endurece) que confere brilho à peça

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 9,5

Comprimento (cm): 35

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc., e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. Os chifres dos bois alentejanos, animais muito corpulentos e de cor vermelha eram, aquando do abate da rês, utilizados para o transporte e acondicionamento de vários produtos; aproveitando-se as qualidades próprias deste material, um cone ósseo formado, no seu interior, por longas fibras elásticas e sólidas unidas paralelamente. Estes chifres eram adaptados conforme o fim a que se destinavam e sempre rolhados de cortiça. Existiam as cornas merendeiras (para transporte dos nacos de toucinho e linguiça), as cornas azeiteiras e as azeitoneiras. Eram os pastores quem as utilizavam com maior frequência, pois passavam muitos dias longe de casa apascentando os rebanhos; era nas cornas que transportavam a comida e os condimentos para a preparação das refeições. Estas eram normalmente trabalhadas com a navalha ou o canivete.

Podemos também encontrar o chifre lavrado em toda a Península Ibérica. Se em Espanha (Salamanca) predominam os motivos religiosos, em Portugal (Alentejo) são os motivos geométricos que imperam. Aqui, o chifre é utilizado com diversos fins: azeiteiros, azeitoneiros (ou cornas), caldeirinhas, colheres, copos, jarras, liaras, paliteiros, polvarinhos, tabaqueiras, guarda-jóias, pulseiras, anéis e colares (Artes e Tradições de Évora e Portalegre, 1980).

Os desenhos executados nas peças que constituem a colecção mantem um equilíbrio entre as formas geométricas e estilizações diversas, como, por exemplo, flores em vasos ou grinaldas, corações ou várias formas de animais; por vezes também surgem as iniciais do autor ou do possuidor, bem como uma data. Por outro lado, existe um grande número de peças em chifre polido, técnica que tira partido das "nuances" cromáticas deste material, empregue na realização de novos artefactos, como os anéis, as argolas para guardanapo, os candeeiros, e outras peças decorativas. Esta adaptação dos materiais tradicionais às novas solicitações de uma clientela urbana, é uma característica das acções de incremento das actividades artesanais na década de 60, implementada na região pelo Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.)

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 106-114

Documentação Associada:

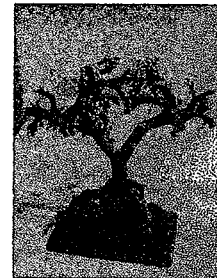
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cortiça
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação:
Título: Árvore com dois homens a tirar cortiça
Nº de Inventário: CAT 15.COR
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 15.COR
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Portalegre, Ambrósio José (n.1924 - f.1986)	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: Segundo documentação do G.A.R.D.E.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Ambrósio José Portalegre
Centro de Fabrico: Arraiolos
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1963 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Ano em que se adquiriram várias peças para mostruário da produção de Ambrósio Portalegre.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Cortiça

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, colagem, polimento

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 36,5

Largura (cm): 30

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 33,5

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Pastor e trabalhador rural nascido em Arraiolos, Ambrósio José Portalegre passou, por volta dos anos cinquenta, a dedicar-se exclusivamente a produção de esculturas em cortiça. Em 1952, faz a sua primeira apresentação pública de trabalhos, com a participação no concurso organizado pela Fundação Nacional para a Alegria do Trabalho - organismo criado pelo Estado Novo para estimular o desenvolvimento físico e cultural das classes trabalhadoras -, onde recebeu o quinto prémio com um extenso conjunto de figuras com as fases da cultura do trigo e da manufatura da farinha (BARBOFF, 1982). Dez anos passados, o reconhecimento público atinge o auge quando participa no concurso-exposição dos Jogos Florais do Trabalho, onde é galardoado com o primeiro prémio. É também no ano de 1962 que inicia a colaboração com o Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora, instituição criada no âmbito da Exposição de Artesanato do Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora, e que tinha como objectivo incentivar a produção e comercialização de produtos artesanais da região. A extensa obra de Ambrósio Portalegre caracteriza-se pela utilização de um único material, a cortiça, submetida a um processo prévio de cozedura, minuciosamente trabalhada com o auxílio de facas e navalhas. As miniaturas recriam os mais variados aspectos do mundo rural, seja do trabalho ou das actividades de lazer e denotam uma certa nostalgia de ordem e harmonia, na perfeita distribuição espacial dos objectos, nas referências perfeitamente correctas da utilização de cada um dos utensílios, nos trajes completos e adequados do trabalhador rural, do pastor, da ceifeira, do moleiro. São a reprodução de um tempo abstracto e intemporal, idealizado a partir de um olhar etnográfico, e também a explicitação de um lugar definido para o trabalho do artista popular, a quem cumpre reproduzir e devolver à sociedade a imagem ideal de uma ruralidade pacífica, bucólica e trabalhadora - em consonância com os ideais forjados pelo Serviço Nacional de Propaganda. O interesse suscitado pela cultura popular, após a revolução de 25 de Abril de 1974, motivou uma nova leitura do trabalho de Ambrósio Portalegre, desta vez entendido como a visão particular de uma classe social. O interesse centra-se preferencialmente na biografia do artesão, ponto de partida para a elaboração das suas esculturas, sublinhadas como representações do trabalho rural, realizado em condições adversas, numa ordem social injusta. A obra de Ambrósio Portalegre é um exemplo de memória e resistência cultural, e também de reapropriação da capacidade de funcionar como agente de cultura (ARTES E TRADIÇÕES, 1980). Entre as diversas facturas e recibos de Ambrósio José Portalegre que documentam a colaboração do artesão com o G.A.R.D.E, há um, datada de 20 de Fevereiro de 1963, que menciona a encomenda da peça "Árvore com dois homens a tirar cortiça", pelo valor de 100\$00 escudos. Esta peça possui duas etiquetas, onde se pode ler: "RTE 82" e "228". Uma outra etiqueta está colada no fundo da base com a identificação: "GARDE/ Évora/ Portugal/ P. n.º 771/ 874".


Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, -
Les Brodeurs de Cuilleres en Alentejo. Texto policopiado, tese apresentada na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales,	BARBOFF, Mouette Gisele	Paris 1982, 281-284

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
Manuscrito	Recibo	

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Cortiça

SubCategoria: Escultura Popular

Denominação: Moinho de vento

Título:

Nº de Inventário: CAT 3.COR

Sítio Arqueológico:

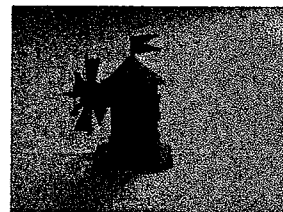
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 3.COR

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura: **Imagem**

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante:
Centro de Fabrico:
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Cortiça, tecido, cola, linha, madeira

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe escultura, embutido, colagem

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 8

Largura (cm): 8

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 7,5

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. O sobreiro encontra-se praticamente em todo o território de Portugal Continental. De todas as espécies florestais é, a seguir ao pinheiro bravo, a que se encontra mais largamente distribuída pelo país, aparecendo como árvore dominante em povoamentos a Sul do Tejo, nas zonas litoral e central. De acordo com relatos históricos, a legislação subericola mais antiga que se conhece remonta ao reinado de D. Sancho I (1209), mas ao longo dos tempos foi sendo regularmente actualizada de acordo com o contexto de cada época; entretanto, o aproveitamento da sombra, do fruto, da madeira e da cortiça foi aumentando e adequando-se às novas realidades. Actualmente, a cortiça tem um grande peso estratégico em termos económicos, sociais e ambientais devido às suas características: baixa densidade, fluviabilidade, elasticidade e compressibilidade; constitui um bom vedante, é isolador térmico e isolador acústico. Este material também é resistente ao desgaste e impermeável aos gases e líquidos, daí a sua utilização em diversos ramos; por exemplo na construção civil, na indústria do calçado, no sector naval ou em diversas práticas agrícolas. Mas também no artesanato; aliás, a colecção aqui apresentada demonstra a forma como este material se foi adequando a novas formas - utilitárias e artísticas - pelas mãos dos artesãos do distrito sem, no entanto, se terem perdido as memórias e feitos de um passado estreitamente relacionado com a sociedade rural.

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Cortiça

SubCategoria: Escultura Popular

Denominação: Porqueiro

Título:

Nº de Inventário: CAT 8.COR

Sítio Arqueológico:

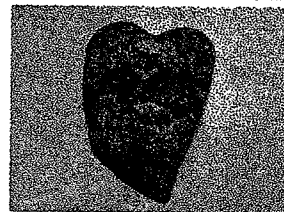
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 8.COR

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Portalegre, Ambrósio José (n.1924 - f.1986)	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Ambrósio José Portalegre
Centro de Fabrico: Arraiolos
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1986 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e o falecimento do artesão, Ambrósio Portalegre.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Cortiça

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe e escultura

Precisões sobre a Técnica: Utiliza-se uma navalha, um canivete ou uma goiva improvisada

Dimensões

Altura (cm): 4

Largura (cm): 13

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 19

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Pastor e trabalhador rural nascido em Arraiolos, Ambrósio José Portalegre, que nas horas vagas dedicava-se a trabalhos de escultura em cortiça, passou, por volta dos anos cinquenta, a dedicar-se exclusivamente a produção de esculturas em cortiça. Em 1952, faz a sua primeira apresentação pública de trabalhos, com a participação no concurso organizado pela Fundação Nacional para a Alegria do Trabalho - organismo criado pelo Estado Novo para estimular o desenvolvimento físico e cultural das classes trabalhadoras -, onde recebeu o quinto prémio com um extenso conjunto de figuras com as fases da cultura do trigo e da manufatura da farinha (BARBOFF, 1982). Dez anos passados, o reconhecimento público atinge o auge quando participa no concurso-exposição dos Jogos Florais do Trabalho, onde é galardoado com o primeiro prémio. É também no ano de 1962 que inicia a colaboração com o Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora, instituição criada no âmbito da Exposição de Artesanato do Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora, e que tinha como objectivo incentivar a produção e comercialização de produtos artesanais da região. A extensa obra de Ambrósio Portalegre caracteriza-se pela utilização de um único material, a cortiça, submetida a um processo prévio de cozedura, minuciosamente trabalhada com o auxílio de facas e navalhas. As miniaturas recriam os mais variados aspectos do mundo rural, seja do trabalho ou das actividades de lazer e denotam uma certa nostalgia de ordem e harmonia, na perfeita distribuição espacial dos objectos, nas referências perfeitamente correctas da utilização de cada um dos utensílios, nos trajes completos e adequados do trabalhador rural, do pastor, da ceifeira, do moleiro. São a reprodução de um tempo abstracto e intemporal, idealizado a partir de um olhar etnográfico, e também a explicitação de um lugar definido para o trabalho do artista popular, a quem cumpre reproduzir e devolver à sociedade a imagem ideal de uma ruralidade pacífica, bucólica e trabalhadora - em consonância com os ideais forjados pelo Serviço Nacional de Propaganda. O interesse suscitado pela cultura popular, após a revolução de 25 de Abril de 1974, motivou uma nova leitura do trabalho de Ambrósio Portalegre, desta vez entendido como a visão particular de uma classe social. O interesse centra-se preferencialmente na biografia do artesão, ponto de partida para a elaboração das suas esculturas, sublinhadas como representações do trabalho rural, realizado em condições adversas, numa ordem social injusta. A obra de Ambrósio Portalegre é um exemplo de memória e resistência cultural, e também de reapropriação da capacidade de funcionar como agente de cultura (ARTES E TRADIÇÕES, 1980).

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Les Brodeurs de Cuilleres en Alentejo. Texto policopiado, tese apresentada na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales,	BARBOFF, Mouette Gisele	Paris 1982, 281-284
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 148-149

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Fotografia

SubCategoria:

Denominação: Fotografia

Título:

Nº de Inventário: CAT 4.FOT

Sítio Arqueológico:

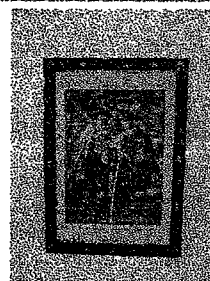
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 4.FOT.JPG

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Freixo, Mário Delfim Gouveia da Gama (n. 1894 - f.1980)	Autor	Fotógrafo	

Justificação/Atribuição: A peça encontra-se assinada pelo autor: "Gama Freixo - Évora".

Assinatura:

Imagem

Localização: Canto inferior direito



Produção

Oficina / Fabricante: Mário Delfim Gouveia da Gama Freixo
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1980 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e o falecimento do fotógrafo Gama Freixo.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira e tinta; papel;

Suporte: Papel

Técnica: Corte, entalhe, polimento, aplicação de "aparelho", esmalte, pintura;
Revelação em gelatina e prata;

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 50

Largura (cm): 35

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões: Fotografia: 36 cm alt. x 26 cm larg.

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historia:

Com o desenvolvimento da fotografia, após o seu aparecimento no século XIX, fixaram-se alguns fotógrafos de reconhecido valor na cidade de Évora, que ensinaram também as suas técnicas a alguns residentes, exemplo disso é o de Eduardo Nogueira (n. 1898 - f. 1969), natural do Fundão, este fotógrafo de reconhecido valor, fixou-se em Évora a partir de 1928, passando aí a dedicar-se a vários géneros de fotografias, inclusive as de temática rural (temática esta privilegiada no antigo Museu do Artesanato). Quem também realizou exposições em Portugal e no estrangeiro, para além de Eduardo Nogueira foi Marcolino Sousa (n. 1929 - f. 1981), eborense, que dedicava-se a fotografias de variados temas, sendo os mais procurados os nocturnos. Este fotógrafo fez parte do Grupo fundador da Associação Fotográfica do Sul o que demonstra a forma como esta arte se estava a desenvolver nesta zona do país.

Outro eborense, e também de reconhecido mérito foi Mário da Gama Freixo (n.1894- f.1980), que nunca se dedicou a tempo inteiro à fotografia, este profissional de seguros e fotógrafo amador, teve como mestre o consagrado artista eborense Passaporte (responsável pela abertura de ateliers fotográficos em Évora). A partir daí foi fazendo inúmeras colecções de postais, tendo por tema a natureza, o património edificado, e o desporto.

David Afélio de Freitas (n. 1929 - f. ?) natural de Loulé, iniciou a arte da fotografia como amador aos 14 anos, profissionalizando-se em 1946, quando na sua aposentação do exército. Dirigiu a "Fotografia Nazareth" em Évora na actividade de fotografia e óptica visual, na qual se especializou em Lisboa e na Alemanha. Estes são alguns dos artistas que desempenharam uma actividade dinâmica no papel da fotografia local, e cujas obras de temática etnográfica foram expostas no antigo Museu do Artesanato.

De acordo com fontes do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora o Nogueira e Gama Freixo fotografaram na década de 30 e 40, enquanto que Marcolino fotografou no Alentejo na década de 60. A peça possui uma etiqueta com a seguinte referência: "16".

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Dicionário histórico e biográfico de artistas amadores e técnicos eborenses	MONTE, Gil do	2ª edição, Évora, s.n., 1982, -
Dicionário histórico e biográfico de artistas amadores e técnicos radicados em Évora	MONTE, Gil do	Évora, s.n., 1976, -

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação: Pastor a comer
Título:
Nº de Inventário: CAT 150.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 150.CER
Localização: CAT
Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Olaria Alfacinha
Centro de Fabrico: Estremoz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1963 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

No "Preçário dos Bonecos" do antigo Museu de Artesanato Regional, de 2 de Abril de 1963, um "Pastor almoçando debaixo da azinheira" custava 35\$00.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Barro; tintas de água e plásticas; verniz; ferro

Suporte:

Técnica:

Moldagem; modelagem; colagem; cozedura; pintura; envernizar

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

14

Largura (cm):

14,2

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

10

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Ao que tudo indica, a barrística de popular Estremoz ganhou projecção a partir dos finais do século XVIII, com a produção de pequenas esculturas de santos e figuras de presépios. No início do século XX, estava praticamente extinta e foi revitalizada através de diversas iniciativas, a mais importante das quais protagonizada pelo escultor José Maria de Sá Lemos, que dirigiu a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, criada em 1924, trabalhando com a artesã Ti Ana das Peles, e posteriormente com Mariano da Conceição, que convidou para professor da escola (Pessanha, 1916; Santos Júnior, 1940; Parvaux, 1968; Vermelho, 1990). Sabina da Conceição Santos nasceu em Estremoz em 1921, neta de Caetano Augusto da Conceição (m. 1902), o fundador da Olaria Alfacinha, e Leonor das Neves da Conceição (m. 1946). Apesar de na juventude ter frequentado a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, Sabina dos Santos dedicou-se, primeiro, à família, e só a crise na liderança da empresa, depois da morte do irmão Mariano da Conceição, é que a levou a modelar os bonecos de Estremoz. Assim, em 11 de Abril de 1958 constituiu-se a firma Leonor das Neves da Conceição Herdeiros, sociedade entre Sabina e os seus irmãos Deocleciano e Caetano, empresa que colaborou com o G.A.R.D.E., como documentam as diversas facturas e as peças assinadas pela artesã que ainda se conservam no espólio do antigo Museu do Artesanato Distrital de Évora. No labor de Sabina Santos, que prolongou-se ao longo de três décadas, é patente a continuidade da galeria de personagens representadas por Mariano da Conceição, e também um aprofundar na estilização escultórica dos personagens. Na sua oficina na Rua Brito Capelo, formou várias aprendizes, entre as quais Fátima Estróia e as Irmãs Flores (Vermelho, 2002). Numa tabela de Preços da Olaria Alfacinha, datada de 15 de Fevereiro de 1969, um boneco deste tipo custava 20\$00. Esta peça possui uma etiqueta do G.A.R.D.E. marcada com as referências: "344" e "436".

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
--------------------	--------------------	----------------------	---------------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167
Barros de Estremoz - contributo monográfico para o estudo da olaria e da barrística	VERMELHO, Joaquim	s.l., Limiar, 1990, 68-96

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

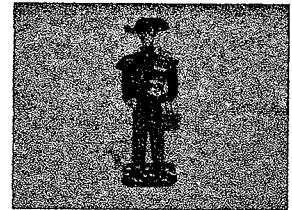
MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação:
Título: Pastor com manta e tarro
Nº de Inventário: CAT 54.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 54.CER
Localização: CAT
Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Santos, Sabina Conceição (n. 1921 - f. 2005)	Autor	Oleiro	Sabina Santos

Justificação/Atribuição: Peça assinada

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Olaria Alfacinha
Centro de Fabrico: Estremoz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1970 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Escultura descrita na tabela de preços de 1969, num período de colaboração da olaria com o G.A.R.D.E.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Barro; tintas de água e plásticas; verniz; ferro

Suporte:

Técnica:

Moldagem; modelagem; colagem; cozedura; pintura; envernizar

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

18

Largura (cm):

6,8

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

6

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Ao que tudo indica, a barrística de popular Estremoz ganhou projecção a partir dos finais do século XVIII, com a produção de pequenas esculturas de santos e figuras de presépios. No início do século XX, estava praticamente extinta e foi revitalizada através de diversas iniciativas, a mais importante das quais protagonizada pelo escultor José Maria de Sá Lemos, que dirigiu a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, criada em 1924, trabalhando com a artesã Ti Ana das Peles, e posteriormente com Mariano da Conceição, que convidou para professor da escola (Pessanha, 1916; Santos Júnior, 1940; Parvaux, 1968; Vermelho, 1990)

Sabina da Conceição Santos nasceu em Estremoz em 1921, neta de Caetano Augusto da Conceição (m. 1902), o fundador da Olaria Alfacinha, e Leonor das Neves da Conceição (m. 1946). Apesar de na juventude ter frequentado a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, Sabina dos Santos dedicou-se, primeiro, à família, e só a crise na liderança da empresa, depois da a morte do irmão Mariano da Conceição, é que a levou a modelar os bonecos de Estremoz.

Assim, em 11 de Abril de 1958 constituiu-se a firma Leonor das Neves da Conceição Herdeiros, sociedade entre Sabina e os seus irmãos Deocleciano e Caetano, empresa que colaborou com o G.A.R.D.E., como documentam as diversas facturas e as peças assinadas pela artesã que ainda se conservam no espólio do antigo Museu do Artesanato Distrital de Évora.

No labor de Sabina Santos, que prolongou-se ao longo de três décadas, é patente a continuidade da galeria de personagens representadas por Mariano da Conceição, e também um aprofundar na estilização escultórica dos personagens. Na sua oficina na Rua Brito Capelo, formou várias aprendizes, entre as quais Fátima Estróia e as Irmãs Flores (Vermelho, 2002). Na tabela de preços da Olaria Alfacinha, datada de 15 de Fevereiro de 1969, um boneco deste tipo custava 20\$00.

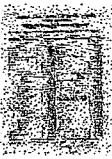
Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
"Bonecos de Barro" in Vida e Arte do Povo Português, pp. 235-246	SANTOS JÚNIOR	Lisboa, Secretariado de Propaganda Nacional, 1940, -
"Olaria e Barrística de Estremoz" in Artesanato da Região do Alentejo	VERMELHO, Joaquim	Évora, Instituto de Emprego e Formação Profissional, 2000, -
Barros de Estremoz - contributo monográfico para o estudo da olaria e da barrística	VERMELHO, Joaquim	s.l., Limiar, 1990, 68-96
Mestres artesãos do século XX	VERMELHO, Joaquim	Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, 2002, -
Roteiro do Museu Municipal de Estremoz	VERMELHO, Joaquim	Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, 1983, -
"Bonecos de Estremoz" in Terra Portuguesa, ano 1, n.º 4	PESSANHA, Sebastião	Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, 1916, -
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
Impressão tipográfica sobre papel	Tabela de preços	

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação:
Título: Mulher a dobar
Nº de Inventário: CAT 125.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 125.CER
Localização: CAT
Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Santos, Sabina Conceição (n. 1921 - f. 2005)	Autor	Oleiro	Sabina Santos

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Localização:

Imagem

Produção

Oficina / Fabricante: Olaria Alfacinha
Centro de Fabrico: Estremoz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limite entre a criação da Exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Barro; tintas de água e plásticas; verniz; ferro

Suporte:

Técnica: Moldagem; modelagem; colagem; cozedura; pintura; envernizar

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 13,5

Largura (cm): 6,8

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 12,3

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historia:
 Ao que tudo indica, a barrisuca de popular Estremoz ganhou projecção a partir dos finais do século XVIII, com a produção de pequenas esculturas de santos e figuras de presépios. No início do século XX, estava praticamente extinta e foi revitalizada através de diversas iniciativas, a mais importante das quais protagonizada pelo escultor José Maria de Sá Lemos, que dirigiu a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, criada em 1924, trabalhando com a artesã Ti Ana das Peles, e posteriormente com Mariano da Conceição, que convidou para professor da escola (Pessanha, 1916; Santos Júnior, 1940; Parvaux, 1968; Vermelho, 1990). Sabina da Conceição Santos nasceu em Estremoz em 1921, neta de Caetano Augusto da Conceição (m. 1902), o fundador da Olaria Alfacinha, e Leonor das Neves da Conceição (m. 1946). Apesar de na juventude ter frequentado a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, Sabina dos Santos dedicou-se, primeiro, à família, e só a crise na liderança da empresa, depois da morte do irmão Mariano da Conceição, é que a levou a modelar os bonecos de Estremoz. Assim, em 11 de Abril de 1958 constituiu-se a firma Leonor das Neves da Conceição Herdeiros, sociedade entre Sabina e os seus irmãos Deocleciano e Caetano, empresa que colaborou com o G.A.R.D.E., como documentam as diversas facturas e as peças assinadas pela artesã que ainda se conservam no espólio do antigo Museu do Artesanato Distrital de Évora. No labor de Sabina Santos, que prolongou-se ao longo de três décadas, é patente a continuidade da galeria de personagens representadas por Mariano da Conceição, e também um aprofundar na estilização escultórica dos personagens. Na sua oficina na Rua Brito Capelo, formou várias aprendizes, entre as quais Fátima Estróia e as Irmãs Flores (Vermelho, 2002). Numa tabela de Preços da Olaria Alfacinha, datada de 15 de Fevereiro de 1969, uma escultura como esta custava 20\$00. A peça conserva uma etiqueta do G.A.R.D.E. com dois números de referência para os precários: n.º 330 e 423.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Barros de Estremoz - contributo monográfico para o estudo da olaria e da barrística	VERMELHO, Joaquim	s.l., Limiar, 1990, 68-96
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação:
Título: Mulher a fazer enchidos
Nº de Inventário: CAT 141.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 141.CER
Localização: CAT
Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Santos, Sabina Conceição (n. 1921 - f. 2005)	Autor	Oleiro	Sabina Santos

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Olaria Alfacinha
Centro de Fabrico: Estremoz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limite entre a criação da Exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Barro; tintas de água e plásticas; verniz; ferro

Suporte:

Técnica:

Moldagem; modelagem; colagem; cozedura; pintura; envernizar

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

13,5

Largura (cm):

8

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

13,5

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Ao que tudo indica, a barrística de popular Estremoz ganhou projecção a partir dos finais do século XVIII, com a produção de pequenas esculturas de santos e figuras de presépios. No início do século XX, estava praticamente extinta e foi revitalizada através de diversas iniciativas, a mais importante das quais protagonizada pelo escultor José Maria de Sá Lemos, que dirigiu a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, criada em 1924, trabalhando com a artesã Ti Ana das Peles, e posteriormente com Mariano da Conceição, que convidou para professor da escola (Pessanha, 1916; Santos Júnior, 1940; Parvaux, 1968; Vermelho, 1990). Sabina da Conceição Santos nasceu em Estremoz em 1921, neta de Caetano Augusto da Conceição (m. 1902), o fundador da Olaria Alfacinha, e Leonor das Neves da Conceição (m. 1946). Apesar de na juventude ter frequentado a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, Sabina dos Santos dedicou-se, primeiro, à família, e só a crise na liderança da empresa, depois da morte do irmão Mariano da Conceição, é que a levou a modelar os bonecos de Estremoz. Assim, em 11 de Abril de 1958 constituiu-se a firma Leonor das Neves da Conceição Herdeiros, sociedade entre Sabina e os seus irmãos Deocleciano e Caetano, empresa que colaborou com o G.A.R.D.E., como documentam as diversas facturas e as peças assinadas pela artesã que ainda se conservam no espólio do antigo Museu do Artesanato Distrital de Évora. No labor de Sabina Santos, que prolongou-se ao longo de três décadas, é patente a continuidade da galeria de personagens representadas por Mariano da Conceição, e também um aprofundar na estilização escultórica dos personagens. Na sua oficina na Rua Brito Capelo, formou várias aprendizas, entre as quais Fátima Estróia e as Irmãs Flores (Vermelho, 2002). Numa tabela de Preços da Olaria Alfacinha, datada de 15 de Fevereiro de 1969, uma escultura como esta custava 20\$00. A peça possui uma etiqueta do G.A.R.D.E., com dois números de referência para pré-rio: 334 e 432.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Barros de Estremoz - contributo monográfico para o estudo da olaria e da barrística	VERMELHO, Joaquim	s.l., Limiar, 1990, 68-96
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Madeira

SubCategoria: Escultura Popular

Denominação:

Título: Ganadeiro com a samarra

Nº de Inventário: CAT 116.MAD

Sítio Arqueológico:

Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 116(2).MAD

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Oficio	Sinónimos
Capela e Silva	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: Peça marcada

Assinatura:

Imagem

Localização: Parte superior da base



Produção

Oficina / Fabricante: Capela e Silva
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1954 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Peça datada.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira, metal, tecido, plástico, linha, couro, cortiça, cola

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, escultura, embutido, polimento, colagem

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 35

Largura (cm): 13

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 19

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial: A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações dispares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional. Esta peça tem duas etiquetas autocolantes, onde se pode ler: "627" e "V 2 - 71".

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
---------------	----------------	---------------

Documentação Associada:

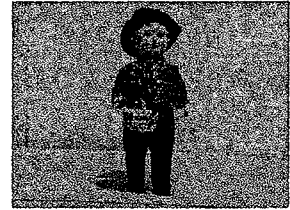
Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Traje
SubCategoria:
Denominação: Traje de trabalhador rural /conjunto domingueiro (miniatura)
Título:
Nº de Inventário: CAT 116/1-7.TEX
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 116.TEX
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Évora - distrito
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Tecido, linha de algodão, plástico, vime, couro e cartão.

Suporte: Boneco em plástico.

Técnica: Costura, tricô.

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 0

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelas latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalhos agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção. O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solfepedros (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Exª providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a conseqüente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. Até meados do século XIX sabe-se como era sensível a diferenciação entre o vestuário das populações rurais do Norte e do Sul, da beira mar e da raia, devido quer à diversificação climática quer às condições geográficas. É ainda nesse século que ciências como a Etnologia, nomeadamente através do estudo do traje, concluem que o modo de trajar constituía o cartão de visita de qualquer região.

Do Alentejo os trajes mais divulgados foram o de ceifeira e o do pastor existindo, no entanto, muitos outros trajes que eram de igual modo típicos. Alguns exemplos: lavadeira, azeitoneira, mondadeira, aguadeira, costureira, lavrador, porqueiro, ganadeiro, cavador, guarda de herdades, tradicional domingueiro alentejano, etc... No século XX outros factores contribuem para a recuperação e estudo do traje tradicional mas já novos hábitos se tinham vindo a instalar nas diversas regiões, ou seja, o verdadeiro traje típico já havia caído em desuso no quotidiano passando, agora, a constituir um adereço utilizado quer por grupos folclóricos, quer em ocasiões (festas, romarias, feriados religiosos, feiras) cuja tradição permaneceu fixada no calendário. As peças que constam nesta colecção constituem um importante documento para a caracterização deste quotidiano rural, marcado pelo aproveitamento e cariz utilitário dos materiais que o contextualizavam.

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
--------------------	--------------------	----------------------	---------------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
---------------	----------------	---------------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

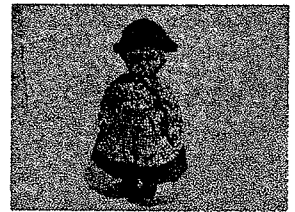
Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Traje
SubCategoria:
Denominação: Traje de ceifeira / conjunto (miniatura)
Título:
Nº de Inventário: CAT 117/1-12.TEX
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 117.TEX

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Évora - distrito
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Tecido, linha de algodão, plástico, vime, couro e cartão.

Suporte: Boneca em plástico.

Técnica: Costura, tricô.

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 0

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi transformada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalhos agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção. O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)", e, por outro a " (...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava " (...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Apostos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica " (...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex.^a providenciar no sentido da sua sinalização (...) ", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a conseqüente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. Até meados do século XIX sabe-se como era sensível a diferenciação entre o vestuário das populações rurais do Norte e do Sul, da beira mar e da raia, devido quer à diversificação climática quer às condições geográficas. É ainda nesse século que ciências como a Etnologia, nomeadamente através do estudo do traje, concluem que o modo de trajar constituía o cartão de visita de qualquer região.

Do Alentejo os trajes mais divulgados foram o de ceifeira e o do pastor existindo, no entanto, muitos outros trajes que eram de igual modo típicos. Alguns exemplos: lavadeira, azeitoneira, mondadeira, aguadeira, costureira, lavrador, porqueiro, ganadeiro, cavador, guarda de herdades, tradicional domingueiro alentejano, etc... No século XX outros factores contribuem para a recuperação e estudo do traje tradicional mas já novos hábitos se tinham vindo a instalar nas diversas regiões, ou seja, o verdadeiro trajo típico já havia caído em desuso no quotidiano passando, agora, a constituir um adereço utilizado quer por grupos folclóricos, quer em ocasiões (festas, romarias, feriados religiosos, feiras) cuja tradição permaneceu fixada no calendário. As peças que constam nesta colecção constituem um importante documento para a caracterização deste quotidiano rural, marcado pelo aproveitamento e cariz utilitário dos materiais que o contextualizavam.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
--------------------	--------------------	----------------------	---------------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
---------------	----------------	---------------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Olaria
Denominação: Prato
Título:
Nº de Inventário: CAT 196.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 196.CER
Localização: CAT
Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Martelo, Adriano Rui (n.1916 - f. 2002)	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição: Peça assinada na parte de trás - "Adriano Martelo"

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante:
Centro de Fabrico: Redondo
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limite entre a criação da Exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Barro vidrado

Suporte:

Técnica: Roda; cozedura; engobo; riscado; vidrado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 6,5

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 51,5

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A vila do Redondo é um importante centro oleiro e, já em 1516, o foral manuelino mencionava uma corporação de oleiros e contemplava também uma regulamentação para o seu comércio. Os oleiros, desde tempos imemoriais tinham direito a ir buscar o barro às terras em volta, porém, em 1725, os proprietários das terras pretenderam obrigá-los a pagar o barro, provocando uma crise séria - os oleiros entraram em greve - já que a economia da vila dependia em grande medida das olarias. A solução foi favorável aos oleiros, tendo sido deliberado que "ninguém pode impedir outrém de cavar barro para fazer louça" (Wilson, 1994). Em 1801 a autarquia do Redondo fez sair uma nova regulamentação sobre o comércio de olaria, mas também renovou o direito acordado em 1726, pelo qual os oleiros são obrigados, no Outono, a tapar os buracos que fizeram ao longo do ano. Os que não cumprissem com esta obrigação tinham de pagar uma multa e eram igualmente obrigados a pagar indemnizações aos proprietários por desgastes causados (Parvaux, 1968). A colecção do M. A. R. foi adquirida, a partir de 1963, com a criação do Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E), que tinha por objectivo fomentar a comercialização dos produtos de artesanato funcionando como entidade autónoma, mas associada à exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora. A 30 de Março de 1980, por deliberação da Assembleia Distrital, esta exposição foi considerada Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora. Nesse período, o G.A.R.D.E. conseguiu a colaboração de diversos oleiros do Redondo, entre os quais, contam-se Álvaro José Chalana (Olaria São João), António Francisco Lapa Mestre e Adriano Rui Martelo. Na documentação do G.A.R.D.E. guardam-se diversas facturas e recibos da olaria de Adriano Martelo, do início da cooperação em 1964. A maioria das peças da colecção, no entanto, estão datadas da década de 80, quando o oleiro passou a dedicar-se exclusivamente à pintura cerâmica, optando por um estilo menos preso à tradição do Redondo, e mais próximo da criatividade do artista popular.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Breve viagem no Alentejo	WILSON, Robert, Jane Wilson	s/l, ed. Mizette Nielsen, 1994, -
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167

Documentação Associada:

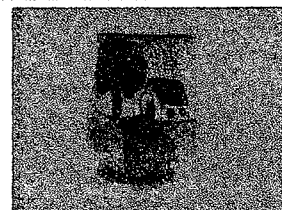
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria:
Denominação: Caneca
Título:
Nº de Inventário: CAT 222.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 222.CER
Localização: CAT
Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante:
Centro de Fabrico: Redondo
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limite entre a criação da Exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Barro vidrado

Suporte:

Técnica: Roda; cozedura; engobo; vidrado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 10,3

Largura (cm): 10

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 8,5

Comprimento (cm):

Outras Dimensões: Diâmetro da boca - 7 cm

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial: A Vila do Redondo é um importante centro oleiro e, já em 1516, o foral manuelino mencionava uma corporação de oleiros e contemplava também uma regulamentação para o seu comércio. Os oleiros, desde tempos imemoriais tinham direito a ir buscar o barro às terras em volta, porém, em 1725, os proprietários das terras pretenderam obrigá-los a pagar o barro, provocando uma crise séria - os oleiros entraram em greve - já que a economia da vila dependia em grande medida das olarias. A solução foi favorável aos oleiros, tendo sido deliberado que "ninguém pode impedir outrém de cavar barro para fazer louça" (Wilson, 1994). Em 1801 a autarquia do Redondo fez sair uma nova regulamentação sobre o comércio de olaria, mas também renovou o direito acordado em 1726, pelo qual os oleiros são obrigados, no Outono, a tapar os buracos que fizeram ao longo do ano. Os que não cumprissem com esta obrigação tinham de pagar uma multa e eram igualmente obrigados a pagar indemnizações aos proprietários por desgastes causados (Parvaux, 1968). A colecção do M. A. R. foi adquirida, a partir de 1963, com a criação do Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E), que tinha por objectivo fomentar a comercialização dos produtos de artesanato funcionando como entidade autónoma, mas associada à exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora. A 30 de Março de 1980, por deliberação da Assembleia Distrital, esta exposição foi considerada Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora. Nesse período, o G.A.R.D.E. conseguiu a colaboração de diversos oleiros do Redondo, entre os quais, contam-se Álvaro José Chalana (Olaria São João), Adriano Rui Martelo e António Francisco Lapa Mestre.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Breve viagem no Alentejo	WILSON, Robert, Jane Wilson	s/l, ed. Mizette Nielsen, 1994, -
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Cerâmica

SubCategoria: Olaria

Denominação: Prato

Título:

Nº de Inventário: CAT 209.CER

Sítio Arqueológico:

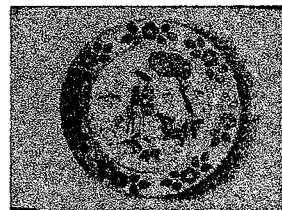
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 209.CER

Localização: CAT

Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Pirraça, Manuel Inácio Farias (n.1952)	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição: Peça assinada na parte de trás - "Pirraça"

Assinatura:

Imagem

Localização:



Produção

Oficina / Fabricante:
Centro de Fabrico: Redondo
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1980 d.C. - 1985 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Data provável da colaboração entre o mestre oleiro Manuel Pirraça e o Museu do Artesanato do Distrito de Évora.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Barro vidrado

Suporte:

Técnica:

Roda; cozedura; engobo; pintura; vidrado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

6

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

53,5

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A Vila do Redondo é um importante centro oleiro e, já em 1516, o toral manuelino mencionava uma corporação de oleiros e contemplava também uma regulamentação para o seu comércio. Os oleiros, desde tempos imemoriais tinham direito a ir buscar o barro às terras em volta, porém, em 1725, os proprietários das terras pretenderam obrigá-los a pagar o barro, provocando uma crise séria - os oleiros entraram em greve - já que a economia da vila dependia em grande medida das olarias. A solução foi favorável aos oleiros, tendo sido deliberado que "ninguém pode impedir outrém de cavar barro para fazer louça" (Wilson, 1994). Em 1801 a autarquia do Redondo fez sair uma nova regulamentação sobre o comércio de olaria, mas também renovou o direito acordado em 1726, pelo qual os oleiros são obrigados, no Outono, a tapar os buracos que fizeram ao longo do ano. Os que não cumprissem com esta obrigação tinham de pagar uma multa e eram igualmente obrigados a pagar indemnizações aos proprietários por desgastes causados (Parvaux, 1968). A colecção do M. A. R. foi adquirida, a partir de 1963, com a criação do Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E), que tinha por objectivo fomentar a comercialização dos produtos de artesanato funcionando como entidade autónoma, mas associada à exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora. A 30 de Março de 1980, por deliberação da Assembleia Distrital, esta exposição foi considerada Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora. Nesse período, o G.A.R.D.E. conseguiu a colaboração de diversos oleiros do Redondo, entre os quais, contam-se Álvaro José Chalana (Olaria São João), António Francisco Lapa Mestre e Adriano Rui Martelo. Com a criação formal do Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora, em 1981, novos oleiros foram convidados a colaborar com a instituição, entre os quais encontra-se o mestre oleiro Manuel Pirraça. As peças que se conservam na colecção devem datar dos primeiros anos da década de 80, e mostram o alargamento da paleta de cores tradicionais, com a inclusão de rosas e azuis, e também a ampliação das propostas figurativas, que normalmente não respeitam os limites do fundo do prato, ou do corpo das peças.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Breve viagem no Alentejo	WILSON, Robert, Jane Wilson	s/l, ed. Mizette Nielsen, 1994, -
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167

Documentação Associada:

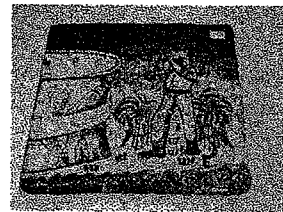
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Cerâmica de revestimento
Denominação: Placa de cerâmica
Título:
Nº de Inventário: CAT 643.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 643.CER
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Pacheco, João Alberto Falé	Autor	Oleiro	João Pacheco

Justificação/Atribuição: Atribuição por comparação com a peça CAT 722.CER

Assinatura: _____ **Imagem**
Localização: _____

Produção

Oficina / Fabricante: João Alberto Falé Pacheco
Centro de Fabrico: Viana do Alentejo
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1963 d.C. - 1965 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Período em que João Pacheco forneceu diversas peças para a constituição de um mostruário no G.A.R.D.E. Entre estas peças figuram telhas e pratos com a representação de um "ceifeiro alentejano".

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Barro vidrado

Suporte:

Técnica: Faiança

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm): 31

Profundidade (cm):

Espessura (cm): 3,1

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 31

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Nos finais do século XIX, a "indústria" da olaria, pela dispersão geográfica por todo território nacional, pela variedade de tipologias associadas a cada região, e pelo enraizamento nos hábitos de consumo popular, era considerada como uma das mais importantes fontes de cultura estética nacional, e não havia "entre todas as indústrias caseiras nenhuma que possa concorrer com a olaria popular ao prémio concedido à beleza da forma" (VASCONCELOS, 1887; 1983: 102). . A olaria tradicional do Alentejo, nomeadamente os centros de Viana do Alentejo, Redondo e Estremoz, atraíram as atenções dos estudiosos e das entidades governamentais interessadas no conhecimento e desenvolvimento desta indústria. Apesar do interesse pelas tipologias, no parecer ou de Charles Lepierre (1899; 1912) e de José Queirós (1907; 1987: 177) a indústria era considerada primitiva, não se registando a produção de faiança, apenas olaria de barro vermelho, vidrada com óxido de chumbo, transparente: "de facto não passam de simples indústrias caseiras" (QUEIRÓS, 1907; 1987: 177). Após o relativo sucesso da criação da cerâmica Alfacinha, em Estremoz (1881), assiste-se a criação, na cidade de Viana do Alentejo, da Oficina Cerâmica Médico Sousa, subsidiada pela União Vinícola e Oleícola do Sul, que depois do insucesso da sua breve laboração foi incorporada, em 1901, à Escola Industrial, com direcção de José Oliveira Dias - antigo aluno da Escola Técnica de Coimbra (PARVAUX, 1968: 7-9)-, responsável pela "produção de faiança esmaltada, louça vermelha e importantes trechos de arquitectura em barro não esmaltado" (QUEIRÓS, 1907; 1987: 177). Importante centro de produção de utensílios para o uso de preparação e armazenagem de alimentos - potes, panelas, bilhas, cântaros e alguidares, vendidos nos centros urbanos das proximidades (BARATA, 1893: 79), distribuídas até o Algarve (LEPIERRE, 1899; 1912: 72), Viana do Alentejo parecia reunir assim todas as condições para a implementação de uma política estatal de desenvolvimento das "indústrias caseiras", com a incorporação de melhoramentos tecnológicos na produção e nos materiais, mas mantendo as características típicas da cerâmica tradicional da região. Charles Lepierre (1899; 1912: 71) é testemunha dos progressos obtidos: "o governo, para aperfeiçoar esse fabrico, de modo a produzir-se louça branca, criou a Oficina Cerâmica Médico Soares, dirigida pelo Sr. José Albino Dias, moço de reconhecida habilidade e competência". Para adquirir um vidrado opaco, semelhante à faiança, "o zarcão era misturado com o próprio barro em lambagem clara" ou a peça era submetida a "um banho de barro branco". Pelo que podemos inferir do desenvolvimento de outros núcleos de olaria próximos, essa era uma técnica tradicional, presente também no Redondo, e as olarias deram continuidade a produção de alguidares, pratos e saladeiras destinadas ao mercado regional. Na década de 60 assiste-se a uma evolução deste paradigma com a introdução da técnica de faiança e a produção de peças escultóricas e utensílios decorativos, essencialmente destinados ao mercado urbano. O sucesso da produção de Manuel António Pacheco e João Pacheco e o apoio da Escola Técnica de Viana do Alentejo, estimulou outros oleiros a realizarem produção semelhante, com a utilização de uma paleta variada de cores e a representação de motivos tradicionais com formas próximas de uma estética moderna.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 60 - 70
Estudo Químico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna	LEPIERRE, Charles	Lisboa 1899, -
Indústrias Portuguesas. 2ª edição	VASCONCELOS, Joaquim de	Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, 1983, -
Cerâmica Portuguesa e outros Estudos. 3ª edição	QUEIRÓS, José	Lisboa, Editorial Presença, 1987, -

Documentação Associada:

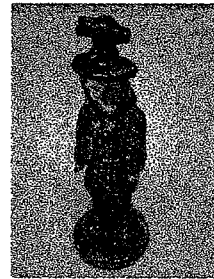
Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação: Aguadeira
Título:
Nº de Inventário: CAT 638.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 638.CER
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Pacheco, Manuel António (n. c. 1918)	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição: Peça marcada

Assinatura:

Imagem

Localização:



Produção

Oficina / Fabricante: Manuel António Pacheco
Centro de Fabrico: Viana do Alentejo
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação da exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Barro vidrado

Suporte:

Técnica:

Extracção, preparação da pasta, moldagem, secagem, cozedura

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

12

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

6

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

(medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

NOS ANAIS DO SECULO XIX, a "indústria" da olaria, pela dispersão geográfica por todo território nacional, pela variedade de tipologias associadas a cada região, e pelo enraizamento nos hábitos de consumo popular, era considerada como uma das mais importantes fontes de cultura estética nacional, e não havia "entre todas as indústrias caseiras nenhuma que possa concorrer com a olaria popular ao prémio concedido à beleza da forma" (VASCONCELOS, 1887; 1983: 102). Em tempos de defesa patriótica, esse enorme manancial inexplorado era fundamental para "a luta contra a barbárie moderna, que está desnacionalizando tudo em Portugal, usos, costumes, tradições, indústrias, trajes, etc. (IDEM, IBIDEM). A olaria tradicional do Alentejo, nomeadamente os centros de Viana do Alentejo, Redondo e Estremoz, atraíram as atenções dos estudiosos e das entidades governamentais interessadas no conhecimento e desenvolvimento desta indústria. Apesar do interesse pelas tipologias, no parecer ou de Charles Lepierre (1899; 1912) e de José Queirós (1907; 1987: 177) a indústria era considerada primitiva, não se registando a produção de faiança, apenas olaria de barro vermelho, vidrada com óxido de chumbo, transparente: "de facto não passam de simples indústrias caseiras" (QUEIRÓS, 1907; 1987: 177). Após o relativo sucesso da criação da cerâmica Alfacinha, em Estremoz (1881), assiste-se a criação, na cidade de Viana do Alentejo, da Oficina Cerâmica Médico Sousa, subsidiada pela União Vinícola e Oleícola do Sul, que depois do insucesso da sua breve laboração foi incorporada, em 1901, à Escola Industrial, com direcção de José Oliveira Dias - antigo aluno da Escola Técnica de Coimbra (PARVAUX, 1968: 7-9)-, responsável pela "produção de faiança esmaltada, louça vermelha e importantes trechos de arquitectura em barro não esmaltado" (QUEIRÓS, 1907; 1987: 177). Importante centro de produção de utensílios para o uso de preparação e armazenagem de alimentos - potes, panelas, bilhas, cântaros e alguidares, vendidos nos centros urbanos das proximidades (BARATA, 1893: 79) e atingindo até o Algarve (LEPIERRE, 1899; 1912: 72), Viana do Alentejo parecia reunir assim todas as condições para a implementação de uma política estatal de desenvolvimento das "indústrias caseiras", com a incorporação de melhoramentos tecnológicos na produção e nos materiais, mas mantendo as características típicas da cerâmica tradicional da região. Lepierre (1899; 1912: 71) é testemunha dos progressos obtidos: "o governo, para aperfeiçoar esse fabrico, de modo a produzir-se louça branca, criou a Oficina Cerâmica Médico Soares, dirigida pelo Sr. José Albino Dias, moço de reconhecida habilidade e competência". Para adquirir um vidrado opaco, semelhante à faiança, "o zarcão era misturado com o próprio barro em lambagem clara" ou a peça era submetida a "um banho de barro branco". Pelo que podemos inferir do desenvolvimento de outros núcleos de olaria próximos, essa era uma técnica tradicional, presente também no Redondo, e as olarias deram continuidade a produção de formas tradicionais de alguidares, pratos e saladeiras destinadas ao mercado regional. Só por volta dos anos 60, é que a possibilidade da produção para o mercado urbano motivou a realização de peças escultóricas e utensílios decorativos, realizados em faiança, corada com óxidos industriais, numa produção que os mestres oleiros Manuel António Pacheco [Artes e Tradições de Évora e Portalegre, 1979] e o seu filho João Pacheco, com oficina na Rua dos Lagares Velhos, n.º 14, souberam dar um cunho pessoal.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 70

Documentação Associada:

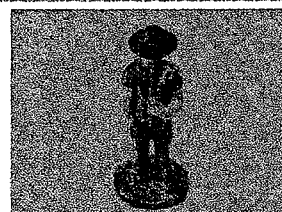
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Escultura Popular
Denominação: Ganhão
Título:
Nº de Inventário: CAT 637.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 637.CER
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Pacheco, Manuel António (n. c. 1918)	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição: Peça marcada

Assinatura:

Imagem

Localização: Base



Produção

Oficina / Fabricante: Manuel António Pacheco
Centro de Fabrico: Viana do Alentejo
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação da exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Barro vidrado

Suporte:

Técnica: Extracção, preparação da pasta, moldagem, secagem, cozedura

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 12

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 8

Comprimento (cm):

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Nos finais do século XIX, a indústria da olaria, pela dispersão geográfica por todo o território nacional, pela variedade de tipologias associadas a cada região, e pelo enraizamento nos hábitos de consumo popular, era considerada como uma das mais importantes fontes de cultura estética nacional, e não havia "entre todas as indústrias caseiras nenhuma que possa concorrer com a olaria popular ao prémio concedido à beleza da forma" (VASCONCELOS, 1887; 1983: 102). Em tempos de defesa patriótica, esse enorme manancial inexplorado era fundamental para "a luta contra a barbárie moderna, que está desnacionalizando tudo em Portugal, usos, costumes, tradições, indústrias, trajes, etc. (IDEM, IBIDEM). A olaria tradicional do Alentejo, nomeadamente os centros de Viana do Alentejo, Redondo e Estremoz, atraíram as atenções dos estudiosos e das entidades governamentais interessadas no conhecimento e desenvolvimento desta indústria. Apesar do interesse pelas tipologias, no parecer ou de Charles Lepierre (1899; 1912) e de José Queirós (1907; 1987: 177) a indústria era considerada primitiva, não se registando a produção de faiança, apenas olaria de barro vermelho, vidrada com óxido de chumbo, transparente: "de facto não passam de simples indústrias caseiras" (QUEIRÓS, 1907; 1987: 177). Após o relativo sucesso da criação da cerâmica Alfacinha, em Estremoz (1881), assiste-se a criação, na cidade de Viana do Alentejo, da Oficina Cerâmica Médico Sousa, subsidiada pela União Vinícola e Oleícola do Sul, que depois do insucesso da sua breve laboração foi incorporada, em 1901, à Escola Industrial, com direcção de José Oliveira Dias - antigo aluno da Escola Técnica de Coimbra (PARVAUX, 1968: 7-9)-, responsável pela "produção de faiança esmaltada, louça vermelha e importantes trechos de arquitectura em barro não esmaltado" (QUEIRÓS, 1907; 1987: 177). Importante centro de produção de utensílios para o uso de preparação e armazenagem de alimentos - potes, panelas, bilhas, cântaros e alguidares, vendidos nos centros urbanos das proximidades (BARATA, 1893: 79) e atingindo até o Algarve (LEPIERRE, 1899; 1912: 72), Viana do Alentejo parecia reunir assim todas as condições para a implementação de uma política estatal de desenvolvimento das "indústrias caseiras", com a incorporação de melhoramentos tecnológicos na produção e nos materiais, mas mantendo as características típicas da cerâmica tradicional da região. Lepierre (1899; 1912: 71) é testemunha dos progressos obtidos: "o governo, para aperfeiçoar esse fabrico, de modo a produzir-se louça branca, criou a Oficina Cerâmica Médico Soares, dirigida pelo Sr. José Albino Dias, moço de reconhecida habilidade e competência". Para adquirir um vidrado opaco, semelhante à faiança, "o zarcão era misturado com o próprio barro em lambagem clara" ou a peça era submetida a "um banho de barro branco". Pelo que podemos inferir do desenvolvimento de outros núcleos de olaria próximos, essa era uma técnica tradicional, presente também no Redondo, e as olarias deram continuidade a produção de alguidares, pratos e saladeiras destinadas ao mercado regional. Só por volta dos anos 60, é que a possibilidade da produção para o mercado urbano sustentou a realização de peças escultóricas e utensílios decorativos, realizados em faiança, corada com óxidos industriais, numa produção que os mestres oleiros Manuel António Pacheco [Artes e Tradições de Évora e Portalegre, 1979] e João Pacheco, com oficina na Rua dos Lagares Velhos, n.º 14, souberam dar um cunho pessoal.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 60 - 70

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

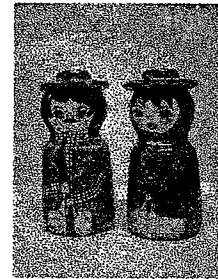
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cerâmica
SubCategoria: Olaria
Denominação: Garrafa antropomórfica (par)
Título:
Nº de Inventário: CAT 758/1-2.CER
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 758.CER
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: São Pedro do Corval
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação da exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Barro vidrado

Suporte:

Técnica: Extracção, preparação da pasta, moldagem, secagem, cozedura

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 26

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 10

Comprimento (cm):

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A sociedade rural, marcada pelas latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalhos agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)" e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Mobílias Alentejanas; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex^a providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a conseqüente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 60 - 70

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

ANEXO B. Peças do espólio

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Alfaia agrícola

SubCategoria:

Denominação: Fecho de coleira de gado

Título:

Nº de Inventário: CAT 7.MAD

Sítio Arqueológico:

Código:

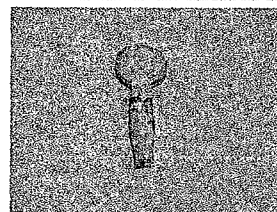


Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 7.MAD

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Évora - distrito
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Madeira

Suporte:

Técnica:

Corte, entalhe e polimento

Precisões sobre a Técnica: Utiliza-se uma navalha ou goiva improvisada

Dimensões

Altura (cm):

2,5

Largura (cm):

5

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

12,5

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)" e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Mobílias Alentejanas; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Exª providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional.

Quer seja através de motivos geométricos repetitivos ou para a representação do ambiente natural (animais e plantas), a madeira permite grandes pormenores nas composições. Assim, a reprodução dos mais diversificados utensílios da lavoura tradicional e de outros objectos do mundo rural - por vezes verdadeiros documentos etnográficos - são dos temas mais comuns neste tipo de artesanato.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Cerâmica

SubCategoria: Olaria

Denominação: Prato

Título:

Nº de Inventário: CAT 192.CER

Sítio Arqueológico:

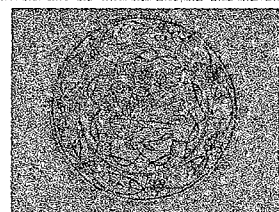
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 192.CER

Localização: CAT

Autor: Susana Nogueira



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Martelo, Adriano Rui (n.1916 - f. 2002)	Autor	Oleiro	

Justificação/Atribuição: Peça assinada - "AMartelo"

Assinatura:

Imagem

Localização:



Produção

Oficina / Fabricante:

Centro de Fabrico: Redondo

Local de execução: Portugal

Grupo Cultural:

Entidade Emissora:

Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1984 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Peça com a data gravada.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Barro vidrado

Suporte:

Técnica: Roda; cozedura; engobo; riscado; vidrado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 6,5

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 43,5

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A vila do Redondo é um importante centro oleiro e, já em 1516, o toral manuelino mencionava uma corporação de oleiros e contemplava também uma regulamentação para o seu comércio. Os oleiros, desde tempos imemoriais tinham direito a ir buscar o barro às terras em volta, porém, em 1725, os proprietários das terras pretenderam obrigá-los a pagar o barro, provocando uma crise séria - os oleiros entraram em greve - já que a economia da vila dependia em grande medida das olarias. A solução foi favorável aos oleiros, tendo sido deliberado que "ninguém pode impedir outrém de cavar barro para fazer louça" (Wilson, 1994). Em 1801 a autarquia do Redondo fez sair uma nova regulamentação sobre o comércio de olaria, mas também renovou o direito acordado em 1726, pelo qual os oleiros são obrigados, no Outono, a tapar os buracos que fizeram ao longo do ano. Os que não cumprissem com esta obrigação tinham de pagar uma multa e eram igualmente obrigados a pagar indemnizações aos proprietários por desgastes causados (Parvaux, 1968). A colecção do M. A. R. foi adquirida, a partir de 1963, com a criação do Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E), que tinha por objectivo fomentar a comercialização dos produtos de artesanato funcionando como entidade autónoma, mas associada à exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora. A 30 de Março de 1980, por deliberação da Assembleia Distrital, esta exposição foi considerada Museu do Artesanato Regional do Distrito de Évora. Nesse período, o G.A.R.D.E. conseguiu a colaboração de diversos oleiros do Redondo, entre os quais, contam-se Álvaro José Chalana (Olaria São João), António Francisco Lapa Mestre e Adriano Rui Martelo. Na documentação do G.A.R.D.E. guardam-se diversas facturas e recibos da olaria de Adriano Martelo, do início da cooperação em 1964. A maioria das peças da colecção, no entanto, estão datadas da década de 80, quando o oleiro passou a dedicar-se exclusivamente à pintura cerâmica, optando por um estilo menos preso à tradição do Redondo, e mais próximo da criatividade do artista popular.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
La Céramique Populaire du Haut-Alentejo	PARVAUX, Solange	Paris, Presses Universitaires de France, 1968, 147-167
Breve viagem no Alentejo	WILSON, Robert, Jane Wilson	s/l, ed. Mizette Nielsen, 1994, -

Documentação Associada:

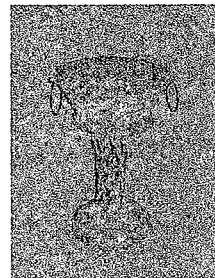
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cestaria
SubCategoria:
Denominação: Cesto de costura
Título:
Nº de Inventário: CAT 197.CES
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 197.CES
Localização: CAT
Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Ribeiro, Luiz Artur	Autor	Cesteiro	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Luiz Artur Ribeiro
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Verga

Suporte:

Técnica: Colheita, secagem, "rachamento", divisão, imersão, manipulação

Precisões sobre a Técnica: Após imersão, este material trabalha-se húmido.

Dimensões

Altura (cm): 50

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 23

Comprimento (cm):

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção. O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)" e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex.^a providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. "(...) A cestaria é das actividades mais antigas que se conhecem, mesmo entre sociedades que, não dominando as técnicas agrícolas, tinham necessidade de transportar os produtos da colecta e de transferir os haveres no processo de nomadização. Nalgumas sociedades ditas primitivas, a cesta está associada à mulher, representa o território e a marca feminina no cenário da representação social, não podendo ser tocada pelo homem. Na nossa sociedade, porém, são geralmente os homens quem se dedica à manufactura deste artesanato. A cestaria é uma das profissões artesanais que, tendo perdido terreno face ao fabrico em série da indústria (plástico, madeira, metais), conseguiu recuperar uma posição significativa na parafernália doméstica, não apenas pela sua função decorativa e estética, mas essencialmente por força da sua função utilitária. De facto, a maior parte dos artefactos da cestaria actual não perderam a sua razão de ser: a utilidade prática e a funcionalidade original.

No Alentejo, a cestaria é variada, de acordo com a disponibilidade dos materiais, as necessidades impostas pela vida rural e a imaginação dos artesãos. A matéria prima é caleidoscópica: dos ramos das acácias, passando pela mimosa, pelo lodão e pela palha de centeio (hoje em desuso nestas paragens, mas vulgar há

uma centena de anos), da casca da silva e dos ramos de sarquinhos, as gestas, ao pinho, ao junco, ao castanho, ao carrasqueiro (ou "pé de burrico") e ao aloendro (...), mãos habilidosas e calejadas por trabalhos de outros tempos, sabem dar forma estética e prática ao embaraço que a imaginação do artista sabe domesticar. As utilidades das peças são enormes e vão da delicadeza à rudeza: cestos para flores, cestos para o pão, lancheiras e cestos de costura, cabanejos para as azeitonas, alcofas e balaios, tabuleiros e roupeiros, canastras e suportes para cântaros. (...) É uma realidade indesmentível que o artesanato em geral, e a cestaria em particular, se encontra, se tece, se trama e se burila nas mãos dos mais velhos. Estes, que constituem afinal a fonte de toda a cultura tradicional, são o elo de ligação com outras gerações, não para matar saudades e encher os manuais de nostalgias, mas como verdadeiros transmissores de conhecimentos ancestrais. (...) Com a crescente procura de raízes rurais por parte de segmentos importantes das populações urbanas, a cestaria do Alentejo constitui um desafio para as gerações mais novas. (...) [RAMOS, Francisco Martins; 2000]

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre "Cestaria" in Artesanato da Região Alentejo	RAMOS, Francisco Martins	Lisboa, Terra Livre, 1980, 125 - 129 Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 433 - 434

Documentação Associada:

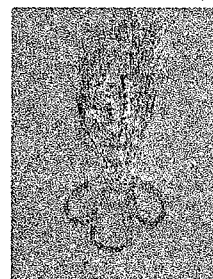
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Colecções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Cestaria
SubCategoria:
Denominação: Arranjo floral em espiga de trigo
Título:
Nº de Inventário: CAT 219.CES
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 219.CES.JPG
Localização: CAT
Autor: Celso Mangucci



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Marcelino, António Joaquim Barrenho	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição: Segundo uma requisição enviada pelo G.A.R.D.E., datada de 9 de Junho de 1965, António Marcelino fazia trabalhos em espiga de trigo para esta instituição, como é o caso dos 60 ramos de espigas para pendurar aqui encomendados.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: António Joaquim Barrenho Marcelino
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1965 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Segundo uma requisição enviada pelo G.A.R.D.E., datada de 9 de Junho de 1965, foi encomendado a António Marcelino ramos de espigas para pendurar.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Espiga

Suporte:

Técnica:

Colheita, secagem, entrelaçado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

29

Largura (cm):

12

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

O cultivo agrícola em Portugal atingiu uma maior expansão ao sul do Tejo, onde o progresso na área cultivada foi favorecido desde finais do século XIX pelas políticas relativas ao trigo, sofrendo um novo impulso em 1929, com a Campanha do Trigo, que provocou uma característica paisagem de grandes campos abertos e desarborizados no Alentejo. A forte presença da cerealicultura ainda hoje é visível nesta região, que produziu em Portugal, em 1990, 45% do valor acrescentado bruto do conjunto de cereais (grão), o que explica a prática de artesanato com arranjos de espigas no Alentejo.

No Alentejo, a cestaria é variada, de acordo com a disponibilidade dos materiais, as necessidades impostas pela vida rural e a imaginação dos artesãos. A matéria prima é caleidoscópica: dos ramos das acácias, passando pela mimosa, pelo lodão e pela palha de centeio (hoje em desuso nestas paragens, mas vulgar há uma centena de anos); da casca da silva e dos ramos de salgueiros, às giestas, ao piorno, ao junco, ao castanho, ao carrasqueiro (ou "pé de burro") ao aloendro (...), [e ao trigo] mãos habilidosas sabem dar forma estética e prática ao embaraço que a imaginação do artista sabe domesticar. As utilidades das peças são enormes e vão da delicadeza à rudeza: cestos para flores, cestos para o pão, lancheiras e cestos de costura, cabanejos para as azeitonas, arranjos florais em espiga de trigo, alcofas e balaios, tabuleiros e roupeiros, canastras e suportes para cântaros. (...) [RAMOS, 2000]

A presença deste cereal marca as relações humanas, exemplo disso o é de a partir do Verão, quando a ceifa é feita, realizarem-se esfolhadas à noite, que se traduz num ritual entre os jovens de ambos os sexos, através da prática de abraços e beijos autorizados aquando do encontro milho rei.

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre "Cestaria" in Artesanato da Região Alentejo	RAMOS, Francisco Martins	Lisboa, Terra Livre, 1980, 125 - 129 Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 433 - 434
O voo do arado (Catálogo)	BRITO, Joaquim Pais (Coord.)	Lisboa, Instituto Português de Museus, 1996, -
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 63

Documentação Associada:

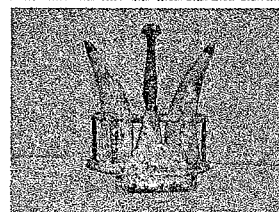
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Chifre
SubCategoria:
Denominação: Galheteiro
Título:
Nº de Inventário: CAT 31/1-5.CHI
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 31.CHI
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Charrua, Francisco Joaquim Mavioso (n. 1939)	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Francisco Joaquim Mavioso Charrua
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1970 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Segundo uma "Tabela de preços - artigos de chifre", um galheteiro com 4 peças e base de azinho, custava 200\$00, preço que nos permite datar a peça na década de 60.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Chifre, madeira, metal, cola

Suporte:

Técnica: Serra mecânica; esmerilado; cozedura em óleo; raspagem e lixadura; polimento mecânico e polimento manual

Corte, limagem, lixadura, embutido, polimento, colagem

Precisões sobre a Técnica: O polimento à mão é feito com álcool puro e cré, nas peças de chifre

Dimensões

Altura (cm): n

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): n

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (IMAR), incorpora uma série de ferramentas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc., e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. Os chifres dos bois alentejanos, animais muito corpulentos e de cor vermelha eram, aquando do abate da rês, utilizados para o transporte e acondicionamento de vários produtos; aproveitando-se as qualidades próprias deste material, um cone ósseo formado, no seu interior, por longas fibras elásticas e sólidas unidas paralelamente. Estes chifres eram adaptados conforme o fim a que se destinavam e sempre rolhados de cortiça. Existiam as cornas merendeiras (para transporte dos nacos de toucinho e linguiça), as cornas azeiteiras e as azeitoneiras. Eram os pastores quem as utilizavam com maior frequência, pois passavam muitos dias longe de casa apascentando os rebanhos; era nas cornas que transportavam a comida e os condimentos para a preparação das refeições. Estas eram normalmente trabalhadas com a navalha ou o canivete.

Podemos também encontrar o chifre lavrado em toda a Península Ibérica. Se em Espanha (Salamanca) predominam os motivos religiosos, em Portugal (Alentejo) são os motivos geométricos que imperam. Aqui, o chifre é utilizado com diversos fins: azeiteiros, azeitoneiros (ou cornas), caldeirinhas, colheres, copos, jarras, liaras, paliteiros, polvarinhos, tabaqueiras, guarda-jóias, pulseiras, anéis e colares (Artes e Tradições de Évora e Portalegre, 1980).

Os desenhos executados nas peças que constituem a colecção mantem um equilíbrio entre as formas geométricas e estilizações diversas, como, por exemplo, flores em vasos ou grinaldas, corações ou várias formas de animais; por vezes também surgem as iniciais do autor ou do possuidor, bem como uma data. Por outro lado, existe um grande número de peças em chifre polido, técnica que tira partido das "nuances" cromáticas deste material, empregue na realização de novos artefactos, como os anéis, as argolas para guardarapão, os candeeiros, e outras peças decorativas. Esta adaptação dos materiais tradicionais às novas solicitações de uma clientela urbana, é uma característica das acções de incremento das actividades artesanais na década de 60, implementada na região pelo Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.)

O trabalho de Francisco Joaquim Mavioso Charrua, com oficina na Graça do Divor, nos arredores de Évora, é um bom exemplo deste tipo de produção, que uma lista de preços, publicada em 1971, permite conhecer em pormenor.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:


Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia**Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 106-114

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
Impressão tipográfica sobre papel	Lista de preços	

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Cortiça

SubCategoria:

Denominação: Tarro (miniatura)

Título:

Nº de Inventário: CAT 72.COR

Sítio Arqueológico:

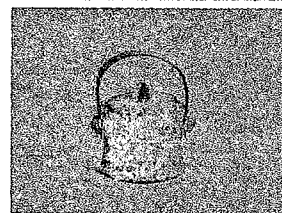
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 72.COR

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Pereira, Joaquim Correia (n. 1921)	Autor	Corticeiro	Joaquim do Carmo

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Joaquim Correia Pereira
Centro de Fabrico: Azaruja
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Cortiça, madeira

Suporte:

Técnica:

Corte, entalhe, polimento, escultura, embutido, colagem

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

9

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

6,5

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

(medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. O sobreiro encontra-se praticamente em todo o território de Portugal Continental. De todas as espécies florestais é, a seguir ao pinheiro bravo, a que se encontra mais largamente distribuída pelo país, aparecendo como árvore dominante em povoamentos a Sul do Tejo, nas zonas litoral e central. De acordo com relatos históricos, a legislação suberícola mais antiga que se conhece remonta ao reinado de D. Sancho I (1209), mas ao longo dos tempos foi sendo regularmente actualizada de acordo com o contexto de cada época; entretanto, o aproveitamento da sombra, do fruto, da madeira e da cortiça foi aumentando e adequando-se às novas realidades. Actualmente, a cortiça tem um grande peso estratégico em termos económicos, sociais e ambientais devido às suas características: baixa densidade, fluviabilidade, elasticidade e compressibilidade; constitui um bom vedante, é isolador térmico e isolador acústico. Este material também é resistente ao desgaste e impermeável aos gases e líquidos, daí a sua utilização em diversos ramos; por exemplo na construção civil, na indústria do calçado, no sector naval ou em diversas práticas agrícolas. Mas também no artesanato; aliás, a colecção aqui apresentada demonstra a forma como este material se foi adequando a novas formas - utilitárias e artísticas - pelas mãos dos artesãos do distrito sem, no entanto, se terem perdido as memórias e feitos de um passado estreitamente relacionado com a sociedade rural. O mestre Joaquim Correia Pereira, com oficina no Monte do Carmo, na Azaruja, colaborou com o Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora entre os anos de 1962 e 1971, e como indicam os documentos da sua firma, fabricava tarros, côxos (sic), malas, caixas, cortiços para abelhas, etc.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

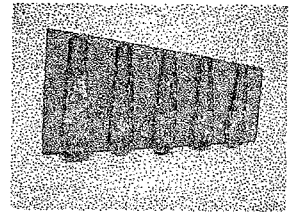
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Equipamentos e utensílios
SubCategoria:
Denominação: Mostruário de cabos de madeira
Título:
Nº de Inventário: CAT 272.MAD
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 272.MAD
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Gomes, João Joaquim Charneca	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: Segundo o ficheiro do antigo Museu do Artesanato de Évora, João Joaquim Gomes fabricava "cabos de todos os tipos para ferramentas".

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: João Joaquim Charneca Gomes
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Na "Tabela de preços de peças de azinho tipo regional" do antigo Museu de Artesanato Regional, de 8 de Junho de 1962, foi discriminado o preço de cabos de facas de cozinha tipo corticeiras.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira, metal, tinta

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, polimento, pintura

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 11

Largura (cm): 15,5

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 27

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...); o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)" e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava " (...) Mobílias Alentejanas; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex^a providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a conseqüente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional.

João Joaquim Charneca Gomes, dono da oficina de tornaria em madeira "João Joaquim Gomes", no Largo de Amauriz, em Évora, dedicava-se aos trabalhos em madeira de azinho, freixo, castanho, amieiro e outras. Segundo o ficheiro do antigo Museu do Artesanato de Évora, este artesão fabricava as seguintes peças: cabos de ferramentas, maços tipo martelo, molduras circulares, almofarizes com pisador, malgas, jarras, pires, pratos, copos, candeeiros, etc.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 74 - 76

Documentação Associada:

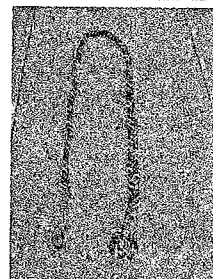
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Colecções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Equipamentos e utensílios
Sub Categoria:
Denominação: Barrigueira de luar
Título:
Nº de Inventário: CAT 126.TEX
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 126.TEX
Localização: CAT
Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Desconhecido
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1968 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Segundo uma descrição de peças datada de 28 de Maio de 1968 existiam no G.A.R.D.E." duas barrigueiras de lã para muares" que custava 40\$00 cada.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Lã, pele e linha;

Suporte:

Técnica: Curtido, amaciado, lixado; Entrelaçado, costura;

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm): 13

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 272

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

O curtimento e a manufactura de artefactos em pele de animais domésticos, como o boi, o borrego, a cabra, e outras, originou uma série de actividades especializadas, desde as dos simples peileiros, aos curtidores, correeiros, seleiros, sapateiros, costureiros e encadernadores.

Existem referências desde a segunda metade do século XV a estas actividades, aquando da criação e regulamentação da Casa dos Vinte e Quatro de Évora, instituída por D. João I, e cuja lista de profissões mecânicas eborenses, onde se incluem albardeiros, curtidores e odreiros, que produziam artefactos de couro como selas, arreios, safões, alforjes, correias, odres, etc, foi definido por D. João II. (PEREIRA, 1989). Estas profissões estavam organizadas em corporações e estabelecidos em ruas ou zonas bem determinadas, como por exemplo a "Rua da Selaria", hoje designada por "Rua 5 de Outubro", em Évora.

Correeiros, sapateiros, encadernadores são hoje artes e ofícios em profunda transformação. Apesar de tudo no Alentejo, o artesanato de peles e couros continua a ter alguma representação. Nos três distritos alentejanos - Beja, Évora e Portalegre, cerca de três dezenas de concelhos aproveitam couros e peles, para um diversificado fabrico de peças ligadas ao conforto e decoração de casa, bem como para vestuário ligado ao traje local - pelicos, safões, pelicas e coletes, calçado, correame, tapetes, almofadas, etc. (VERMELHO, 2000). A procura é hoje bem diferente, sendo que os objectos destinados a satisfazerem uma clientela urbana como carteiras, pastas, luvas e encadernações e algum vestuário são os preferidos.

O carro de bois, um elemento de maior importância no transporte de mercadorias no mundo rural, e também nos grandes centros urbanos.

A lavoura era então a forma mais alta da vida popular, e os lavradores punham o melhor do seu brio nas excelências do gado que possuíam e no luxo das alfaias com que apareciam em certos trabalhos, feiras ou festas para mostrar o seu poder e prestígio social.

Em Portugal a decoração dos atrelados é muito exuberante no Algarve, onde borlas de lã multicores, espelhos, pregos metálicos e muitos outros materiais são usados para decorar, ao contrário da região Alentejo, onde esta é muito sóbria. Quando da constituição do Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.), em 1962, no âmbito do Museu do Artesanato Regional, existiam as seguintes oficinas dedicadas ao fabrico de peles em laboração: a de José António Cartaxo (Herdeiros) em Estremoz e António Machado, em Évora, e Estevam Augusto.

Júlio António Pimenta e a de Lidório José Piteira, ambas em Nossa Senhora de Machede (concelho de Évora) estabeleceram um contacto mais aproximado com a instituição.

Sobre os produtos de correeira tem-se conhecimento de que Irmantino Albino Canhão (Barbafina), em Estremoz, os produzia. Todos estes forneceram vários artigos para exposição e também para venda ao mercado ao G.A.R.D.E.

A peça possui uma etiqueta com a seguinte referência: "457".

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
"Artefactos - o cesto, as peles" in Expresso		Lisboa, 26-34
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 49-54, 192-198
O couro português: arte, etnografia e história, extracto sobre Évora	PEREIRA, Franklin	(texto policopiado)1989, -
Os correios em Évora	PEREIRA, Franklin	(texto policopiado)1992, -
Artesanato em couro	FRANK, Gerhard	Lisboa, Editorial Presença, -
"Couros peles" in Artesanato da Região do Alentejo	VERMELHO, Joaquim	Évora, Instituto de Emprego e Formação Profissional, 2000, 377-459
O voo do arado (Catálogo)	BRITO, Joaquim Pais (Coord.)	Lisboa, Instituto Português de Museus, 1996, -
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 29

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
-------------	------------------	---------------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Colecções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Madeira

SubCategoria:

Denominação: Soprador de lume

Título:

Nº de Inventário: CAT 26.MAD

Sítio Arqueológico:

Código:

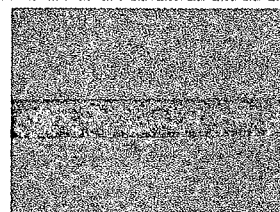


Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 26(2).MAD

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Capelins, Manuel António	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: Segundo "Relação de objectos que figuram na Exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora...", datada de 14/7/1965, o artesão Manuel António Capelins forneceu à instituição "três tubos de lareira" a 100\$00 cada.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Manuel António Capelins
Centro de Fabrico: Borba
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1965 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a "Relação de objectos que figuram na Exposição ...", datada de 14/7/1965.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira

Suporte:

Técnica: Corte, polimento, entalhe e embutido

Precisões sobre a Técnica: Utiliza-se uma navalha, um canivete ou uma goiva improvisada

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 3 (superior) e 3,5 (inferior)

Comprimento (cm): 66

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)" e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex^a providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a conseqüente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional.

A peça tem uma etiqueta autocolante escrita a vermelho, sobre a qual estão colocadas outras duas onde se pode ler: "RTE 1083 " e "215".

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

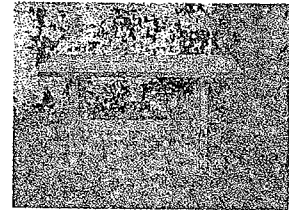
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Madeira
SubCategoria:
Denominação: Mesa de matança
Título:
Nº de Inventário: CAT 220.MAD
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 220.MAD
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Évora - distrito
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Madeira, metal, tinta

Suporte:

Técnica:

Corte, entalhe, polimento

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

66

Largura (cm):

48

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

140

Outras Dimensões:

(medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos officios e tarefas do trabalhos agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num officio dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Exª providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A madeira é uma das matérias-primas mais conhecidas do Homem. Casas, pontes e artefactos vários (quotidianos, religiosos ou lúdicos) são algumas das suas utilizações mais generalizadas; dependendo da espécie arbórea, assim, a madeira se destina a determinado uso - as diferentes texturas permitem utilizações díspares. Cortar, entalhar, esculpir, embutir e polir, são as fases do trabalho que requerem um bom domínio e conhecimento desta matéria-prima. Este material nobre foi sempre muito caro aos artesãos que - através dos tempos - têm produzido artefactos, verdadeiras obras de arte, da nossa cultura tradicional.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 74 - 76
"O móvel pintado de Évora" in Artesanato da Região Alentejo	MONIZ, Manuel Carvalho	s/l, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 249 - 251

Documentação Associada:

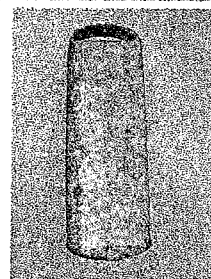
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Metais
SubCategoria:
Denominação: Chocalho
Título:
Nº de Inventário: CAT 88.MET
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 88.MET.JPG
Localização: CAT
Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Chocalheiro	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Alcáçovas
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limite entre a realização da exposição do "Artesanato Regional do Distrito de Évora" e a realização do inventário do Museu do Artesanato Regional

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Ferro, latão, cabedal e madeira

Suporte:

Técnica: Modelado, soldado e acobreado

Precisões sobre a Técnica: Embarrado e afinado

Dimensões

Altura (cm): 34,7

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm): 0,3

Diâmetro (cm): 12,7

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial: O chocalho é o utensílio utilizado para identificar o gado, auxiliando os pastores, com os seus timbres característicos e marcas visuais, a reconhecer os seus rebanhos.

A produção deste produto artesanal localiza-se especificamente em Alcáçovas, desenvolvendo-se em círculos familiares muito fechados. Sabe-se da existência de chocalhos desde 1375, data das mais antigas Posturas da Cidade de Évora, onde se regulamentava o seu uso obrigatório nos animais. Desde 1439 que se tem conhecimento do fabrico de chocalhos em Alcáçovas, quando os seus mesterais se arregimentaram na Casa dos Vinte e Quatro em Évora (MONIZ, 2000).

Em 1890 existiam dez oficinas com vinte chocalheiros. Em 1913 dezassete famílias trabalhavam em Alcáçovas nesta arte (PINHEIRO, 1995).

Quando da origem do G.A.R.D.E., na década de 60, no âmbito do Museu do Artesanato Regional, existiam as seguintes oficinas em laboração: António Grosso Sim-Sim; João Chibeles Penetra; Joaquim Firmino da Silva Sim-Sim; Francisco Barroso e Silvério Augusto Sim-Sim, que forneciam esta instituição não só de chocalhos para exposição mas também para venda ao mercado.

No interior do chocalho duas etiquetas referem: "R/F L Nº 15" e "G.A.R.D.E. ÉVORA PORTUGAL Nº 322".

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 86-104
O mestre que trabalha por cima do céu	PINHEIRO, J. M. Monarca	s.l., Associação Terras Dentro, 1995, -
"O chocalho" in Artesanato da Região Alentejo	MONIZ, Manuel Carvalho	Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 331-332
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 41

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Metais

SubCategoria:

Denominação: Fivela

Título:

Nº de Inventário: CAT 170.MET

Sítio Arqueológico:

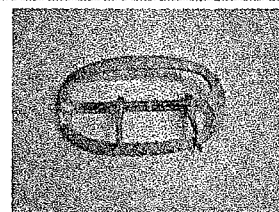
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 170.MET.JPG

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Sim-Sim, António Carvalho (n. 1888 - f.1969)	Autor	Chocalheiro	

Justificação/Atribuição: De acordo com o ficheiro do Museu do Artesanato Regional, António Carvalho Sim-Sim produzia fivelas em vários tamanhos, e de vários tipos.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: António Carvalho Sim-Sim
Centro de Fabrico: Alcáçovas
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1970 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data:

O ficheiro do M.A.R., possibilita datar a produção de peças de António Sim-Sim na década de 60, época em que produziu não só para o G.A.R.D.E. fivelas, como guizos e esquilas.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Ferro e latão

Suporte:

Técnica: Fundido, moldado em areia molhada, acobreado, vazado, soldado, e limado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 5

Largura (cm): 8,6

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

O chocalho é o utensílio utilizado para identificar o gado, auxiliando os pastores, com os seus timbres característicos e marcas visuais, a reconhecer os rebanhos. A produção de chocalhos, no Distrito de Évora, localiza-se especificamente em Alcáçovas (Viana do Alentejo), desenvolvendo-se em círculos familiares muito fechados. A obrigatoriedade da utilização de chocalhos remonta a 1375, data das mais antigas Posturas da Cidade de Évora, onde se regulamentava o seu uso nos animais e, desde 1439, documenta-se o fabrico de chocalhos em Alcáçovas, quando os seus mesterais se arregimentaram na Casa dos Vinte e Quatro, em Évora (MONIZ, 2000). Uma actividade que continuava florescente nos finais do século XIX, já que, em 1890, existiam em Alcáçovas, dez oficinas com vinte chocalheiros. Em 1913, dezassete famílias trabalhavam nesta indústria (PINHEIRO, 1995). Quando da constituição do Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.), em 1962, no âmbito da Exposição de Artesanato Regional, existiam as seguintes oficinas em laboração: António Grosso Sim-Sim, João Chibeles Penetra, Joaquim Firmino da Silva Sim-Sim, Francisco Barroso e Silvério Augusto Sim-Sim, que forneceram chocalhos para exposição e também para venda ao mercado. Alguns destes artesãos produziam outros produtos como guizos, esquilas e fivelas. De acordo com antigo ficheiro do G.A.R.D.E., os mestres António Carvalho Sim-Sim e Silvério Augusto Sim-Sim (segundo facturas datadas de 1963 e 1964), foram os responsáveis pela criação de um mostruário destes artefactos. As fivelas em metal são a solução mais resistente para os fechos de coleira dos animais. Também eram utilizados o fio de cabedal - a meã - que servia para segurar o chocalho ao pescoço do animal, e o fecho de madeira (cágueda) trabalhado pelos pastores.

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 86-104
O mestre que trabalha por cima do céu	PINHEIRO, J .M. Monarca	s.l., Associação Terras Dentro, 1995, -
"O chocalho" in Artesanato da Região Alentejo	MONIZ, Manuel Carvalho	Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 331-332
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 41

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Mobiliário

SubCategoria:

Denominação: Armário

Título:

Nº de Inventário: CAT 239.MAD

Sítio Arqueológico:

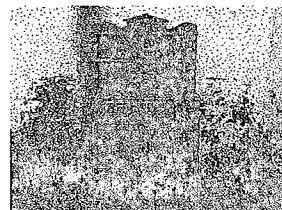
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 239.MAD

Localização: CAT

Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante:
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período
Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Madeira, metal, tinta

Suporte:

Técnica: Corte, entalhe, polimento, aplicação de "aparelho", esmalte, pintura

Precisões sobre a Técnica: Tradicionalmente as tintas eram fabricadas pelo artesão que misturava óleo de linhaça, secante e pigmentos

Dimensões

Altura (cm): 168

Largura (cm): 52,5

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 100,5

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Os "móveis de Évora" ou, como talvez seja mais justo denominar-se, em função da dispersão geográfica das oficinas, os móveis pintados do Alentejo, surgem num processo de continuidade dos móveis eruditos neoclássicos, herdando as linhas convexas e torneadas, os acentos de palha, e as preferências florais. Antes de se fixarem exclusivamente na decoração floral, os pintores acompanharam, ao longo do século XIX, as sugestões neoclássicas, revividas pelas artes decorativas em ambiente eclético, como podemos observar no interessante cabeceira de cama actualmente em exposição no Museu Municipal de Estremoz, decorada com uma composição de urnas com flores, sobreposta a uma barra de volutas de folhas de acanto, num esquema utilizado também na ourivesaria, na azulejaria, nos esgrafitados, etc. nas duas últimas décadas de novecentos. Ainda mais próxima da clássica, o espaldar de cama em exposição, com ramos de flores de rosas, sobre o fundo vermelho, mantém uma filiação ao gosto da chinoiserie, e a produção portuguesa setecentista dos móveis de charão.

No final do século XIX, acompanhando as sugestões da Arte Nova, as representações de rosas e flores de aloendro, ganharam uma nova expressão e foram progressivamente dominado a composição, realizadas, preferencialmente, sobre fundo vermelho ou verde-escuro. Os pigmentos eram misturados na própria oficina, sobre uma tripeça, com o auxílio de uma maça, e a maior ou menor concentração provocavam importantes sugestões de transparências e velaturas.

Em 1927, quando Raul Proença publica o Guia de Portugal, os visitantes de Évora eram convidados a adquirir "as cadeiras de Évora" e os principais estabelecimentos estavam situados na Rua de Serpa Pinto, onde pontuavam a oficina do Barbas, do Bicho, do Galhoz e do Boletto (GUIA DE PORTUGAL, 1927:36). O sucesso era partilhado por pintores de outros concelhos do distrito e vendiam-se também em Estremoz, móveis pintados em fundo vermelho-vivo, azul ou numa progressiva ampliação da oferta em amarelo-vivo, fabricado sob encomenda (GUIA DE PORTUGAL, 1927: 98).

Por volta dos anos 40, acentua-se entre os pintores uma estetização popular e regional, em parte devida às encomendas oficiais, com as composições decorativas definidas pelo equilíbrio formal das composições, com os ornatos distribuídos em correspondência geométrica, ao qual as novas tintas, muito mais homogéneas, acrescentam um toque moderno, sublinhadas pelas linhas rectas. Em função de novas necessidades de uma clientela urbana, produzem-se conjuntos completos de mobília para o quarto e para a sala de jantar, com mesas e cadeiras, armários-copeiros, louceiros, estantes, guarda-fatos, mesinhas de cabeceira.

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia**Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 74 - 76
"O móvel pintado de Évora" in Artesanato da Região Alentejo	MONIZ, Manuel Carvalho	s/l, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 249 - 251

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Mobiliário

SubCategoria:

Denominação: Banco

Título:

Nº de Inventário: CAT 34.CES

Sítio Arqueológico:

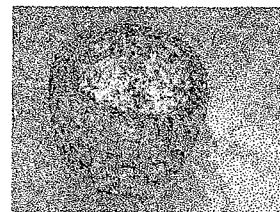
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 34.CES

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Ourives, Inácio Joaquim	Autor	Bunheiro	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Inácio Joaquim Ourives
Centro de Fabrico: Bairro Nossa Senhora da Glória (Évora)
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Buinho

Suporte:

Técnica:

Colheita, secagem, imersão, manipulação

Precisões sobre a Técnica: O buinho é preparado consoante o fim a que se destina - para passadeiras e carpetes é entrançado, para fundo de cadeira é torcido, para tamos de mesa é encanastrado.

Dimensões

Altura (cm):

39

Largura (cm):

42

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

(medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção. O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Exª providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. "(...) A cestaria é das actividades mais antigas que se conhecem, mesmo entre sociedades que, não dominando as técnicas agrícolas, tinham necessidade de transportar os produtos da colecta e de transferir os haveres no processo de nomadização. Nalgumas sociedades ditas primitivas, a cesta está associada à mulher, representa o território e a marca feminina no cenário da representação social, não podendo ser tocada pelo homem. Na nossa sociedade, porém, são geralmente os homens quem se dedica à manufactura deste artesanato. A cestaria é uma das profissões artesanais que, tendo perdido terreno face ao fabrico em série da indústria (plástico, madeira, metais), conseguiu recuperar uma posição significativa na parafernália doméstica, não apenas pela sua função decorativa e estética, mas essencialmente por força da sua função utilitária. De facto, a maior parte dos artefactos da cestaria actual não perderam a sua razão de ser: a utilidade prática e a funcionalidade original.

No Alentejo, a cestaria é variada, de acordo com a disponibilidade dos materiais, as necessidades impostas pela vida rural e a imaginação dos artesãos. A matéria prima é caleidoscópica: dos ramos das acácias, passando pela mimosa, pelo lodão e pela palha de centeio (hoje em desuso nestas paragens, mas vulgar há

uma centena de anos); da casca da siva e dos ramos de saigueiros, as giestas, ao piorno, ao junco, ao castanho, ao carrasqueiro (ou "pé de burrico") e ao aloendro (...), mãos habilidosas e calejadas por trabalhos de outros tempos, sabem dar forma estética e prática ao embaraço que a imaginação do artista sabe domesticar. As utilidades das peças são enormes e vão da delicadeza à rudeza: cestos para flores, cestos para o pão, lancheiras e cestos de costura, cabanejos para as azeitonas, alcofas e balaios, tabuleiros e roupeiros, canastras e suportes para cântaros. (...) É uma realidade indesmentível que o artesanato em geral, e a cestaria em particular, se encontra, se tece, se trama e se burila nas mãos dos mais velhos. Estes, que constituem afinal a fonte de toda a cultura tradicional, são o elo de ligação com outras gerações, não para matar saudades e encher os manuais de nostalgias, mas como verdadeiros transmissores de conhecimentos ancestrais. (...) Com a crescente procura de raízes rurais por parte de segmentos importantes das populações urbanas, a cestaria do Alentejo constitui um desafio para as gerações mais novas. (...) [RAMOS, Francisco Martins; 2000]

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadrícula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre "Cestaria" in Artesanato da Região Alentejo	RAMOS, Francisco Martins	Lisboa, Terra Livre, 1980, 125 - 129 Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 433 - 434

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Colecções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Mobiliário

SubCategoria: Acessórios

Denominação: Colcha

Título:

Nº de Inventário: CAT 23.PEL

Sítio Arqueológico:

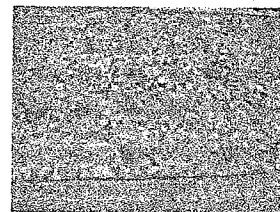
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 23.PEL

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Desconhecido
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Pele, tecido e linha

Suporte:

Técnica: Curtido, amaciado, corte, costura;

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm): 190

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 218

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

HISTÓRIA:

O curtimento e a manufatura de artefactos em pele de animais domésticos, como o boi, o borrego, a cabra, e outras, originou uma série de actividades especializadas, desde as dos simples peleiros, aos curtidores, correiros, seleiros, sapateiros, costureiros e encadernadores.

Existem referências desde a segunda metade do século XV a estas actividades, aquando da criação e regulamentação da Casa dos Vinte e Quatro de Évora, instituída por D. João I, e cuja lista de profissões mecânicas eborenses, onde se incluem albardeiros, curtidores e odreiros, que produziam artefactos de couro como selas, arreios, saffões, alforges, correias, odres, etc, foi definido por D. João II. (PEREIRA, 1989). Estas profissões estavam organizadas em corporações e estabelecidos em ruas ou zonas bem determinadas, como por exemplo a "Rua da Selaria", hoje designada por "Rua 5 de Outubro", em Évora.

Correiros, sapateiros, encadernadores são hoje artes e ofícios em profunda transformação. Apesar de tudo no Alentejo, o artesanato de peles e couros continua a ter alguma representação. Nos três distritos alentejanos - Beja, Évora e Portalegre, cerca de três dezenas de concelhos aproveitam couros e peles, para um diversificado fabrico de peças ligadas ao conforto e decoração de casa, bem como para vestuário ligado ao traje local - pelicos, saffões, pelicas e coletes, calçado, correame, tapetes, almofadas, etc. (VERMELHO, 2000). A procura é hoje bem diferente, sendo que os objectos destinados a satisfazerem uma clientela urbana como carteiras, pastas, luvas e encadernações e algum vestuário são os preferidos.

Quando da constituição do Gabinete do Artesanato Regional do Distrito de Évora (G.A.R.D.E.), em 1962, no âmbito do Museu do Artesanato Regional, existiam as seguintes oficinas dedicadas ao fabrico de peles em laboração: a de José António Cartaxo (Herdeiros) em Estremoz e António Machado, em Évora, e Estevam Augusto.

Júlio António Pimenta e a de Lidório José Piteira, ambas em Nossa Senhora de Machede (concelho de Évora) estabeleceram um contacto mais aproximado com a instituição.

Sobre os produtos de correeira tem-se conhecimento de que Irmantino Albino Canhão (Barbafina), em Estremoz, os produzia. Todos estes forneceram vários artigos para exposição e também para venda ao mercado ao G.A.R.D.E.

A peça possui uma etiqueta com a seguinte referência: "451".

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
"Artefactos - o cesto, as peles" in Expresso		Lisboa, 26-34
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 49-53, 192-198
O couro português: arte, etnografia e história, extracto sobre Évora	PEREIRA, Franklin	(texto policopiado)1989, -
Os correiros em Évora	PEREIRA, Franklin	(texto policopiado)1992, -
Artesanato em couro	FRANK, Gerhard	Lisboa, Editorial Presença, -
"Couros peles" in Artesanato da Região do Alentejo	VERMELHO, Joaquim	Évora, Instituto de Emprego e Formação Profissional, 2000, 377-459
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 29

Documentação Associada:

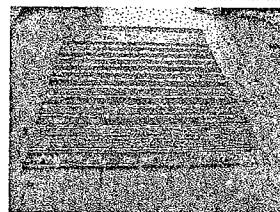
Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Têxteis
SubCategoria:
Denominação: Manta
Título:
Nº de Inventário: CAT 10.TEX
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 10.TEX
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Tecelão	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Fábrica Alentejana de Lanifícios
Centro de Fabrico: Reguengos de Monsaraz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Lã, linha de algodão

Suporte:

Técnica:

Tecelagem em tear mecânico

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

Largura (cm):

156

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm):

216

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalhos agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção. O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)" e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex^a providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. A indústria de lanifícios, concentrou-se na região de Reguengos de Monsaraz devido à existência de rebanhos nesta zona. A Fábrica Alentejana de Lanifícios é das mais antigas que continuam a funcionar, instalando-se há século e meio na vila de Reguengos de Monsaraz. Aqui as mantas alentejanas obedecem a motivos tradicionais com cores diferentes e bastante vivas.

A Fábrica pretende reavivar não só a técnica, como os padrões tradicionais, sem no entanto deixar de se manter a par da inovação dentro da tradição.

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadricula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
--------	---------	--------

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Equipamento de pesca

SubCategoria:

Denominação: Nassa

Título:

Nº de Inventário: CAT 208.CES

Sítio Arqueológico:

Código:

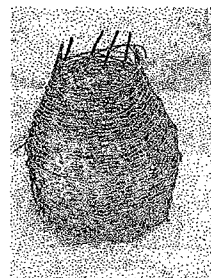


Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 208.CES

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Desconhecido	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Évora - distrito
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Verga

Suporte:

Técnica: Colheita, secagem, "rachamento", divisão, imersão, manipulação

Precisões sobre a Técnica: A verga é rechada com a rachadeira que a divide, em seguida é passada por uma máquina manual onde é subdividida consoante a grossura requerida. Após imersão, este material trabalha-se húmido.

Dimensões

Altura (cm): 0

Largura (cm): 0

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 0

Outras Dimensões: (medidas aproximadas)

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi contrariada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos officios e tarefas do trabalhos agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)e, por outro a "(...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava "(...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica "(...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Exª providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo.

"(...) A cestaria é das actividades mais antigas que se conhecem, mesmo entre sociedades que, não dominando as técnicas agrícolas, tinham necessidade de transportar os produtos da colecta e de transferir os haveres no processo de nomadização. Nalgumas sociedades ditas primitivas, a cesta está associada à mulher, representa o território e a marca feminina no cenário da representação social, não podendo ser tocada pelo homem. Na nossa sociedade, porém, são geralmente os homens quem se dedica à manufactura deste artesanato. A cestaria é uma das profissões artesanais que, tendo perdido terreno face ao fabrico em série da indústria (plástico, madeira, metais), conseguiu recuperar uma posição significativa na parafernália doméstica, não apenas pela sua função decorativa e estética, mas essencialmente por força da sua função utilitária. De facto, a maior parte dos artefactos da cestaria actual não perderam a sua razão de ser: a utilidade prática e a funcionalidade original.

No Alentejo, a cestaria é variada, de acordo com a disponibilidade dos materiais, as necessidades impostas pela vida rural e a imaginação dos artesãos. A matéria prima é caleidoscópica: dos ramos das acácias, passando pela mimosa, pelo lodão e pela palha de centeio (hoje em desuso nestas paragens, mas vulgar há

uma centena de anos); da casca da silva e dos ramos de saigueiros, as giestas, do piorno, do junco, do castanho, ao carrasqueiro (ou "pé de burrico") e ao aloendro (...), mãos habilidosas e calejadas por trabalhos de outros tempos, sabem dar forma estética e prática ao embaraço que a imaginação do artista sabe domesticar. As utilidades das peças são enormes e vão da delicadeza à rudeza: cestos para flores, cestos para o pão, lancheiras e cestos de costura, cabanejos para as azeitonas, alcofas e balaios, tabuleiros e roupeiros, canastras e suportes para cântaros. (...) É uma realidade indesmentível que o artesanato em geral, e a cestaria em particular, se encontra, se tece, se trama e se burila nas mãos dos mais velhos. Estes, que constituem afinal a fonte de toda a cultura tradicional, são o elo de ligação com outras gerações, não para matar saudades e encher os manuais de nostalgias, mas como verdadeiros transmissores de conhecimentos ancestrais. (...) Com a crescente procura de raízes rurais por parte de segmentos importantes das populações urbanas, a cestaria do Alentejo constitui um desafio para as gerações mais novas. (...) [RAMOS, Francisco Martins; 2000]

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 125 - 129
"Cestaria" in Artesanato da Região Alentejo	RAMOS, Francisco Martins	Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 433 - 434

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ

Inventário e Gestão de Coleções Museológicas

INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Meios de transporte

SubCategoria: Acessórios

Denominação: Alforge

Título:

Nº de Inventário: CAT 49.CES

Sítio Arqueológico:

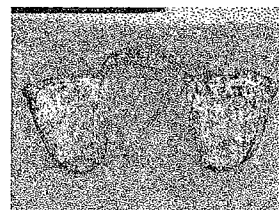
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 49.CES

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Ribeiro, Luiz Artur	Autor	Cesteiro	

Justificação/Atribuição: A atribuição de autoria foi possível mediante a consulta de documentação proveniente dos arquivos do extinto Museu de Artesanato Regional; Luiz Artur Ribeiro forneceu a esta instituição "um par de alforjes esparto para 20 litros a 130\$00" segundo factura datada de 20 de Maio de 1968.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Luiz Artur Ribeiro
Centro de Fabrico: Évora
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): **Ano(s):** 1968 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Luiz Artur Ribeiro forneceu a esta instituição "um par de alforjes esparto para 20 litros a 130\$00" segundo factura datada de 20 de Maio de 1968.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Esparto

Suporte:

Técnica: Entrelaçado

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 58

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

Comprimento (cm): 125

Outras Dimensões: larg. do suporte: 40 cm; diâm. do cesto 42,5 cm;

Peso (g):

Capacidade:

Origem

A sociedade rural, marcada pelos latifúndios do sul e o mundo das aldeias das outras zonas, foi confrontada, em especial desde os anos 60, com processos que modificaram os seus contornos e estruturas. A transformação tecnológica da agricultura e dos hábitos e consumos da população reflectiram-se também nos ofícios e tarefas do trabalho agrícola e rural: os saberes técnicos tornam-se cada vez mais necessários e tendem a substituir os saberes tradicionais. Sendo o Alentejo, tradicionalmente, uma zona rica nesta área patrimonial e fecunda em artesanato, urgia a concepção de uma política de intervenção.

O GARDE - Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora - foi um organismo criado, na década de 60, pela Junta Distrital de Évora para funcionar como entreposto comercial, ou seja enquanto instrumento de ligação entre a oficina artesanal e o comerciante (especialmente o exportador), por forma a que a divulgação, embalagem e distribuição dos produtos originários da arte popular alentejana se processasse em termos de fomento e de incentivo. Nesse sentido foram levados a cabo contactos e pesquisas - com instituições, artesãos, etc. - no intuito de promover o artesanato regional enquanto actividade económica ligada à exportação e ao turismo; para tal terá sido inaugurada, em 1962, uma exposição que terá dado início à colecção do futuro Museu de Artesanato Regional.

Sete anos depois, a 23 de Dezembro de 1969, Eduardo Nery - à altura representante, em Portugal, do World Crafts Council, (UNESCO) - envia ao Presidente da Junta Distrital de Évora, Dr. Armando Perdigão, uma missiva no intuito de recolher informação acerca da: "(...) Exposição permanente de artesanato do Celeiro Comum de Évora, de que tive conhecimento através do Sr. Dr. Artur Nobre de Gusmão, da Fundação Calouste Gulbenkian (...)"; o principal objectivo deste contacto terá sido o levantamento de dados sobre a situação do artesanato português, para uma edição daquele organismo internacional.

Em Janeiro de 1970, na resposta à dita missiva, encontramos informações elucidativas que nos permitem uma caracterização sumária do passado: "(...) Embora funcionando na mesma sala (Celeiro Comum) tivemos a preocupação de separar a parte artística da comercial (...)", ou seja, no mesmo espaço era possível encontrarmos, por um lado, o "(...) Gabinete de Artesanato Regional do Distrito de Évora (GARDE) (...) uma associação do tipo "Grupo dos Amigos do Artesanato" que se preocupa com os problemas da comercialização, exportação, embalagem, etc., tarefas de que a Junta não poderia legalmente ocupar-se (...)e, por outro a " (...) Exposição permanente do Artesanato do Distrito funcionando a expensas da Junta Distrital (...) visando divulgar a nossa arte popular (...)". Esta última integrava " (...) Móveis Alentejanos; Mobiliário de Azinho; Objectos de Azinho; Olaria do Redondo e de São Pedro do Corval; Bonecos (barro) de Estremoz; Tapetes de Arraiolos; Mantas de Reguengos e Alandroal; Cortiça (tarros, miniaturas, etc.); Chocalhos das Alcáçovas; Tapetes de buinho; Ferros forjados; Pelaria e curtumes; Trabalhos de chifre; Aprestos para solípedes (...)", ou seja, constituía uma exibição de todos os objectos fabricados, à altura e no distrito, com recurso aos materiais tradicionais. A exposição representava o carácter contemporâneo da produção artesanal, característica que foi sendo mantida por mais de uma década.

Em 17 de Junho de 1980 - num ofício dirigido ao Presidente da Autarquia - a Presidente da Assembleia, Mariana Calhau Perdigão comunica " (...) Tendo a Exposição de Artesanato Regional do Distrito de Évora sido considerada MUSEU DE ARTESANATO REGIONAL, por deliberação da Assembleia Distrital de Évora, reunida em 30 de Março do ano corrente e, dado o grande interesse da sua maior divulgação, solicito a V. Ex^a providenciar no sentido da sua sinalização (...)", ou seja, a transformação da Exposição permanente num projecto museológico. Tal projecto, no entanto, perdurou apenas cerca de uma década visto que o MAR foi extinto em 1991.

Com o encerramento desta instituição fica por solucionar o destino da colecção - propriedade da Assembleia Distrital de Évora - que é sumariamente inventariada e armazenada, na periferia da cidade, numa pequena arrecadação da Quinta das Glicínias. Dez anos depois, a aposta na constituição de um Centro de Artes Tradicionais - e a consequente transferência deste espólio - permitem a realização de um inventário, sob a égide da Região de Turismo de Évora, no intuito de a tornar parte integrante do património museológico distrital.

A colecção do extinto Museu de Artesanato Regional de Évora (MAR), incorpora uma série de formas e materiais - barro, couro, peles, lã, chifre, madeira, trapo, buinho, cortiça, vime, ferro, cobre, folha de "flandres", pedra, etc. e o seu principal objectivo era o de dar a conhecer o artesanato mais representativo do distrito de Évora, um dos três - com o de Beja e Portalegre - que constituem a vasta região do Alentejo. "(...) A cestaria é das actividades mais antigas que se conhecem, mesmo entre sociedades que, não dominando as técnicas agrícolas, tinham necessidade de transportar os produtos da colecta e de transferir os haveres no processo de nomadização. Nalgumas sociedades ditas primitivas, a cesta está associada à mulher, representa o território e a marca feminina no cenário da representação social, não podendo ser tocada pelo homem. Na nossa sociedade, porém, são geralmente os homens quem se dedica à manufactura deste artesanato. A cestaria é uma das profissões artesanais que, tendo perdido terreno face ao fabrico em série da indústria (plástico, madeira, metais), conseguiu recuperar uma posição significativa na parafernália doméstica, não apenas pela sua função decorativa e estética, mas essencialmente por força da sua função utilitária. De facto, a maior parte dos artefactos da cestaria actual não perderam a sua razão de ser: a utilidade prática e a funcionalidade original.

No Alentejo, a cestaria é variada, de acordo com a disponibilidade dos materiais, as necessidades impostas pela vida rural e a imaginação dos artesãos. A matéria prima é caleidoscópica: dos ramos das acácias, passando pela mimosa, pelo lodão e pela palha de centeio (hoje em desuso nestas paragens, mas vulgar há

uma centena de anos), da casca da siva e dos ramos de salgueiros, as giestas, do pinho, do junco, do castanho, ao carrasqueiro (ou "pé de burrico") e ao aloendro (...), mãos habilidosas e calejadas por trabalhos de outros tempos, sabem dar forma estética e prática ao embaraço que a imaginação do artista sabe domesticar. As utilidades das peças são enormes e vão da delicadeza à rudeza: cestos para flores, cestos para o pão, lancheiras e cestos de costura, cabanejos para as azeitonas, alcofas e balaios, tabuleiros e roupeiros, canastras e suportes para cântaros. (...) É uma realidade indesmentível que o artesanato em geral, e a cestaria em particular, se encontra, se tece, se trama e se burila nas mãos dos mais velhos. Estes, que constituem afinal a fonte de toda a cultura tradicional, são o elo de ligação com outras gerações, não para matar saudades e encher os manuais de nostalgias, mas como verdadeiros transmissores de conhecimentos ancestrais. (...) Com a crescente procura de raízes rurais por parte de segmentos importantes das populações urbanas, a cestaria do Alentejo constitui um desafio para as gerações mais novas. (...) [RAMOS, Francisco Martins; 2000]

Função Inicial/Alterações:

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 125 - 129
"Cestaria" in Artesanato da Região Alentejo	RAMOS, Francisco Martins	Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 433 - 434

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais

Super-Categoria: Etnologia

Categoria: Pedra

SubCategoria:

Denominação: Fruteiro

Título:

Nº de Inventário: CAT 8.PED

Sítio Arqueológico:

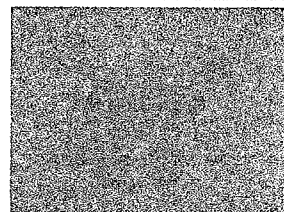
Código:

Tipo: imagem digital

Nº Inv Fotográfico: CAT 8.PED.JPG

Localização: CAT

Autor: Hortense Santos



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Desconhecido	Autor	Escultor	

Justificação/Atribuição:

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Desconhecido
Centro de Fabrico: Desconhecido
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s): Ano(s): 1980 d.C. - 1991 d.C.

Século(s): XX d.C.

Justificação da Data: Na base da peça foi escrito a lápis "7.500\$00" preço que permite situar a sua produção durante a década de 80.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria: Mármore

Suporte:

Técnica: Esculpido e polido

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm): 22

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm): 29

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Possuindo um subsolo rico em mármore, o Alentejo central e capital desta actividade extractiva e transformadora com jazidas de variadas dimensões e profundidade. As variedades desta rocha calcária dissemina principalmente nos concelhos de Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Alandroal, Redondo e Viana do Alentejo, desempenhando o seu domínio económico um papel de relevo, ao constituir uma fonte de rendimento bruto nestas localidades.

Ao ser utilizado enquanto elemento de arquitectura, os pedreiros exploraram as tonalidades que o mármore oferece, desde o mármore branco e puro, tão característicos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa, até ao mármore cinzento escuro, e aos pardos, esverdeados e aos róseos.

A extracção e exploração metódica dos mármore do Alentejo iniciou-se com a presença romana, e se perpetuou pelas épocas manuelina, clássica e barroca.

O mármore tornou-se no toque de distinção na marcação do território urbano das vilas e cidades alentejanas, invadindo edificios de vários estatutos, assim como o território do quotidiano, na sua aplicação urbana e doméstica, em pavimentos, revestimentos, engenhos, fontes, tanques, ornamentos, etc. No entanto, uma das mais contínuas tradições da aplicação do mármore é na arte funerária, em lajes, e jazigos.

No século XX a exploração dos mármore alentejanos beneficiou do despontar das indústrias mecanizadas de transformação e da constituição dos mercados internacionais, permitindo o riquíssimo património da sua tradição assegurar-lhe uma posição privilegiada no contexto nacional e mundial (Uma patine..., 1986).

Na tradição de trabalhar o mármore manualmente foi adaptada a realização de objectos de decorativos e de dimensões reduzidas, revelam um apurado sentido de equilíbrio de formas e uma execução de qualidade superior, no entanto, a diversidade dos modelos é bastante reduzida, centrando-se à volta de vários tipos de jarras, candelabros, castiçais, cerra-livros, cinzeiros, ovos e uma ou outra estatuária (LIMA, 2001).

A peça possui etiquetas com a seguinte referência: "530", "V-8-426". Na base foi escrito a lápis: "7.500\$00".

Função Inicial/Alterações:**Objecto Relacionado:**

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico**Estação:****Camada Estratigráfica:****Quadrícula:****Complexo:****Bibliografia****Bibliografias:**

Título	Autores	Edição
Uma patine milenar - os mármore do Alentejo		Estremoz, Associação de Desenvolvimento da Zona dos Mármore, 1986, 16-43, 56-57, 93-95
"A pedra" in Artesanato da Região Alentejo	RAMOS, Francisco Martins	Évora, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 459-467
Artesanato Tradicional Português - VII - Alentejo	LIMA, Rui de Abreu	Amadora, edição do autor, 2001, 51

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

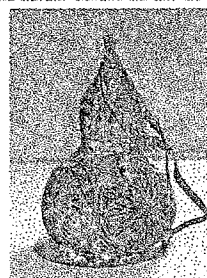


MATRIZ
Inventário e Gestão de Coleções Museológicas
INFORMAÇÃO RESUMIDA SOBRE PEÇAS

Identificação da Peça

Instituição / Proprietário: Centro de Artes Tradicionais
Super-Categoria: Etnologia
Categoria: Utensílios
SubCategoria:
Denominação: Cabaça
Título:
Nº de Inventário: CAT 259.MAD
Sítio Arqueológico:
Código:

Tipo: imagem digital
Nº Inv Fotográfico: CAT 259.MAD
Localização: CAT
Autor: Dulce Correia



Autoria

Autoria:

Nome	Tipo	Ofício	Sinónimos
Gomes, Teresa da Conceição Serol (n. ? - f. c. 1990)	Autor	Artesão	

Justificação/Atribuição: Peça marcada.

Assinatura:

Imagem

Localização:

Produção

Oficina / Fabricante: Teresa da Conceição Serol Gomes
Centro de Fabrico: Estremoz
Local de execução: Portugal
Grupo Cultural:
Entidade Emissora:
Escola/Estilo/Movimento:

Datação

Época / Período

Cronológico:

Data(s):

Ano(s): 1962 d.C. - 1991 d.C.

Século(s):

XX d.C.

Justificação da Data:

Datas limites entre a criação de uma exposição do Artesanato Regional do Distrito de Évora e a realização do inventário do Museu de Artesanato Regional.

Outras Datações:

Informação Técnica

Matéria:

Madeira

Suporte:

Técnica:

Corte, entalhe, polimento

Precisões sobre a Técnica:

Dimensões

Altura (cm):

29

Largura (cm):

Profundidade (cm):

Espessura (cm):

Diâmetro (cm):

20

Comprimento (cm):

Outras Dimensões:

Peso (g):

Capacidade:

Origem

Historial:

Nenhuma arte popular contribuiu tanto para definir a identidade rural do Alentejo quanto a chamada arte pastoril, um conceito vago onde se agrupam, entre outros, as célebres colheres bordadas, os chavões ou pintadeiras utilizados para identificar os pães e bolos no forno comunitário, os polvorinhos e as cornas para transporte de pólvora e alimentos - da qual se escreveu, com mais propriedade poética, do que rigor histórico, terem sido realizados na solidão dos montes, num assomo de comunhão entre o homem, o passado e a natureza. Dos polvorinhos e cornas datados dos finais do século XIX, o e princípios do século XX, que se acredita inspiradas em exemplares africanos, resulta uma grande variedade de fontes e motivos decorativos, sejam geométricos ou figurativos, que como é óbvio derivam da particularidade destes objectos, na maior parte dos casos, serem realizados pelos próprios proprietários, ou então, quando muito, por alguém mais próximo do círculo de amigos e familiares. Objectos de uso pessoal, de cuidadosa estima, geralmente encontram-se marcados com o nome ou as iniciais do proprietário, ou fazem parte das vestes quotidianas, das ferramentas de trabalho, como as protecções anelares, "os canudos", que se adaptam perfeitamente à anatomia do utilizador. A mudança de registo operada, com artesãos especializados para um mercado citadino de objectos decorativos, criou objectos de acabamento perfeito, como motivos que reproduzem um conjunto de ornamentos - flores radiais, linhas em ziguezague, quadrados cortados por diagonais - frequentemente associados à uma cultura rústica, própria dos camponeses. A artesã Teresa da Conceição Serol Gomes, filha de Manuel António Capelins (1924-1974), pastor afamado pelos seus trabalhos de entalhe (BARBOFF, 1982), prosseguiu a tradição familiar com um domínio exemplar na combinação de composições geométricas e figurativas, até o seu falecimento nos anos 90.

Objecto Relacionado:

Denominação	Localização	Nº Inventário	Imagem
-------------	-------------	---------------	--------

Contexto Arqueológico

Estação:

Camada Estratigráfica:

Quadricula:

Complexo:

Bibliografia

Bibliografias:

Título	Autores	Edição
Artes e Tradições de Évora e Portalegre		Lisboa, Terra Livre, 1980, 74 - 76
"O móvel pintado de Évora" in Artesanato da Região Alentejo	MONIZ, Manuel Carvalho	s/l, Instituto do Emprego e Formação Profissional - DRA, 2000, 249 - 251

Documentação Associada:

Tipo	Descrição	Imagem
------	-----------	--------

